UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Luís Henrique Serra

A VARIAÇÃO DENOMINATIVA NO DISCURSO ESPECIALIZADO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL: UMA PESQUISA SOBRE A VARIAÇÃO FUNCIONAL

((VERSÃO CORRIGIDA))

São Paulo - SP

2019

Luís Henrique Serra

A VARIAÇÃO DENOMINATIVA NO DISCURSO ESPECIALIZADO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL: UMA PESQUISA SOBRE A VARIAÇÃO FUNCIONAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como um dos requisitos para obtenção do título de doutor em Letras (Filologia e Língua Portuguesa).
Linha de Pesquisa: Léxico do Português
Orientadora: Profa. Dra. Mariângela de Araújo

((VERSÃO CORRIGIDA))

São Paulo – SP

2019

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S487v

SERRA, Luís Henrique
A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil: uma pesquisa sobre a variação funcional / Luís Henrique SERRA ; orientadora Mariângela de Araújo. - São Paulo, 2018.
146 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Terminologia. 2. variação terminológica. 3. Discurso Especializado. 4. cana-de-açúcar. 5. Variação Linguística. I. de Araújo, Mariângela, orient. II. Título.

fflch UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Luís Henrique Serra

Data da defesa: 18/ 02/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Mariângela de Araújo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, ____/_____/_____

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

SERRA, Luís Henrique. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no brasil: uma pesquisa sobre a variação funcional.** Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa). Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa para a obtenção do título de doutor em Letras (Filologia e Língua Portuguesa).

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Profa. Dra._____ Instituição:_____

Julgamento _____ Assinatura:_____

Profa. Dra _____Instituição: _____

Julgamento_____assinatura:_____

Profa. Dra. _____ Instituição:_____

Julgamento :_____ Assinatura:_____

A Deus, a
minha família
do passado, do
hoje e do
futuro, e aos
amigos.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá

Mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem

Nos encantos de um sabiá

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam

(Manoel de Barros, Deseja Ser. Poema 9, *Livro sobre nada*)

SERRA, Luís Henrique. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil: uma pesquisa sobre a variação funcional.** Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa), Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2019.

RESUMO

Este é um estudo terminológico que parte de uma perspectiva descritiva da comunicação especializada e busca observar a variação denominativa em um universo especializado: a pesquisa tem como objetivo uma investigação sobre a variação denominativa no discurso especializado do universo da cana-de-açúcar do Brasil. O fenômeno foi observado em gêneros textuais de diferentes níveis de especialização e que têm materializações diferentes (oral e escrita). O estudo parte do pressuposto que a variação é um fenômeno natural e importante para os discursos dos universos especializados. Nesse sentido, tem-se como base teórico-metodológica a Teoria Comunicativa da Terminologia e as discussões do campo da Terminologia Textual, entre outros campos da Linguística que têm como foco o texto e seu uso, como a Linguística Textual, a Sociolinguística e a Linguística de *Corpus*. Nesse sentido, esta pesquisa dialoga com os trabalhos de Cabré (1999, 2003), Ciapuscio (2003, 2014), Freixa (2002, 2006, 2013), Finatto e Krieger (2016[2004] entre outros), Seghezzi (2007, 2011, 2013) entre outros autores. Considera-se aqui o modelo das causas da variação elaborado por Freixa (2002, 2013), com especial atenção para as causas funcionais do modelo. Desse modo, o termo, ao longo do trabalho, é entendido como uma unidade lexical em função ou em papel de termo e que o contexto comunicativo é um fator importante para a variação denominativa dos conceitos. Os *corpora* são constituídos por: (i) textos escritos (artigos científicos, apostilas e artigos de divulgação); (ii) textos orais (palestras, aulas e entrevistas). A pesquisa selecionou 20 conceitos do universo canavieiro para serem analisados dentro do universo dos gêneros selecionados, para observar a variação denominativa desses conceitos e analisar os fatores que condicionam a variação encontrada. Os dados analisados mostram que a variação denominativa, além de ocorrer por fatores próprios do sistema linguístico, apresentam razões discursivas, como as especificidades denominativas em contexto comunicativo especializado, público-alvo e a materialização do texto, além do gênero textual utilizado; mostra também os fatores condicionantes da variação atuam coordenados.

Palavras-chave: Variação. Terminologia. Fatores funcionais. Discurso Especializado. Cana-de-Açúcar.

SERRA, Luís Henrique. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil: uma pesquisa sobre a variação funcional.** Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa), Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2019.

ABSTRACT

This is a terminological study that starts from a descriptive perspective of the specialized communication and seeks to observe the denominational variation in a specialized universe: the research aims an investigation on the denominational variation in the specialized discourse of the universe of sugarcane in Brazil. The phenomenon was observed in textual genres of different levels of specialization and that have different materializations (oral and written). The study assumes that variation is a natural phenomenon and important for the discourses of specialized universes. In this way, we have as theoretical-methodological basis the Communicative Theory of Terminology and the discussions on the field of Textual Terminology, among other fields of Linguistics that focus the text and its use, such as Textual Linguistics, Sociolinguistics and Linguistics of *Corpus*. Thus, this research dialogues with the works of Cabré (1999, 2003), Ciapuscio (2003, 2014), Freixa (2002, 2006, 2013), Finatto and Krieger (2016[2004]), Barros (2004), Seghezzi (2007, 2011, 2013) among other authors. It is considered here the model of the causes of the variation elaborated by Freixa (2002, 2013), with special attention to the functional causes of the model. Thus, the term, throughout the work, is taking as a lexical unit in function or in term paper and that the communicative context is an important factor for the denominational variation of the concepts. The corpora are constituted by: (i) written texts (scientific articles, handouts and articles of diffusion); (ii) oral texts (lectures, classes and interviews). The research selected 20 concepts of the Canaveral universe to be analyzed within the universe of the selected genres, to observe the denominational variation of these concepts and to analyze the factors that condition the variation founded. The analyzed data shows that the denominational variation, besides occurring by factors specific to the linguistic system, present discursive reasons, such as the denominational specificities in specialized communicative context, target audience and the materialization of the text, besides the textual genre used; also shows the conditioning factors of the coordinated variation.

Keyword: Variation. Terminology. Functional factors. Specialized Speech. Sugarcane.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sonhar primeiro este momento e me dar condições de realizar tudo na minha vida.

A minha família, em especial, a minha esposa Sarah e ao meu filho Lucas, que resistiram a muitos momentos de ausências minhas. Obrigado pela confiança, pelo sacrifício e por me fazerem querer lutar sempre por vocês.

A minha mãe, irmãos, irmãos, tios e tias... que me deram muita força, apoio incondicional e exemplos para estar aqui e querer ir além sempre; o amor e o carinho de vocês são um refrigério para a alma.

A minha orientadora, professora Mariângela de Araújo, que é um exemplo de generosidade e determinação. Obrigado pelas palavras acertadas, pela inteligência inspiradora e pelo carinho de sempre e por acreditar em mim como seu orientando.

À banca de qualificação, formada pelas professoras Ieda Maria Alves e Fernanda Melo Demai. Obrigado pelas colaborações e as leituras cuidadosas no meu trabalho. Fizeram-me pensar muito sobre ele.

Aos amigos da Universidade Federal do Maranhão, que são muitos e que deixaram esse caminho menos duro. O sorriso, a amizade, as palavras de carinho e o incentivo me fizeram acreditar e me manter firme nessa luta. Obrigado aos professores, aos alunos e aos colegas e amigos que venho conquistando nesses mais de 10 anos de Universidade. Um agradecimento especial às integrantes do Grupo GIELP/UFMA, aprendo muito com vocês e obrigado pelo carinho de todas.

Aos mestres e agora amigos Professores Conceição Ramos e José Mendes, por não medir esforços em apoiar e por acreditar em nós, o povo do ALiMA. As palavras e os ensinamentos nos ajudam muito a prosseguir. Obrigado por todo o apoio.

A minhas amigas e amigos da coordenação de Pedagogia do campus VII da UFMA, as professoras Franciele, Kelly, Severina, Cristiane e Dilmar, pelos conselhos, paciência e parceria. Esperamos poder colaborar ainda mais com o futuro do nosso estado. Agradeço aos meus professores e aos amigos do curso de Letras, em especial, Cibelle, Georgiana e Heloísa, Wendel Santos (com quem reparti grandes momentos, no ALiMA e fora dele), Edson Lemos, Gabriel e Theciana Silveira, pessoas com quem reparto muitos momentos de reflexão sobre a linguagem, alegria e conquista.

Aos amigos da Universidade de São Paulo, em especial, aos amigos Pâmela, Ariane e Lígia, Wellington, Maria Eugênia, Monique e Robson, vocês me divertem e com vocês aprendo muito também. Com vocês o sorriso é gratuito e faz bem à alma.

Aos amigos de São Paulo, Mário e Bárbara. Muito embora não nos vejamos com muita frequência, não posso esquecer da generosidade e do carinho com que vocês me receberam. Estarão guardados para sempre nas minhas lembranças.

E a todo aquele exército de gente que fica impossível nomear, mas que torce por mim, pelo meu sucesso. Muito obrigado pelo apoio, obrigado pelas palavras amigas e pelos sorrisos. Sintam-se representados em cada linha deste trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 01. Reprodução do gráfico de gêneros textuais a partir do meio e da concepção.....p.45

QUADRO 02. Reprodução de uma parte do quadro de gêneros textuais produzido a partir do contínuo de gêneros textuais.....p.46

QUADRO 03. O *Corpus* do estudo.....p.76

QUADRO 04. 20 conceitos do universo da cana-de-açúcar.....p.82

QUADRO 05. 20 conceitos do campo plantação.....p.89

QUADRO 06. Índices de variação denominativa nos gêneros especializados.....p.91

QUADRO 07. Grupos de gêneros especializados pelo índice de variação denominativa.....p.92

QUADRO 08 Grupo de conceitos denominativos por gênero.....p.93

QUADRO 09. Quantidade de palavras no *corpus* comparativo: oralidade e escrita...p.102

QUADRO 10. Índice de variação denominativa no *corpus* comparativo: oralidade e escrita.....p. 102

QUADRO 11. Proposta de classificação dos gêneros textuais de Ciapuscio e Kuguel (2002).....p.106

QUADRO 12. Quadro síntese dos textos especializados.....p. 119

QUADRO 12. Informações finais dos gêneros acadêmicos.....p. 121

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO.....14**
   - **1.1.Proposta e objetivos da pesquisa.....15**
     - **1.1.1. A proposta da pesquisa.....15**
     - **1.1.2. Objetivos e organização da pesquisa.....19**
2. **TERMINOLOGIA: UM CAMPO DE PESQUISA E AS MUDANÇAS DE PARADIGMA.....21**
   - **2.1.Terminologia: definição e história da formação da disciplina.....21**
   - **2.2.Texto especializado e a terminologia textual.....30**
3. **A VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA: PERSPECTIVAS.....35**
   - **3.1.Considerações gerais sobre este capítulo.....35**
   - **3.2. A perspectiva funcional da linguagem: a língua e o uso.....36**
   - **3.3.A Linguística Textual e os gêneros: um contínuo dos gêneros textuais...40**
   - **3.4.Os gêneros textuais acadêmicos e de divulgação orais e escritos: considerações gerais.....50**
   - **3.5.Os estudos terminológicos e a problemática do *corpus*.....51**
   - **3.6.A variação linguística e a Terminologia: aspectos extralinguísticos e funcionais.....54**
     - **3.6.1. A funcionalidade em Terminologia e a variação funcional: algumas considerações.....58**
   - **3.7.A Necessidade de uma pesquisa funcionalista nas pesquisas terminológicas.....65**
4. **METODOLOGIA DO TRABALHO.....69**
   - **4.1.A indústria canavieira e sua produção bibliográfica.....68**
   - **4.2. Considerações gerais sobre a organização do *corpus* e sua análise.....72**
   - **4.3. O *corpus*: características gerais.....75**
   - **4.4. Alguns comentários sobre os *corpora*.....79**
   - **4.5.Consulta a dicionários e a material técnico especializado.....81**
   - **4.6. Os conceitos analisados.....82**
   - **4.7. Os índices de variação denominativa e os conceitos monodenominativos e polidenominativos.....84**
   - **4.8. As ferramentas computacionais Antconc e PdfCandy.....85**

5. A VARIAÇÃO DENOMINATIVA NO DISCURSO ESPECIALIZADO DO UNIVERSO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL: DUAS ANÁLISES.....87
   - **5.1. A denominação/designação e a variação denominativa.....89**
   - **5.2. A variação denominativa no discurso especializado sobre a cana-de-açúcar: discutindo as causas.....89**
   - **5.3.A análise dos gêneros a partir dos resultados da variação denominativa encontrada.....92**
   - **5.4. Os gêneros que apresentam um alto índice de variação denominativa: a palestra e o artigo de divulgação.....96**
   - **5.5. Textos com índice de variação média: a apostila e a entrevista.....98**
   - **5.6. Os gêneros que apresentam um índice menor de variação denominativa: a aula e o artigo científico.....100**
   - **5.7. A variação denominativa e o canal comunicativo: uma amostra.....102**

6. A VARIAÇÃO DENOMINATIVA E O TEXTO ESPECIALIZADO: UM OLHAR SOBRE OS TEXTOS DO UNIVERSO DA CANA-DE-AÇÚCAR.....105

6.1. Classificação dos gêneros especializados: a proposta de Ciapuscio e Kuguel (2002).....107

6.1.1.Os gêneros textuais analisados neste estudo.....112

6.2.A Linguística de Texto e os processos de referenciação.....115

6.3. A variação denominativa e os gêneros textuais: a organização da 7informação.....117

6.4. A coesão, a coerência e a referenciação no texto especializado: mais sobre o papel da variação denominativa no texto.....124

6.5. Algumas considerações sobre a variação denominativa.....129

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....131

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....138

APÊNDICE A.....146

APÊNDICE B.....152

1. INTRODUÇÃO

A variação terminológica é um dos pontos mais importantes estudados pela Terminologia de cunho linguístico nos últimos anos. Ao lado de outros fenômenos linguísticos da comunicação especializada, a variação terminológica, denominativa e conceitual, tem sido objeto de uma série de pesquisas produzidas em diferentes lugares do mundo e que têm mostrado a importância desse fenômeno dentro das linguagens profissionais.

Um dos principais motes das pesquisas terminológicas de cunho linguístico, a variação terminológica, já foi analisada de diferentes perspectivas e com diferentes objetivos, que vão desde o evite ou impedimento da variação até a total aceitação do fenômeno. A abordagem de aceitação da variação, com o advento da Sociolinguística e da Dialetologia no Brasil, tem recebido bastante atenção por parte dos pesquisadores da linguística do Brasil há muitos anos e tem marcado uma das identidades da pesquisa terminológica no Brasil. Nesse sentido, se avolumam pesquisas terminológicas variacionistas que se interessam pelos mais diversos campos de atuação e expressão humana no Brasil, mostrando uma face particular do léxico do português falado no País.

Nesse sentido, qual seria a validade de mais uma pesquisa terminológica variacionista em língua portuguesa? Quais aspectos do fenômeno da variação terminológica ainda não foram abordados pelas diferentes pesquisas sobre a variação terminológica já produzidas no Brasil e em outros lugares do mundo? Muito embora muitos aspectos tenham sido abordados e muitos dos fenômenos sobre a variação terminológica tenham sido abordados, é importante ressaltar duas questões que precisam ser esclarecidas para uma melhor compreensão do fenômeno dentro dos discursos especializados em diferentes campos do saber e fazer humano. Os discursos especializados são oriundos de uma realidade bastante complexa que não se repete dada a própria complexidade do fazer e do ser humano. Nenhuma realidade dos muitos universos especializados é igual a outra e cada realidade é um mundo em si. Obviamente que, diante disso, é possível pensar que o fenômeno da variação terminológica não se apresente do mesmo modo em todos os universos.

Um segundo ponto é que quando se pensa em uma linguagem especializada é necessário observá-la em diferentes perspectivas, visto que os elementos dessa realidade estão interelacionados. Uma simples e rápida mudança em um lado do sistema pode

acarretar modificações em todo o sistema, por isso, não é possível pensar que um processo variacionista em uma linguagem especializada seja o mesmo para todos os discursos especializados, nesse sentido, é necessário observar o fenômeno da variação no maior número possível de áreas do conhecimento. Nesse sentido, Krieger e Finatto (2016[2004], p. 17) comentam que "o léxico especializado contribui para expressar princípios e propósitos que constituem e animam diferentes áreas sociais e sócio-profissionais.".

Outro ponto importante dentro dos estudos terminológicos é que ainda são poucas as pesquisas que contribuem para o entendimento da oralidade nos discursos profissionais. São exemplos de pesquisas nessa direção os trabalhos de Serra (2011, 2015), em que foi trabalhada a fala de pequenos plantadores de cana-de-açúcar do Maranhão, comparando com textos escritos por agrônomos especialistas em cana-de-açúcar; o de Silveira (2017), que analisou as relações lógicas entre conceito em textos falados por quebradeiras de coco do Maranhão; o de Feteiro (2015), que buscou analisar a terminologia utilizada por catadores de castanha do Pará, no município de Oriximminá, no Pará; entre outros trabalhos que analisaram a terminologia oral utilizada por especialistas em algum campo do saber humano. No entanto, quando se pensa em atividades mais tecnológicas ou de profissionais com o número de anos de estudos elevado, essa quantidade passa a ser muito menor. Assim como em outras línguas, o estudo da oralidade especializada ainda é muito tímido frente a um conjunto de pesquisas sobre a escrita especializada.

Atualmente, a Linguística Textual e os estudos de variação linguística já dão uma grande contribuição sobre a realidade oral das línguas naturais, ideias e teorias das quais a Terminologia poderia receber importantes contribuições para o desenvolvimento de estudos sobre a oralidade especializada em língua portuguesa do Brasil. Outros campos da Linguística que também podem contribuir com os estudos da oralidade especializada são a Pragmática (AUSTIN, 1962; GRICE, 1992, GREEN, 1992) e o Sociofuncionalismo (TAGLAMONTE, 2003; MARTELOTTA, 2011; MOURA NEVES, 2004), que têm estudos sobre os gêneros textuais e o funcionamento da linguagem em diferentes situações cotidianas e específicas.

Como se observa, ainda são muitas as lacunas que os estudos sobre a variação terminológica têm deixado e que precisam ser pensadas para que se tenha uma visão melhor acerca do funcionamento da linguagem especializada.

Este estudo busca atender, de algum modo, algumas dessas demandas, muito embora, se entenda que não é possível atendê-las todas em uma só pesquisa. Esta pesquisa

averigua o peso de aspectos que estão ligados ao funcionamento da linguagem e à organização do texto na variação denominativa encontrada no universo especializado da cana-de-açúcar. Buscando alcançar esse objetivo, a pesquisa se associa a um conjunto de teorias e trabalhos que têm analisado a variação terminológica desde uma perspectiva não puramente materialista, mas também, funcional. Parte-se do pressuposto que a variação terminológica é um fenômeno que está condicionado por um conjunto de fatores ligados ao funcionamento da linguagem, fatores que têm sido negligenciados pela pesquisa terminológica de um modo geral.

Esta pesquisa buscou analisar o fenômeno da variação denominativa a partir de um conjunto de textos orais e escritos que estão organizados a partir de um conjunto de fatores e buscou observar o peso desses fatores para a variação denominativa em diferentes instâncias do discurso especializado. Parte-se do pressuposto de que a variação denominativa nesse universo está condicionada por fatores linguísticos e funcionais do universo especializado. O estudo também parte do pressuposto de que a variação denominativa nesse universo apresenta um conjunto variado de formas que têm funções diferentes nos diferentes níveis do discurso especializado do universo da cana-de-açúcar.

1.1.Proposta e objetivos da pesquisa

1.1.1. A proposta da Pesquisa

A Terminologia é uma disciplina que, embora relativamente recente, já goza de um conjunto de pesquisas que a fazem desenvolver-se de modo muito interessante em diversas localidades do mundo. A Terminologia de cunho linguístico tem um conjunto de teorias e pressupostos teóricos e metodológicos que fazem com que a disciplina apresente uma certa maturidade, se se contar o início de sua formação, que remonta às décadas finais do século XX. No entanto, mesmo apresentando esse desenvolvimento, a disciplina ainda tem muito a considerar sobre as recentes descobertas e reflexões da Linguística em suas análises. A proposta descritivista da Terminologia aponta para inúmeros caminhos e ideias que tentam abarcar o universo comunicativo especializado em todas as suas dimensões; todavia, todas as dimensões da Teoria Comunicativa da Terminologia, teoria que dá o tom das discussões das pesquisas linguísticas da Terminologia, ainda não foram alcançadas. Do termo até a situação comunicativa, a Teoria Comunicativa da Terminologia tenta abarcar a prática linguística da comunidade científica desde os leigos até os especialistas com alto nível de especialização, passando por situação comunicativa

e aspectos funcionais, discutindo, inclusive, a pragmática e na cultura dos diferentes universos especializados. No entanto, quando se observa o panorama geral dos estudos terminológicos, essa área de estudos ainda tem muito por fazer para contemplar todas essas dimensões da comunicação especializada, conforme descrevem os pressupostos basilares dessa abordagem.

Krieger, ao fazer um panorama sobre os estudos terminológicos no Brasil, apresenta quais têm sido os principais focos dos estudos terminológicos brasileiros:

> No caso da Terminologia de fundamento linguístico, os principais focos e pesquisa centram-se em torno dos termos e de seu reconhecimento, das fraseologias especializadas, da definição terminológica e ainda dos textos especializados. Este último conceito cobre realizações textuais como artigos científicos, dissertações, teses, relatórios, entre outras possibilidades. (KRIEGER, 2011, p. 448)

Como se observa, a preocupação dos estudos terminológicos, principalmente em âmbito brasileiro, tem sido, com a unidade terminológica e seu status de unidade do conhecimento especializado, dando destaque à face conceitual e denominativa dos termos. Essas propostas, muito mais voltadas para a estrutura, para a forma, têm tomado conta dos estudos terminológico, com isso não há a ampliação das perspectivas de análise da comunicação especializada em toda a sua dimensão. Também como se vê na citação, o estudo do texto especializado ainda é voltado para sua estrutura tipológica ou de gênero textual, deixando de lado um estudo sobre seu uso, recepção e funcionamento dentro dos diferentes universos especializados.

Cabré (1999, p. 82, grifos originais) explica que "(...) o primeiro objeto da terminologia como disciplina são as *unidades conhecidas como terminológicas* que são utilizadas nos âmbitos especializados e essas unidades devem ser analisadas *funcional, formal e semanticamente*". Nesse sentido, o primeiro aspecto colocado pela autora é explicado como sendo a análise da unidade terminológica dentro de um contexto mais amplo, em que são considerados vários aspectos comunicacionais, como o contexto, o texto e a relação entre os especialistas, além dos gêneros textuais e a produção de textos especializados. Alguns trabalhos nesse sentido já foram produzidos por Hoffman (ZILIO; FINATTO, 2015) e Kocoureck (1991), no entanto, surtiram pouco efeito dentro dos estudos terminológicos brasileiros, com algumas exceções. Em seus estudos, esses autores sempre chamam a atenção para a pobre perspectiva puramente formalista que a Terminologia tem tido até então e tentam empreender uma Linguística das Linguagens Especializadas, área da Terminologia que deu as primeiras contribuições para a

observação das linguagens especializadas como um objeto de estudos descritivistas da Linguística e que deveria ser analisada em diferentes dimensões: léxico e textual. Os outros aspectos colocados por Cabré parecem ter muito mais ênfase entre os estudos terminológicos: não faltam estudos terminológicos cujas perspectivas formal e semântica estão em análise, muito embora os termos sejam flagrados em situação *in vivo*, de acordo com os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia.

Outra grande falta dos estudos terminológicos, principalmente no Brasil, são estudos sobre a variação terminológica abarcando aspectos muito mais extralinguísticos do que linguísticos. Os estudos de variação em Terminologia no Brasil têm dado significativa ênfase a aspectos morfológicos, semânticos, quantitativo e até ortográficos, deixando de fora outros tantos aspectos importantes e que colaboram ativamente para a variação em um domínio especializado, que são o contexto comunicativo, o gênero textual utilizado pelo especialista, o canal comunicativo, a linha teórica adotada, entre outros, que são, de acordo com Freixa (2015) e Cabré (2003), causas importantes para a variação terminológica. É importante que a Terminologia observe, com muito mais atenção, essa face da comunicação especializada para que se tenha mais respostas sobre as unidades de conhecimento especializado e seu contexto de uso. Atualmente, já é possível observar inúmeras pesquisas linguísticas, de cunho funcionalista, principalmente, que explicam as causas da variação e das mudanças linguísticas a partir do uso dos elementos do sistema linguístico, e a Terminologia deve também atentar para essas análises, assim como inúmeras outras correntes linguísticas têm feito.

Observando essa quase ausência, entre os estudos terminológicos em língua portuguesa brasileira, de estudos sobre a variação terminológica que, de fato, considerem aspectos funcionais e extralinguísticos, este estudo busca analisar a variação terminológica denominativa em textos orais e escritos de especialistas do universo canavieiro do Brasil, observando aspectos funcionais como o contexto comunicativo, os gêneros textuais e o canal comunicativo, sejam eles escritos ou oral. O estudo se insere entre os estudos da Terminologia Textual e da Teoria Comunicativa da Terminologia, na linha de estudos da variação funcional das linguagens especializadas, e adota o pressuposto de que a variação entre a oralidade e a escrita no universo canavieiro acontece mais por questões extralinguísticas, como contexto comunicativo (portanto, cultural, indentitária e características de um campo especializado), público-alvo do especialista e por causa da materialização do texto, do que por fatores puramente linguísticos. Em outras

palavras, aspecto funcionais e pragmáticos da comunicação especializada colaboram para a variação denominativa em um universo especializado.

Neste estudo, entende-se como variação funcional a variação denominativa causada por aspectos do uso em um discurso especializado. Desse modo, conforme Freixa (2002, 2014), a variação denominativa causada por aspectos funcionais é a categoria de causas que operam, principalmente, no nível da adequação ao nível de especialidade e ao nível da língua, ou de suas modalidades. Nesse sentido, o estudo lança mão de textos orais e escritos publicados em diferentes contextos e gêneros textuais, buscando sempre os que se encontram em uma tipologia próxima, como gêneros acadêmicos escritos e orais (conferência/ artigo científico; aula/ apostila; programa televisivo/ artigo de divulgação) para que sejam feitas comparações que revelem o nível de variação denominativa e as causas dessa variação nos textos analisados. A comparação feita neste estudo objetiva ajudar a compreender os mecanismos da variação terminológica denominativa.

Essa temática surge diante do vazio existente no âmbito dos estudos terminológicos que consideram a oralidade e a escrita, não simplesmente de indivíduos que não têm escolaridade, mas também de indivíduos que têm escolaridade superior e são especialistas em uma área. Nesse sentido, a oralidade é vista como um aspecto do contexto comunicativo do universo especializado da cana-de-açúcar e, tendo em vista que o texto oral é o texto que tem maior características de espontaneidade, o estudo parte do pressuposto de que a análise desse tipo de texto, principalmente em comparação com o texto escrito, permite a observação de fatores funcionais e pragmáticos da comunicação dos universos especializados.

O campo de análise deste estudo é o universo da cana-de-açúcar, uma grande área da economia brasileira responsável por uma parcela importante do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. É importante lembrar que a cana-de-açúcar, no Brasil, é matéria-prima de uma indústria poderosa, que tem um imenso parque industrial e que se estende por diferentes regiões do País. Os estados de São Paulo e Pernambuco são os mais importantes, mas não são os únicos do mercado. Todo esse mercado, além de produzir açúcar e etanol, é responsável por vários produtos que já fazem parte da cultura e do dia-a-dia do brasileiro. Fora esse imenso parque industrial, a cana-de-açúcar também serve ao povo como matéria-prima de inúmeros produtos populares, como a rapadura e a cachaça.

Em seu aspecto industrial, o universo canavieiro apresenta um setor de comunicação bem montado e que atende aos interesses da indústria. Nesse setor, circulam

as diferentes formas dos termos da cana-de-açúcar, que são utilizados nos diferentes contextos comunicativos criados por esse universo. Tendo em vista as inúmeras aglomerações e sindicatos do universo canavieiro no Brasil, o setor canavieiro dispõe também de programas televisivos, além de publicações periódicas de jornais, revistas e panfletos que são distribuídos em todas as regiões onde o setor atua, sem contar os inúmeros sites e blogs das indústrias e dos sindicatos, que abrigam um incontável número de textos técnicos e acadêmicos sobre a cana-de-açúcar. Outra face do setor canavieiro é a de seminários e eventos nacionais e internacionais específicos para discutir a indústria e a produção da cana-de-açúcar, além do financiamento de inúmeras pesquisas científicas no Brasil, que são desenvolvidas em centros internacionais de pesquisas científicas tanto no Brasil quanto fora dele. Todos esses textos, grande parte disponível na internet, servem como *corpus* para esta pesquisa, possibilitando observar a multiplicidade da comunicação especializada desse setor, além de permitir observar os principais fatores que condicionam a variação terminológica denominativa nesse âmbito.

Esta pesquisa, portanto, toma uma perspectiva do texto, mas não o texto em sua pura materialização, mas sim, na perspectiva que assume Finatto (2002, p.348)

> (...) o texto, perpassado pela apropriação da linguagem por um segmento social, é que nos situamos hoje como lingüistas-terminólogos tratando do texto técnico-científico em suas diferentes modalidades e circunstâncias. Consideramos importante, nesse trajeto da nossa disciplina, a contribuição basilar de L. Hoffmann (1982, 1984 e 1988) e também nos permitimos chamar a atenção para o potencial de contribuição das diferentes teorias de texto e de discurso entre as quais destacamos (...) as teorias da enunciação, especialmente as inspiradas nas ideias de Benveniste (1995 e 1989).

Embora essa seja uma preocupação dos estudos terminológicos, no estudo do texto especializado, ainda são poucas as iniciativas nesse sentido. Este estudo apresenta-se como mais uma contribuição nesse sentido. O estudo procura mostrar que mesmo os fenômenos próprios da estrutura da língua também podem ser abordados numa perspectiva do texto.

1.2.Objetivos e organização da Pesquisa

O principal objetivo deste estudo é observar *a variação terminológica denominativa no universo terminológico da cana-de-açúcar, levando em consideração aspectos funcionais, como gênero textual, contexto situacional, canal comunicativo entre outros.* O estudo se volta para os textos orais e escritos e para a comparação entre esses dois modos de uso da linguagem; parte-se do pressuposto de que a variação denominativa

encontrada em uma comparação de textos de gêneros textuais do mesmo campo discursivo (acadêmicos e de divulgação) é resultado de fatores funcionais mais do que de fatores estritamente linguísticos, como a modalidade linguística dos textos (oral ou escrita) ou a morfologia ou a semântica apenas. Nesse sentido, o estudo lança mão de textos de ambas naturezas linguísticas, produzidos por especialistas atuantes em diferentes instâncias discursivas do universo canavieiro, falando e escrevendo para diferentes públicos em diferentes gêneros textuais. O estudo parte do pressuposto de que a análise desses diferentes fatores pode mostrar um conjunto de variedades terminológicas que representam usos e costumes de um campo especializado.

Com a pesquisa, também será possível:

1. problematizar o papel da oralidade dentro dos estudos terminológicos;
2. buscar entender os mecanismos da variação terminológica denominativa nos textos especializados orais e escritos;
3. colaborar com os estudos sobre a descrição dos discursos especializados do português brasileiro;
4. entender o peso de fatores pragmáticos do discurso especializado para a variação denominativa;
5. contribuir com os estudos sobre a variação terminológica em língua portuguesa.

Nesse sentido, o texto está organizado em 5 capítulos: este primeiro capítulo, que traz considerações gerais e pressupostos dos quais a pesquisa parte; um segundo capítulo, em que se observam as diferentes perspectivas sobre a variação terminológica, sobre o texto e as diferentes discussões, dentro da Terminologia sobre a variação terminológica, além de outras temáticas pertinentes dentro do arcabouço teórico elegido para dar base para esta pesquisa; no capítulo seguinte, serão apresentados os dados sobre uma pesquisa terminológica no universo da cana-de-açúcar que tem duas faces: uma quantitativa e a outra que é textual e busca analisar em diferentes perspectivas textos especializados do universo da cana-de-açúcar; por fim, serão apresentadas as considerações gerais e as conclusões do estudo, além das referências bibliográficas que embasaram este estudo.

Espera-se que, com este estudo, outras pesquisas sobre a variação terminológica em textos orais e escrito sejam produzidas e a perspectiva do funcionamento da linguagem

especializada possa ter um enfoque mais representativo dentro dos estudos terminológicos em língua portuguesa.

A Terminologia estuda a comunicação especializada e lhe é inerente aproveitar as mais variadas perspectivas dos estudos linguísticos, pois interessam tanto o todo da linguagem técnico-científica quanto suas partes, mecanismos e propriedades e ambiências.

(Maria José Bocorny Finatto – termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística, *As Ciências do Léxico*, v. 2)

1. TERMINOLOGIA: UM CAMPO DE PESQUISA E AS MUDANÇAS DE PARADIGMA

Nesta parte deste estudo, serão apresentadas considerações acerca da disciplina Terminologia e como ela vem se modificando ao longo do tempo. Serão apresentadas ainda algumas discussões sobre como a disciplina surgiu e se estabeleceu como campo de estudos linguísticos ou não, além de apresentar uma descrição de como as principais linhas teóricas da disciplina têm desenvolvido suas ideias sobre o termo e sobre a comunicação especializada. Serão tecidas considerações gerais sobre os diferentes aportes teóricos e metodológicos da Terminologia e sobre como a disciplina pode desenvolver seu campo de estudos a partir de uma perspectiva mais funcional da comunicação especializada.

Outro ponto discutido ao longo deste capítulo será como a Terminologia tem trabalhado a questão dos *corpora*, além da consideração de fatores pragmáticos e discursivos dentro desses estudos. Também será tratada a relação entre a Linguística Textual e a Terminologia e como essa relação faz nascer um campo de investigação dentro dos estudos terminológicos, voltado para a descrição da variação a partir das noções de texto e de discurso, que é a Terminologia Textual.

O capítulo é encerrado com considerações sobre os estudos da fala, dando especial ênfase aos estudos da fala especializada e sua caracterização como possível objeto de estudos para a Terminologia descritiva.

1.1. Terminologia: definição e história da formação da disciplina

O léxico especializado é uma face do léxico geral caracterizada por algumas peculiaridades. O léxico especializado é formado por um conjunto de elementos que apresentam características semânticas e morfológicas de qualquer outra unidade do léxico geral, muito embora possa haver elementos de semioses diferentes, como símbolos e números, além das letras (ex: formas braquigráficas e fórmulas). As unidades especializadas do léxico são unidades que têm, ao mesmo tempo, um sentido nos

discursos especializados, podendo ter outro no discurso comum e apresentando uma complexidade que afeta a compreensão dessas unidades. Nesse sentido, qualquer elemento lexical pode tornar-se um elemento especializado, tendo em vista que a terminologização[1] é uma característica inerente à qualquer unidade do léxico (KRIEGER, SANTIAGO; CABRÉ, 2013).

Nesse sentido, com o avançar das ciências e das técnicas no mundo e com a popularização do conhecimento e das ciências, o interesse pelas unidades especializadas vem aumentando e encontrando espaço em diferentes campos do saber, principalmente aqueles que se interessam pela comunicação, pela língua e pelos fenômenos que atravessam esses dois aspectos da realidade humana, como a Linguística e as Ciências da Comunicação. Outro contexto em que se observa um intenso interesse pela comunicação especializada é, sem dúvida, o contexto do oficio da tradução, sobretudo nos países multilíngues, em que a política linguística é um modo de afirmação de algumas culturas. Nesses países, a tradução de termos técnicos e de informações da divulgação da ciência para as línguas minoritárias ou pares é uma das tarefas da Terminologia. A partir dos contextos em que a comunicação especializada se concretiza, Auger (apud KRIEGER; FINATTO, 2016[2004]) delimita três grandes orientações do trabalho terminológico, a saber: a linguístico-terminológica, a tradutológica e a de planificação das línguas. A primeira é a que este trabalho aborda com maiores detalhes.

A Terminologia como disciplina científica teve um início que remonta os anos 30 do século XX, embora a prática terminológica, ou seja, a preocupação com as unidades lexicais dos diferentes âmbitos do fazer e do pensamento humano, seja muito antiga. Santiago (2016) lembra que, desde que o homem conhece e se manifesta no mundo, ele tem interesse pelas terminologias. De acordo com Barros (2004), desde o início da história humana, o homem recolhe e registra unidades lexicais específicas dos universos profissionais. O interesse em estudar as unidades lexicais que denominam conceitos específicos dos universos especializados surge a partir do século XVIII, período em que a palavra *terminologia* surge nas grandes enciclopédias e dicionários clássicos da Europa, como matéria que se ocupa da denominação de conceitos próprios das artes e das ciências. Além das ciências e das artes, o comércio, a administração, as áreas financeiras no geral

[1] Entende-se *terminologização* a especialização de uma unidade lexical dentro do discurso de um campo do saber humano. O conceito, desse modo, abarca as unidades do léxico comum que são utilizadas dentro dos discursos científicos e profissionais.

também contribuíram para o entendimento do conceito de palavras utilizadas em domínios específicos (KRIEGER; FINATTO, 2016 [2004]).

Dessa forma, é no século XVIII que as palavras que denominam os conceitos específicos dos domínios especializados recebem maior atenção, principalmente com o desenvolvimento das ciências e do comércio no mundo. Uma importante contribuição vem das ciências naturais, com a classificação dos seres e com a criação da nomenclatura internacional dos seres, iniciada por Aristóteles, no século 300 a.C, e retomada por Lavoisier e Lineu, no século XVIII; estes últimos trabalhos, que ficaram conhecidos como Nomenclatura da Botânica e da Zoologia, influenciam, ainda hoje, os trabalhos das ciências naturais, em especial, as biológicas.

Quando passou a ser abordada pela Linguística, a Terminologia tornou-se uma das ciências conhecidas como Ciências do Léxico, juntamente com Lexicologia e a Lexicografia, sendo a Lexicologia a ciência que oferece grande parte dos subsídios teóricos e metodológicos para as outras duas. L´Homme (2004, p. 23) explica que a Terminologia é uma das áreas da Lexicologia, mas lembra que a diferença entre esses dois campos se dá a partir de seu objeto de estudos e a sua análise. Ela explica ainda que a Lexicologia "é uma disciplina científica cujo objeto de estudo é o léxico da língua [langue][2]". Por outro lado, a Terminologia tem como foco o léxico utilizado nos diferentes campos do saber e da prática humana, sejam institucionalizadas ou não. Krieger (2011, p. 443) também lembra essa distinção entre esses dois campos do conhecimento dos estudos lexicais:

> (...) a Lexicologia se ocupa do chamado léxico geral, enquanto a Terminologia toma o léxico especializado ou temático, que é composto pelos termos técnico-científicos, como seu objeto principal de estudos e aplicações. Por isso, a Lexicologia é tradicionalmente definida como estudo científico do léxico e a Terminologia como a área que recorta do universo léxico os termos técnico-científicos.

Cumpre notar que Eugen Wüster, considerado pai da Terminologia Moderna e um dos fundadores dos pressupostos básicos da disciplina, esforçava-se em diferenciar as duas disciplinas. Krieger e Finatto explicam que "Embora Wüster tenha definido a Terminologia como um ramo da Linguística Aplicada, preocupou-se em assinalar as diferenças básicas entre a própria Linguística e o campo Terminológico, demarcando fronteiras entre as duas disciplinas." (2016[2004], p. 21). Elas lembram, como afirmado

[2] Est une discipline scientifique dont l´objet d´étude est le lexique de la langue.

anteriormente, que, para Wüster, a Linguística se ocupa da língua geral, enquanto que a Terminologia ocupa-se exclusivamente do léxico especializado.

De acordo com Faulstich (1995), foi com o trabalho de Wüster, materializado por meio de sua tese de doutoramento e de seu *Dictionaire multilíngue de la machine-outil: fondamentales (The Machine Tools)*, que o engenheiro austríaco divulga grande parte de suas ideias sobre a comunicação especializada. É com a divulgação e a aplicação das ideias contidas nessas obras que a Terminologia Científica tem seu momento de grande influência nas diferentes áreas do conhecimento humano, tanto nas disciplinas que consideram a comunicação quanto nas áreas mais técnicas e biológicas em seus diferentes âmbitos. Cumpre lembrar que foi o trabalho de Wüster que deu origem ao Comitê Técnico 37 da ISO (International Standard Organization), que é responsável pelas normas internacionais de Terminologia. A publicação dos trabalhos de Wüster é considerada, por muitos, como o início da formação da Terminologia moderna como disciplina científica. Essa fase dos estudos terminológicos é marcadamente prescritivista e tem o ideal de uma linguagem perfeita e unívoca, que não cause problemas para a comunicação universal. Faulstich (1995, p. 1) lembra que "os primeiros trabalhos terminológicos registravam somente o uso aceito ou aprovado de um termo, o que correspondia a algo como uma forma recomendada".

Tradicionalmente, os estudos de Wüster e de seus seguidores são denominados como estudos clássicos da Terminologia, ou Teoria Geral da Terminologia[3], por ser um dos primeiros estudos sistemáticos e com rigor científico das unidades do léxico especializado fora do campo das ciências naturais. No entanto, é importante mencionar os estudos de Lotte, na União Soviética, nos quais era possível observar uma visão mais comunicativa ou linguística das unidades terminológicas na mesma época em que Wüster criara seus primeiros trabalhos, com a diferença de que o trabalho de Lotte não teve o mesmo alcance dos trabalhos de Wüster, talvez, pela barreira do idioma russo, no qual foram escritos os trabalhos de Lotte.

Wüster entendia a Terminologia como um campo multidisciplinar, que se relaciona com a Linguística Aplicada (dado o caráter "prático" desse campo), com as ciências cognitivas e com a lógica, entendida ainda que os dois últimos campos são os

[3] Sobre o nome Teoria Geral da Terminologia, Cabré (2003, p. 165) lembra que Wüster nunca apresentou claramente o desejo de criar uma teoria geral dos termos, o que ficou a cargo de seus seguidores: "the German word exists and is widely used — but always of "Lehre" which implies practical guidelines rather than a purely theoretical approach to a subject. (...) The title The General Theory of Terminology only appeared in later references to this work in French, English and Spanish.".

que recebem maior ênfase na análise das unidades terminológicas e conceituais. Wüster entendia que o termo é uma etiqueta que denomina um conceito, sendo assim a denominação seria a parte que menos interessaria aos estudos terminológicos. Felber (1984, p. 114) traça os fundamentos e objetivos do trabalho terminológico na visão de uma comunicação mais standard ou modelar:

> Os princípios e métodos terminológicos são a base para a unificação do trabalho terminológico. Consiste na análise dos conceitos, a determinação das intenções, a investigação da relação entre os conceitos, o desenho de sistemas conceituais, de tabela de conceitos, a descrição dos conceitos (definição), exercício conceitual – designação (termos, símbolos etc) ou vice-versa, seleção e adequação da palavra ou elemento-palavra para a formação de termo, criação de novos termos corretos etc.[4]

Com o passar do tempo, as ideias wüsterianas passaram por transformações que buscavam uma versão mais ampliada, embora ainda normativista, do universo especializado. Cabré (2003) afirma que, entre outras transformações sofridas pela Teoria Geral da Terminologia destacam-se: (i) a aceitação de algum grau de sinonímia, mesmo que essa sinonímia continuasse sendo evitada, (ii) a fraseologia passava a ser aceita dentro dos estudos terminológicos, (iii) a possível adaptabilidade do conceito nos textos orais e (iv) a formação de novos termos teria uma etapa descritiva. Para Cabré (2003, p. 168), essas modificações não atingem princípios básicos dessa teoria, ou seja, "a prioridade do conceito sobre a designação e, consequentemente, sua autonomia; a precisão do conceito (monossemia), mesmo que a dimensão cognitiva seja admitida; além da concepção semiótica da designação"[5].

Como se observa, a preocupação dos terminológos dessa linha teórica deve ser evitar a ambiguidade e os problemas comunicativos, causados pela ambiguidade de alguns termos em âmbito nacional e internacional. Nesse sentido, a escolha e a utilização de uma unidade terminológica devem seguir um padrão rígido que vise não à comunicação cotidiana, mas sim à profissional unicamente.

É interessante entender que muitas das propostas do engenheiro, embora se apresentassem reducionistas, em alguns pontos, têm coerência com a natureza das

---

[4] Terminological principles and methods are the basis for the unification of terminology work. They concern the analysis of concept, the determination of their intension, the investigation of relationship of concepts, the design of systems of concepts, of tables of concepts, the description of concept (definition), the assignment concept – designation (term, symbols etc.) or vice versa, selection of adequate words or word element for formation of terms, creation of correct new terms etc.

[5] The priority of the concept over the designation, and consequently its autonomy. – The precision of the concept (monosemy), even though dimensions such as parameters of classification are admitted. – The semiotic conception of designations.

linguagens especializadas e, por isso, permanecem ainda hoje, após o interesse dos linguistas pela comunicação especializada. A transdisciplinaridade da disciplina, embora feitas algumas reformulações, não deixou de ser concebida, pela nova Teoria da comunicação especializada, formulada por Cabré a partir de várias discussões anteriores. A permanência e a aceitação dessa natureza apresentam a coerência dos pensamentos wüsterianos, como a própria Cabré apontou em sua formulação (CABRÉ, 2003). Nesse sentido, é importante lembrar também as noções das relações entre os conceitos, amplamente estudadas por Wüster e por seus seguidores, que, em muitos casos, ainda são estudadas, embora recebam um tratamento especial, considerando as diferentes formas que as culturas organizam a realidade, o que leva à variação conceitual (cf. FERNANDEZ SILVA; FREIXA, 2006; KOSTINA, 2009; FERNANDEZ SILVA, 2013), e fenômenos semânticos como polissemia, sinonímia e homonímia. Esses fenômenos ainda são analisados pela perspectiva descritiva dos estudos terminológicos. Todas essas pesquisas atestam a importância dos estudos wüsterianos para a constituição e para as abordagens mais recentes dos estudos terminológicos, sem deixar de atentar para o reducionismo que eles apresentam e que já foi amplamente denunciado por essas mesmas abordagens. Nesse sentido, cabe o comentário de Rey (2007, p. 325, grifos originais):

> A importância histórica do trabalho de Eugen Wüster não é diminuída pelo destaque da natureza limitada da sua estrutura epistemológica. O seu trabalho era, de fato, referente ao aspecto da terminologia, a saber a designação de processos e objetos técnicos, em larga escala para propósitos práticos (*o quid facti)*, em que a justificação teórica e epistemológica (*a quid júris* evocada aqui por Kyo Kageura) ocorre somente *a posteriori*

Muito embora os estudos do grupo que ficou conhecido como Escola de Terminologia de Viena sejam importantes para muitos estudiosos e para algumas áreas do conhecimento, como a própria Terminologia, a Medicina, a Biblioteconomia e alguns âmbitos das Ciências da Informação, a Terminologia, quando recebe os estudos de linguistas, primeiramente por meio dos tradutores e dos estudiosos do léxico, passa por consideráveis transformações, adotando contrapontos da perspectiva de Wüster e retornando a alguns pressupostos iniciais, de Lotte e de Hoffman. Essa nova face dos estudos terminológicos tem início nas últimas décadas do século XX e é profundamente influenciada por linguistas que observam bem mais do que a criação e a constituição morfológica das unidades lexicais.

Essa nova abordagem surge como um contradiscurso às ideias wüsterianas, por serem consideradas muito reducionistas e por deixarem de fora aspectos comunicativos e variacionistas da linguagem especializada, empobrecendo a análise e a visão sobre os termos. A partir das primeiras críticas, muitas outras críticas foram surgindo e conduzindo a Terminologia para um caráter mais descritivo, transformando, de modo profundo, os estudos da área. Os discursos pioneiros, de acordo com Krieger e Finatto (2016[2004]) foram de Alan Rey e de François Gaudin. Ambos fazem objeções às ideias wüsterianas, principalmente por silenciar-se diante do aspecto linguístico das unidades terminológicas e por considerar as unidades lexicais do conhecimento linguístico apenas como um ponto de contato com o sistema conceitual. Para esses autores, uma unidade terminológica é uma unidade da língua e isso influencia em seu uso e em sua existência na comunicação especializada.

A crítica de François Gaudin inicia-se contra a política de internacionalização das terminologias que, nos contextos mais amplos e internacionais, apoia a predominância de línguas predominantes sobre as outras línguas minoritárias, principalmente, no contexto de países bilíngues. Nesse sentido, Gaudin critica os produtos lexicográficos que não apresentam a realidade das linguagens especializadas, impondo um artificialismo nas descrições dos usos linguísticos especializados; essas obras não consideram, por exemplo, a variação terminológica. Desse modo, na década de 1990, baseado em lexicógrafos e terminólogos franceses e quebequenses, como Jean Claude Boulanger, Pierre Lerat e Yves Gambier, ele pensa na Socioterminologia, que é entendida como um campo de estudos e de investigação no qual a discussão sobre as linguagens especializadas aceita a variação denominativa e conceitual. Gaudin (2014, p. 295) explica que, com sua abordagem, "(...) os postulados da biunivocidade da significação do termo, de uma monossemia ligada ao pertencimento a um domínio e de conceito ligado a um método onomasiológico foram postos em questão".

Ainda que tenha, no início uma preocupação glotopolítica, a Socioterminologia busca atentar para o uso variável do termo e sobre os usos institucionais da variação (GAUDIN, 1993). No Brasil, a Socioterminologia recebeu muitos adeptos, principalmente por meio dos esforços de Enilde Faulstich (UnB), que tratou de criar um modelo metodológico baseado nas ideias da Socioterminologia para as pesquisas terminológicas que buscavam essa linha teórica como base (FAULSTICH, 1994, 2001). Atualmente, muitos trabalhos produzidos no Brasil levam em consideração as ideias socioterminológicas.

Uma outra linha teórica na Terminologia que buscou diferenciar-se da linha teórica de Wüster foi a Teoria Comunicativa da Terminologia, que é uma abordagem funcionalista da comunicação especializada. Essa proposta foi elaborada por Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisadores em Terminologia do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade de Pompeu Fabra, de Barcelona, na Espanha. Com ideias que, de algum modo, se contrapunham às discussões implementadas pela abordagem clássica (principalmente a wüsteriana), essa teoria dá ênfase ao caráter comunicacional das unidades terminológicas, levando em consideração o contexto e o funcionamento dessas unidades dentro dos discursos.

Partindo de uma crítica sistemática à grande parte das ideias da Escola de Viena, Cabré cria um conjunto de reflexões e ideias nas quais o fundamento comunicativo das linguagens especializadas é o foco principal. O tratamento vem das mesmas reflexões que criaram a Socioterminologia, com a diferença de que esta é caracterizada apenas como uma posição, um discurso crítico às ideias de monoreferencialidade e de univocidade defendidas por Wüster e seus seguidores. A Teoria Comunicativa da Terminologia, como ficou conhecido o conjunto de reflexões teóricas e metodológicas de Cabré, é uma reflexão ampla e sistemática, com fundamentos teóricos e metodológicos aplicáveis ao trabalho terminológico. A teoria, de acordo com Cabré, é um desenvolvimento de reflexões anteriores sobre a multiplicidade e a poliedricidade dos termos, às quais ela denominava Modelo das Portas. Nesse modelo, a Terminologia é acessada ou pode ser tratada a partir de diferentes prismas, que podem ser o cognitivo, o comunicativo e o linguístico. A Teoria Comunicativa da Terminologia apresenta-se com uma aplicação mais ampla do que a Teoria Geral da Terminologia, formulada e utilizada pelos seguidores de Wüster, uma vez que considera os diferentes âmbitos e as dimensões do universo especializado.

A Teoria Comunicativa da Terminologia apresenta um conjunto de ideias que são basilares para os trabalhos de descrição dos universos especializados, dentre as quais se destacam as ideias de que a unidade do conhecimento especializado não se diferencia, lato senso, das unidades do léxico geral e que, portanto, qualquer unidade do léxico pode chegar a ser termo. Cabré (2005, p. 9) explica que: “Toda unidade léxica seria, pois, potencialmente uma unidade terminológica, ainda que nunca tenham ativado esse valor.

Essa possibilidade permite explicar os processos de terminologização e de desterminologização”[6].

Isso leva a pensar na variação denominativa e conceitual como características próprias e importantes da comunicação humana, respeitando-se as peculiaridades das diferentes atividades humanas. Noções como polissemia, sinonímia e homonímia são encaradas como fenômenos naturais do léxico, portanto, também das unidades especializadas e sua descrição auxilia tanto na definição quanto no registro de uma terminologia. Isso permite afirmar que as unidades lexicais do universo especializado: “São unidades denominativas e designativas que apresentam variação (polissemia e sinonímia)” (CABRÉ, 2005, p. 10)[7].

Tendo em conta a poliedricidade das unidades lexicais, uma terminologia pode ser analisada tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista cognitivo e sociointerativo. Essa postura se dá em oposição à ideia de que a unidade lexical terminológica seria uma unidade do conhecimento apenas.

Outra perspectiva instaurada pela Teoria Comunicativa da Terminologia é a de que a Terminologia deve ter como base de seus estudos e para a composição de bancos de dados terminológicos os textos, tanto de natureza escrita quanto oral. Nesse sentido, toda análise terminológica deve apoiar-se em textos. Nesse sentido, as unidades terminológicas seriam um conjunto de características das entidades dos universos especializados que são ativadas a partir de aspectos cognitivos, semânticos e pragmáticos. A partir disso, o termo não é uma unidade encapsulada, definida antes do uso. O que vai atribuir o sentido especializado de uma unidade lexical é o contexto pragmático e não a estrutura conceitual de um campo do saber humano.

Todas as concepções arroladas acima, principalmente as últimas abordagens, deram razão a um conjunto de concepções teóricas e de tratamentos das unidades terminológicas que se fundamentam em princípios funcionalistas e pragmáticos da comunicação e que têm, nos últimos anos, de acordo com Maciel (2007), aberto um leque de reflexões teóricas e de formas de tratamento teórico-metodológica das unidades lexicais dos discursos especializados. Tome-se como exemplo duas abordagens que têm o texto como objeto de análise: a Terminologia Textual e a Terminologia Sociocognitiva, abordagens teóricas que são reverberações da Socioterminologia e da Teoria

---

[6] Toda unidad léxica sería pues potencialmente una unidad terminológica, aunque nunca hubiera activado este valor. Esta posibilidad permite explicar los procesos de terminologización y desterminologización.”.
[7] Son unidades denominativas y designativas que presentan variación (polisemia y sinomimia)

Comunicativa da Terminologia. As ideias e os conceitos da Terminologia Textual são importantes para os fins desta pesquisa. Por essa razão, passa-se a descrever os principais aspectos dessa abordagem descritiva da Terminologia.

2.2. Texto especializado e a Terminologia Textual

Como se observou, a Terminologia tem tomado uma abordagem muito mais descritiva do termo e tem dado espaço para a análise textual como fonte de muitos dos pressupostos teóricos construídos pela disciplina. Ao longo de sua formação, a Terminologia tem encarado o texto a partir de inúmeras visões, que vão, desde seu aspecto estritamente estrutural até seu aspecto cognitivo e comunicativo.

Nas primeiras abordagens terminológicas, a disciplina evitou o texto como objeto de análise e entendeu que o termo é uma unidade de conhecimento que usa o caminho denominativo para manifestar-se no mundo. Nesse sentido, é possível observar, na teoria wüsteriana, a quase ausência do texto. Todavia, deve-se salientar que, com a aproximação dos estudiosos da linguagem, apesar de ainda se utilizar a teoria clássica nas pesquisas terminológicas, o texto começa a ter lugar nessas pesquisas, uma vez que tradutores e lexicógrafos necessitam do contexto de uso para seu trabalho.

Contrapondo-se à teoria wüsteriana, a abordagem comunicativa da Terminologia trouxe a abordagem textual para dentro das discussões teóricas da Terminologia. Ideias como contexto, texto, discurso e gêneros textuais passaram a ser fatores importantes para a consideração da variação, o que trouxe uma ampla abordagem nesse sentido.

A Teoria Comunicativa da Terminologia, ao pensar que o termo é uma unidade linguística que deve ser captada *in vivo* e ao afirmar que todas as unidades lexicais têm o potencial de se tornarem termos, a partir de um conjunto de elementos cognitivos e pragmáticos, deu maior destaque à preocupação com o texto na identificação do termo e na construção de repertórios lexicais especializados. Nesse sentido, o termo é estudado em sua forma mais real.

De acordo com Zilio (2010, p. 129, grifos originais), além desses modos de tratamento do texto nos estudos terminológicos, muitos outros podem ser observados em diferentes trabalhos da área. Nas palavras do autor:

> Condomines (2005), por exemplo, propõe que, na Terminologia Textual, *os corpora* sejam utilizados para auxiliar o terminólogo na busca por **termo**. Krieger (2008, p. 6), por outro lado, adota o ponto de partida baseado na semiótica greimasiana e deixa claro que, para ela, o termo “terminologia textual” está relacionado à integração de

> componentes de textualidade e da discursividade no aparato teórico-metodológico da terminologia, **cujo objetivo primeiro é o termo técnico-científico.**

No entanto, a história do texto dentro da Terminologia inicia-se cedo, ao mesmo tempo que as discussões sobre os postulados da teoria clássica, na década de 80 (FINATTO, 2004; ZILIO, 2010). Zilio (2010) explica que foi entre os estudiosos de língua germânica que esses estudos se iniciaram na década de 80 do século XX. O autor explica que:

> Os estudos de texto que contêm termos se desenvolveram principalmente no mundo germânico, onde o estudo da *fachsprache* (Finatto, 2004, p. 347), principalmente nos estudos e propostas de Hartwing Kalverkämper (1983) e Lothan Hoffmann (1988ª) como elemento central do estudo das linguagens especializadas." (ZILIO, 2010, p. 130, grifos originais).

O interessante é que esses autores citados por Zilio, em sua época, embora tratassem do texto, não denominavam e nem classificavam seus estudos entre os estudos da Terminologia Textual, mas, Linguística das Linguagens Especializadas, pois buscavam fenômenos que, à época, não eram considerados da Terminologia, uma vez que a Terminologia ainda não havia desenvolvido uma abordagem descritiva, pelo menos, de modo sistemático, como fora nos anos 90 até os dias atuais. Finatto (2004, p. 354) lista um conjunto de reflexões e resultados produzidos por Hoffmann que antecipam, em alguns anos antes, muitas das reflexões que, só mais tarde, a Terminologia veio a dar evidência. Dentre essas reflexões, a autora destaca que Hoffmann entendia que a noção de texto tem de ir além da noção do texto escrito; no plano do vocabulário, ele trouxe reflexões sobre a polissemia, a sinonímia e a homonímia.

A Terminologia Textual, como campo de pesquisas terminológicas, já tem mostrado algumas tendências importantes, que têm trazido reflexões relevantes para o campo da Terminologia. Um trabalho interessante nesse sentido é o de Fetter (2017), que considera aspectos dos estudos do texto especializado e funcionalistas em suas análises. A autora adota os pressupostos e análises da gramática sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen, (2014), da Análise do Discurso da Divulgação Científica (CASSANY; MARTÍ, 1998) e da Terminologia Textual (CIAPUSCIO, 2002) para analisar a estrutura temática de textos de divulgação científica e mostrar a densidade terminológica e temática dos textos de divulgação da área da agricultura familiar.

Outra discussão relevante aos estudos que assumem a linha da Terminologia Textual é a distinção entre texto especializado e texto não-especializado. Nesse sentido,

Ciapuscio (2002) apresenta uma interessante definição cuja amplitude atinge diferentes modelos textuais, além de definir o que é um texto especializado, que seria o objeto de estudos da Terminologia Textual. De acordo com Ciapuscio, a Terminologia, como disciplina linguística, apresenta duas fortes tendências que consideram a natureza do texto especializado: uma que procura fazer diferenciações nítidas em relação aos textos comuns e a outra que observa a diferença entre esses dois tipos de texto a partir de um contínuo.

Na primeira tendência, o texto especializado é um enunciado, geralmente considerado escrito, produzido e publicado em um contexto específico e restrito, caracterizado pela presença de terminologia. Nessa linha de pensamento, um texto só pode ser considerado especializado se for produzido por um especialista em situação de comunicação de seu campo de atuação profissional ou didático. Ciapuscio considera essa visão bastante reducionista e a intitula de linha restritiva da dimensão textual da Terminologia. Por outro lado, a autora afirma haver, entre os estudos terminológicos, uma linha, a que ela se filia, que considera o contexto e a situação contextual e histórica da produção de textos especializados; nesse sentido, ela pensa nos diferentes tipos de textos especializados, podendo ser tanto aqueles tipicamente acadêmicos, como conferências e artigos científicos, quanto aqueles de divulgação científica, artigos publicados em revistas de circulação ampla, jornais e reportagens televisivas.

Para ela, ambos os conjuntos de textos podem ser considerados textos especializados, muito embora cada um apresente um grau de complexidade diferente. Nesse sentido é que ela considera um contínuo no qual é possível observar os textos científicos a partir de diferentes prismas. Para ela, são muitos os fatores que condicionam o contínuo dos diferentes textos especializados: grau de abstração e especificação de um texto, oralidade e escrita, a esfera comunicativa (se restrita ou ampla), os meios e os propósitos do texto: "Embora haja traços fonológicos, morfossintáticos, léxicos e textuais, funcionais e extralinguísticos específicos para cada linguagem específica" (CIAPUSCIO, 2003, p. 28) [8]. Além disso, a autora afirma que: "Definir um texto especializado é uma tarefa complexa para a qual, à primeira vista, – como no nível lexical – parece necessário determinar e decidir que nível ou níveis se empregam como critérios definitório (o tema ou o âmbito temático, a funcionalidade, os usuários?) " (*Idem*, p. 29)[9].

[8] Aunque haya rasgos fonológicos, morfossintáticos, léxicos y textuales, funcionales y extralinguísticos específicos para cada linguaje especial.

[9] Definir un texto de especialidad es una tarea compleja para la cual a primera vista – cono en el nivel léxico – parece necesario determinar y decidir qué nivel o niveles se emplean como criterio definitorio (el tema o ámbito temático, la funcionalidade, los usuários?)

Do mesmo modo, Hoffmann explica a distinção entre as linguagens especializadas e a linguagem comum, considerando a estrutura do texto (elementos terminológicos convivem coerentemente com elementos não especializados) e a situação enunciativa:

> A especificidade das linguagens especializadas, em relação à linguagem comum e em relação às outras sublinguagens, se expressa mais claramente pelo léxico, quer dizer, pelo vocabulário especializado ou pela terminologia, mas também pelo uso de determinadas categorias gramaticais, de construções sintáticas e de estruturas textuais. Há particularidades conhecidas na morfologia, grafia e pronúncia e também na classificação de seus signos gráficos. Portanto, determinadas interpretações feitas tempos atrás, como foi o caso de uma equivalência entre linguagem especializada e somente a sua terminologia, não podiam dar conta da sua essência (FINATTO E ZILIO, 2015, p. 41)

Hoffmann também faz menção à importância que o estudo do texto tem dentro dos estudos descritivos do termo. Para ele, essa é uma noção que distingue a Terminologia prescritiva da descritiva. Nas palavras do autor:

> Se o Trabalho Terminológico prevê que nos ocupemos principalmente com a formação do conceito e das palavras, portanto com o léxico, a pesquisa de linguagens especializadas está relacionada a textos especializados, ou seja, à utilização de elementos do sistema linguístico em condições comunicativas específicas. Na verdade, unidades isoladas ou estruturas resultantes da segmentação do texto em geral sempre estiveram no centro das atenções: palavras, formas gramaticais, ligações de palavras, sintagmas, frasemas e frases. Apenas recentemente considerou-se que o encadeamento de elementos de diferentes níveis linguísticos no âmbito da frase complexa merecia uma pesquisa mais aprofundada. (FINATTO E ZILIO, 2015, p. 42)

Cumpre explicar que aquilo que Hoffmann chama de Trabalho Terminológico é o que se considera como a abordagem prescritiva dos estudos terminológicos na atualidade, ou a linha clássica da Terminologia; as pesquisas de linguagens especializadas são as pesquisas que têm caráter descritivista, mais próximas da Teoria Comunicativa da Terminologia (muito embora essa não tivesse sido criada em sua época) (*cf*. FINATTO, 2004).

Outra problemática importante para a Terminologia Textual é a dos gêneros textuais acadêmicos e como eles se organizam dentro da comunidade científica. A Terminologia Textual quer entender como os falantes especialistas, detentores do conhecimento sobre a organização de alguns gêneros textuais próprios do universo especializado, se utilizam dos textos em sua comunicação especializada. Nesse sentido, a

Terminologia Textual apresenta pesquisas que tratam dos gêneros textuais mais utilizados pelos especialistas e demonstra quais os gêneros mais comuns de uma área do conhecimento. Ciapuscio (2003), por exemplo, entende que a delimitação de um gênero textual especializado passa por alguns critérios que têm natureza funcional, situacional, semântica e formal.

Com esses parâmetros, a Terminologia Textual, em busca de um paradigma diferenciado em suas pesquisas, no sentido de se alinhar ao paradigma mais linguístico-funcional, tem tentado absorver critérios mais pragmáticos e funcionalistas ao definir seu objeto de estudo, o que tem levado a Terminologia, tanto cognitiva quanto textual, a amadurecer e mudar os critérios de análise e a dimensão de seu objeto de pesquisa.

2. A VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA: PERSPECTIVAS

Conocemos también mucho mejor las
realizaciones escritas que las realizaciones
orales relativas a las técnicas.
(Pierre Lerat – Las Lenguas Especializadas)

2.1. Considerações gerais sobre este capítulo

Nesta primeira parte deste estudo, serão apresentadas algumas considerações gerais acerca da pesquisa aqui relatada e serão apresentados princípios epistemológicos da perspectiva funcional da linguagem, que baseia os estudos do texto oral e escrito, além das discussões encontradas em um campo de estudos sobre o texto e os gêneros textuais, a Linguística Textual. Após isso, serão apresentadas considerações gerais sobre a oralidade na terminologia, bem como o modo como a Terminologia pode se beneficiar com esses estudos; parte-se do pressuposto de que a disciplina Terminologia de cunho linguístico, principalmente, tem muito a receber dos estudos sobre a oralidade realizados no Brasil e no mundo, sobretudo para a ampliação das concepções de texto e de discurso, ancorando-se, com isso, nos estudos funcionalistas produzidos no mundo atualmente. Nesta primeira parte, também serão apresentados discussões e pressupostos acerca da oralidade e da escrita como uma problemática pertinente aos estudos linguísticos e terminológicos, além da variação terminológica.

Nesta seção, é feita uma investigação nos estudos sobre o termo, na qual é possível observar como a Terminologia baseia-se, quase que completamente, nos estudos do texto escrito e como isso tem deixado uma lacuna importante na descrição das linguagens especializadas. É possível notar, com uma rápida investigação, como a Terminologia tem seguido ainda um tradicionalismo no qual os aspectos morfológicos e semânticos das unidades especializadas ainda tomam maior espaço na preocupação dos estudos terminológicos. Aspectos como discurso, texto, interação e gêneros textuais discursivos, que são aspectos importantes para explicar muitos dos fenômenos encontrados nas linguagens especializadas, começam a ter mais espaço entre os estudiosos das linguagens especializadas.

Quando se observam os trabalhos em língua portuguesa do Brasil, essa falta fica ainda mais evidente, muito embora seja possível observar trabalhos que andem na contramão dessa realidade, conforme será possível observar ao longo desta seção. O que

a pesquisa tenta mostrar, nesse primeiro momento, é a necessidade que os estudos terminológicos têm de se voltar para aspectos mais funcionais e explicativos da comunicação especializada. Por isso, nesta seção, serão apresentadas considerações sobre o funcionalismo e a perspectiva do uso real da linguagem, seja ela especializada ou não, as diferentes perspectivas teóricas funcionalistas e como essa corrente tem mudado o modo de se estudar a língua ao longo dos anos. Outros temas pertinentes nesta primeira parte são: os tipos de discursos, a oralidade e a escrita entre outros temas importantes para a pesquisa.

2.2. A perspectiva funcional da linguagem: a língua e o uso

Desde o início da Linguística, como ciência da linguagem, é possível observar ideias que levam em consideração o uso social da língua. Saussure, embora admitisse que as diferentes línguas naturais têm um sistema universal que pode ser resumido em algumas dicotomias, que ficaram conhecidas como as dicotomias saussurianas, admitia a língua como um todo formado por diversas partes, que podiam ser psíquicas, sonoras, social e individual. No último caso, Saussure admitia também a existência de uma face da língua que seria de difícil delimitação e que não faria parte do objeto da disciplina, denominada *parole (discurso)* ou, como foi traduzido para o português, *fala*[10]. Nessa primeira perspectiva saussuriana, é possível observar um interesse pelo sistema, sendo a langue (língua) objeto de estudo da Linguística, tendo em vista que essa não é, do ponto de vista do genebrino, um objeto invariável e de difícil delimitação, ao contrário do que é a *parole* nessa teoria. Ainda que Saussure tenha entendido que a língua varie e que a fala seja um aspecto importante da linguagem e da língua, fala, embora anunciada e considerada nas anotações do *Curso*, não representa interesse para os primeiros estudos estruturalistas. É óbvio que, com o aparato teórico e metodológico de sua época e com os objetivos da teoria saussuriana, não era possível, à época, explorar os meandros das outras faces da língua, que eram complexas e variáveis, na visão de Saussure (2006 [1916]).

No entanto, é importante frisar que a perspectiva discursiva ou do uso da língua é iniciada ainda dentro dos estudos da corrente que ficou conhecida como estruturalista, com o modelo conversacional de Roman Jakobson e com outros membros da escola de Praga e Copenhague. Essa escola apresentou os primeiros estudos das que ficaram

[10] Neste momento, é importante lembrar o que escreve Saussure sobre essa denominação, prevendo uma possível ambiguidade desse termo: “Cumpre notar que definimos as coisas e não os termos; as distinções estabelecias nada têm a recear, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas”. (*Curso de Linguística Geral*, 2006, p. 22)

conhecidas como escolas funcionalistas da Linguística. Apesar de o termo funcionalismo apontar para diferentes vertentes, correntes e práticas científicas dentro da Linguística, a ideia funcionalista da linguagem é um pensamento teórico-filosófico no qual a língua deve ser estudada a partir do uso, do seu contexto e de atos da linguagem. Nessa perspectiva linguística, toda a estrutura e a organização da língua, do modo que ela se apresenta, têm razão no uso que os falantes fazem do sistema, e esses usos atingem diretamente esse sistema.

> Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Em princípio se poderia dizer, pois, que o que o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame é a competência comunicativa. (MOURA NEVES, 2004, p. 2)

Nessa nova concepção, advinda de reverberações acontecidas dentro da própria escola estruturalista, operadas, principalmente, por nomes como Martinet e sua noção de função, Jackobson e seu modelo da estrutura da conversação, entre outros, os aspectos extralinguísticos operam sobre as formas dos sistemas, dando-lhes formas e usos devidos ao ato comunicativo, o que nega, portanto, a independência do sistema (*langue)*, ideia tão exaltada no âmbito mais duro da escola estruturalista. Tal perspectiva, no interior das inúmeras perspectivas que compõem a concepção funcionalista da linguagem, observa a língua a partir do seu uso, da sua estrutura conversacional e dos indivíduos que a utilizam. Dessa nova perspectiva, emerge uma diversidade de teorias que observam a língua em diferentes enfoques e trazem resultados bastante interessantes para a Linguística, transformando, profundamente, a identidade da ciência.

Esse novo modo de entender a linguagem – instaurada pelo pensamento funcionalista– não pode ser considerado como novo, sobretudo quando se se toma a perspectiva histórica e filosófica grega, que já afirmam, baseadas em Aristóteles, no século IV, que existe uma relação direta entre forma e função (MARTELOTA; KENNEDY, 2015). A Linguística passou a encarar, finalmente, a fala, concebendo-a como um objeto de análise do funcionalismo. O uso linguístico passou a ser um dos principais enfoques. Juntamente com a fala, a performance, o contexto, os falantes, entre outros fatores, tornaram-se temas importantes para a apreciação das teorias linguísticas, que mudavam, quase que completamente, sua visão com relação aos fatos linguísticos. Os complementos colocados pela filosofia funcionalista no seio das teorias linguísticas

fizeram com que a disciplina concebesse um conjunto de formas de trabalho e análise bastante interessantes e abrangentes e que têm recebido muitos adeptos em todo mundo.

No entanto, é importante frisar que, como fazem Moura Neves (2004) e Pezzati (2004), o que se conhece hoje como funcionalismo linguístico é, na verdade, um conjunto de teorias que buscam, nas primeiras manifestações dessa escola, a função da linguagem. Como se sabe, o funcionalismo foi levado a cabo por escolas americanas e europeias que tomaram caminhos diferentes e imprimiram conteúdos novos à análise linguística, dentre as quais, se destacaram, no continente europeu, a *Escola Linguística de Praga*[11], com destaque para os trabalhos de Roman Jakobson e de Nikolai Trubetskoy, a *Escola de Copenhague*, com Louis Hjelmslev, e a *Escola de Londres*, com John Firth.

> Todos estes e vários outros linguistas europeus dessa época levaram a diante projetos e estudos linguísticos que não foram estritamente formais e estruturais no sentido saussuriano, tendo grande atenção para os aspectos funcionais, situacionais e contextuais ou comunicacionais no uso da língua, não se concentrando apenas no sistema. Deram origem às várias vertentes da linguística de texto e dos diversos funcionalismos. (MARCUSCHI, 2008, p. 33).

Quanto à noção de função, como sinalizam Martelotta e Kennedy (2003), é um emaranhado de noções que apresentam características próximas, mas que devem ser vistas em seu particular, tendo em vista que são muitas noções que esse conceito abarca. Ainda de acordo com esses autores, a noção formalista, muitas vezes, combina elementos estruturais e funcionais, tendo em vista as inúmeras visões e épocas em que esse conceito foi (e ainda está sendo, para alguns) construído.

> A noção de função é um pouco mais problemática, na medida em que vários autores a utilizam para caracterizar suas análises, que nem sempre apresentam características semelhantes. Segundo Nichols (1984), função é um termo polissêmico e não uma coleção de homônimos. Todos os sentidos do termo de certa forma se relacionam, por um lado, com a dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural) e, por outro lado, com o papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento. (MARTELLOTTA; KENNEDY, 2003, p. 18)

Pezzati (2004) explica que a palavra função tem três possíveis sentidos na abordagem funcionalista. Os três estabelecem algum tipo de relação que os elementos da

---

[11] *Escola Linguística de Praga é a designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística. As frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico*. (MOURA NEVES, 2004, p. 17, grifos originais)

língua têm entre si e com outros elementos da comunicação. Essas relações, de acordo com a autora, que se baseia em Labov, podem ser entre elementos do sistema e sua capacidade de comunicação, em que se tem o sentido dado por Martinet, a relação entre os elementos morfológicos e o sentido, onde se observa o sentido dado por Kiparsky, e a relação que os elementos e a organização do sistema linguístico têm com o contexto de uso, a última instaurada por reflexões funcionalistas mais recentes. Dessa forma, para os funcionalistas, a principal e primordial função da linguagem é a comunicativa, muito embora não se vá deixar de notar as outras funções. No entanto, foram as distinções de Jakobson as ideias de Bühler, que entendia que as principais funções da linguagem são a representação, a exteriorização psíquica e a de apelo (cf. MOURA NEVES, 2004, p. 72), que mais se notabilizaram na Linguística. Para Jakobson, todos os enunciados linguísticos eram atravessados por mais de uma das funções, admitindo-se, porém, que há uma hierarquia entre essas funções.

Outra concepção de função da linguagem celebrada pelos linguistas funcionais é a de Halliday, que afirma que a língua tem várias funções: a função ideacional, ou seja, expressar conteúdos; a função interpessoal, ou seja, a possibilidade do falante utilizar a língua de um modo particular em eventos específicos, de maneira que, com ela, ele crê, expressa seu julgamento e baseia sua relação com o seu ouvinte; a função textual, ou seja, as unidades do sistema são contextualizadas, podendo operar no texto e no co-texto. Halliday afirmava que, com essa última função, é que se torna possível ao falante ou escritor criar um texto e ao ouvinte ou leitor decodificá-lo.

Outra grande colaboração da Escola Linguística de Praga, uma das mais conceituadas escolas do funcionalismo, e de outros linguistas funcionalistas é a Gramática Funcional, entendida como “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social” (MOURA NEVES, 2004, p. 15). Pezatti (2004) explica que a Gramática Funcional tem como objetivo chegar a um modelo de usuário de língua natural, além de perceber o papel do usuário dessa língua no contexto comunicacional e como as escolhas linguísticas desse usuário são importantes para as considerações acerca dessa língua. Desse modo, ainda de acordo com Pezatti, são consideradas, nesse modelo teórico-filosófico da gramática funcional, as cinco principais capacidades humanas que atuam sobre a linguagem: linguística, epistêmica, lógica, perceptual e social. Essas capacidades são os motores dos usos linguísticos dos falantes. Assim, no modelo de análise da gramática funcional, dois

sistemas de regras determinam a análise linguística: o linguístico e os modelos de interação verbal da sociedade.

De um modo geral, os linguistas funcionalistas defendem a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação e de interação social, diferente da concepção saussuriana da língua, que era como uma entidade independente e alheia aos usos dos falantes. De qualquer modo, é importante lembrar que a passagem da Linguística de cunho estruturalista para um funcionalista, sem deixar de lembrar da filosofia materialista, foi uma virada epistemológica importante e que trouxe novas perspectivas de análises para toda a Linguística, em diferentes perspectivas. A escola funcionalista deu origem a um grande número de teorias que encararam a fala de Saussure e seu uso, e fizeram desses artefatos teóricos objetos de análise, bem como motivações para as suas conclusões. Cabré (2005, p. 5) explica que a Terminologia recebeu grande colaboração das concepções teóricas do funcionalismo:

> Mas foram a aparição primeiro do funcionalismo linguístico e, mais tarde, a aplicação na linguagem das teorias de base cognitiva, propostas pela filosofia e pela psicologia, os fatores que permitiram dar uma reviravolta definitiva nas teorias da Terminologia e produzir uma proposta adequada para a descrição dos termos na medida em que se incorporam à descrição das unidades linguísticas, seus aspectos semânticos e pragmáticos[12]

A Terminologia, com a concepção da Teoria Comunicativa da Terminologia, está indo por esse caminho, muito embora ainda precise considerar muitos dos aspectos elaborados e colocados em operação pelos linguistas funcionalistas.

2.3. A Linguística Textual e os gêneros: um contínuo de classificação dos gêneros textuais

A Linguística Textual é, hoje, um grande campo de estudos que abarca um conjunto de pesquisas que abordam o texto, seu principal objeto de estudos, em diferentes perspectivas. De acordo com Koch (2015), a Linguística Textual tem seu início na década de 60 e 70 e apresenta diferentes fases em sua concepção como disciplina científica do texto, dentre as quais é possível observar diferentes compreensões sobre o texto, que vão desde seu aspecto formal até o funcional. Cumpre notar, assim como o faz Marcuschi (2008), que a Linguística vem, há pouco mais de 40 anos, preocupando-se com o texto, o

[12] Pero fueron la aparición primero del funcionalismo lingüístico, y más tarde la aplicación al lenguaje de las teorías de base cognitiva propuestas por la filosofía y la psicología los factores que han permitido dar un vuelco definitivo a la teoría de la terminología y acuñar una propuesta adecuada de descripción de los términos, en la medida que se incorporan a la descripción de las unidades lingüísticas sus aspectos semánticos y pragmáticos

que mostra o quão recente são os estudos sobre o texto e a quanto a disciplina ainda tem muito a discutir. Para que se compreendam as diferentes visões e conceitos desse campo de estudos, é importante que se entenda também as diferentes visões sobre texto que a disciplina traz em sua prática desde o início, os diferentes pontos que são tratados e aos quais é dada ênfase nos estudos da disciplina. Koch (2015) elenca algumas concepções de texto que predominaram entre os estudos da Linguística Textual e que têm relação com essas diferentes visões da disciplina: (i) texto como frase complexa ou signo linguístico; (ii) signo complexo; (iii) expansão tematicamente centrada de macroestruturas; (iv) ato de fala complexo; (v) discurso 'congelado', produto acabado de uma ação discursiva; (vi) meio específico de realização da comunicação verbal; (vii) processo que mobiliza operações e processos cognitivos; (viii) como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional. Marcuschi (2008, p. 72) entende tee3xto como "um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas". Este estudo adota essa noção de texto por ela ser ampla e atender aos objetivos e à natureza desta pesquisa.

Como se observa, nas oito concepções de texto apresentadas por Koch (2015) e que predominaram em diferentes momentos (às vezes simultaneamente, alerta a autora) da Linguística Textual, o texto é visto como um objeto observado a partir de muitas perspectivas, um signo complexo e como processo, tanto de transformação de elementos linguísticos e do cognitivo humano quanto de interação social. Essas diferentes concepções de texto modelaram o caminho da Linguística Textual, fazendo com que a disciplina acompanhasse as diferentes tendências das ideias linguísticas surgidas ao longo da história da disciplina. A autora afirma ainda que a disciplina mudou muito ao longo de sua formação, tendo passado de uma disciplina que se ocupava, quase que completamente, da materialização do texto escrito para uma disciplina de cunho pragmático que abarca os diferentes textos circulantes na sociedade, bem como de sua produção e recepção pelos falantes.

> De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrástica, gramática textual), depois pragmática-discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência sociocognitiva e interacional: as principais questões que ela se coloca, nesse início de milênio, são as relacionadas com o processamento sociocognitivista-interativo de textos escritos e falados. (KOCH, 2015, p. 159)

Ainda de acordo com Koch (2015), muitos foram os temas tratados pela Linguística Textual: em sua primeira fase, que ela data da década de 60 do século XX,

predominaram os estudos sobre a coesão, a estrutura do texto e sua concepção como objeto semiótico; na segunda fase, que ficou conhecida como a fase cognitivista, em meados da década de 80, ampliaram-se os conceitos de coerência e o número de fatores de textualidade, além da coerência e da coesão; na década seguinte, surgiram grandes estudos sobre a cognição, tendo como base o sociocognitivismo, em que se discutia, nesse momento da Linguística Textual temas como o processamento, a recepção e a construção do texto por parte de seu receptor e o papel do receptor/leitor/ouvinte como indivíduo responsável pelo sentido do texto. Koch lembra também que é nessa década, a década de 90, que surgem os primeiros trabalhos sobre a oralidade e sua relação com a escrita, juntamente com os estudos sobre os gêneros textuais sob a perspectiva das teorias bakhtinianas. A partir dessa época, ainda segundo a autora, surgem diversos estudos sobre a fala espontânea e os grandes projetos de pesquisa sobre a fala brasileira. Muitos desses estudos deram origem a projetos e a grupos de pesquisa sobre a fala.

Koch explica também que uma das principais temáticas da Linguística Textual é, sem dúvida, o estudo dos gêneros, sobretudo sobre a temática das práticas sociais e sua materialização por meio dos gêneros, bem como sua classificação entre os gêneros da oralidade e da escrita. Nas palavras da autora:

> O estudo dos gêneros constitui hoje uma das preocupações centrais da Linguística Textual, particularmente no que diz respeito às práticas sociais que os determinam, à sua localização no *continuum* fala/escrita, às operações estilísticas que lhes são próprias e à sua construção composicional, em termos macro e microestruturais. (KOCH, 2015, p.158, grifo original)

Nesse sentido, a Linguística Textual busca o conhecimento dos diferentes gêneros textuais, partindo da concepção de gênero instaurada por Bakhtin, até chegar às esferas da atividade humana, levando em consideração o uso prático dos gêneros em sociedade. É também preocupação da disciplina a estrutura dos diferentes gêneros textuais e como elas podem se mesclar tendo, com isso, diferentes conotações discursivas ou estilísticas. Este estudo parte do pressuposto de que é a partir dessa visão que a Terminologia pode receber ainda mais colaborações da Linguística Textual, tendo em vista que os gêneros, acadêmicos ou não, dos universos especializados devem ser cruzados, a fim de que se observem diferenças discursivas, lexicais e pragmáticas dos usos desses diferentes gêneros em um mesmo universo discursivo.

O gênero textual, a partir da atual perspectiva da Linguística Textual, é visto como uma prática social, levemente instável e que ordena os usos linguísticos dos falantes.

> (...) “sequência levemente instável de enunciados”, marcadas sócio-historicamente, visto que são diretamente relacionadas às diferentes situações da vida social. É cada uma dessas situações, portanto, que determina a existência de um ou de mais gêneros, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias. (KOCH, 2015, p. 153)

É o que também entende por gênero Marcuschi, acrescentando, ainda, seu papel social e histórico:

> Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que representam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (...) como tal, os gêneros são formas textuais escritas e orais bastante instáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Nesse sentido, ambos os autores corroboram a visão bakhtiniana de gênero, tendo em vista que concebem o gênero textual a partir de sua instabilidade e seu papel social e histórico, além de o gênero ser um veículo dos usos linguísticos. Cumpre lembrar a própria concepção de gênero textual (ou, gênero do discurso) elaborada por Bakhtin (1997, p. 280):

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

O autor acrescenta ainda que são muitos e variados os gêneros textuais porque também são muitos os contextos e situações nas quais a língua humana é utilizada de modo sistemático. Desse modo, tendo em vista as diferentes esferas da atividade humana, o sem número de gêneros textuais que resultam dessas atividades e a complexidade que os gêneros apresentam, Bakhtin distingue os gêneros em dois grandes grupos,

considerados como primários e secundários: o primeiro refere-se aos gêneros que o autor denomina como simples e cotidianos e o segundo corresponde aos gêneros institucionais mais complexos e de pequena circulação social. Cumpre notar, como faz Bakhtin, que a junção de gêneros das duas naturezas pode acontecer, muito embora o autor fale exclusivamente da transformação dos gêneros primários em secundários (BAKHTIN, 1997). Ressalta-se, nesse sentido, a definição de gênero secundário, importante para este estudo:

> Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica (...) (BAKHTIN, 1997, p. 282)

Como se observa, Bakhtin inclui os gêneros científicos e acadêmicos dentro do grupo dos gêneros secundários, portanto, mais complexos. Os gêneros textuais utilizados neste estudo, palestras, entrevistas televisionadas e aulas, serão relacionados com outros gêneros também complexos, mas escritos, como o artigo científico, a matéria jornalística e a apostila. Portanto, essa é uma noção importante que deve ser melhor compreendida e, para que se compreenda a noção de gênero secundário, cumpre apresentar a noção de campo discursivo. Marcuschi (2008, p. 155, grifos originais) entende por campo discursivo a "esfera da atividade humana (...) que indica *instância discursiva*"; ele acrescenta que não indica um gênero textual específico, mas abarca vários deles. Ele afirma ainda que "constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios e específicos como uma rotina enunciativa institucionalizada". Nesse sentido, toda esfera da atividade humana tem um conjunto de enunciados instáveis, que nascem de práticas linguísticas rotineiras, e que marcam essa atividade.

Desse modo, pode-se entender que o campo discursivo é um conjunto de práticas linguísticas, materializadas por meio de gêneros textuais específicos ou não, e que caracterizam um campo da atuação humana. Nesse sentido, o campo acadêmico e o campo da divulgação são duas esferas da atividade humana ou domínios discursivos que têm seus próprios gêneros e podem ser considerados secundários. Muito embora Bakhtin tenha dado ênfase ao caráter da escritura dos gêneros textuais secundários, essa visão, na

atualidade, foi modificada e ampliada, possibilitando pensar em gêneros textuais secundários orais.

Considerando o conceito de gênero e de domínio discursivo, do modo que é discutido na Linguística Textual, cumpre lembrar a classificação e a denominação dos gêneros textuais. Ainda que os autores da área tentem fugir da classificação dos gêneros textuais, tendo em vista a imensa dificuldade em classificar os gêneros devido à multiplicidade de atividades humanas e às características de alguns textos, que podem ser classificados como suporte ou serviço, Marcuschi (2008) apresenta uma classificação que leva em consideração a materialização do texto e os diferentes domínios discursivos da atividade humana, denominada contínuo de gêneros.

> Parece que o contínuo verificado entre fala e escrita também tem seu correlato no contínuo dos gêneros textuais enquanto forma de representação de ações sociais. Se observarmos a questão sob esse ângulo, veremos que a comparação entre fala e escrita suscita novas hipóteses para a análise do fenômeno. (MARCUSCHI, 2008, p. 190).

Antes de apresentar o contínuo de gêneros, Marcuschi chama a atenção para o fato de a fala e a escrita não poderem ser consideradas como elementos dicotômicos, duas formas separadas do mesmo sistema, embora apresentem elementos diferentes. Ele explica que fala e escrita "são realizações de uma gramática única, mas, do ponto de vista semiológico, podem ter particularidades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala" (MARCUSCHI, 2008, p. 191). A partir dessa compreensão, Marcuschi apresenta seu modelo tipológico dos gêneros, que se organiza dentro de um contínuo considerando as esferas da atividade humana e a materialização do texto.

Existem alguns tópicos importantes no modelo do contínuo dos gêneros de Marcuschi, que são o de concepção e de meio: as duas noções estão relacionadas à materialização e ao meio social no qual os textos circulam na sociedade. Marcuschi (2008, p. 192) explica esses dois pontos importantes de sua proposta: "(...) a concepção diz respeito à versão original e o meio diz respeito ao modo de recepção". Nessa ideia, é possível pensar produção dos gêneros textuais e sua materialização, ou seja, há gêneros que têm sua materialização (ou concepção) na escrita e não na fala e vice-versa, como é o caso das conferências, que, embora possam ter um aspecto de escrituralidade, ou seja, organização textual de um texto escrito, na grande maioria das vezes, apresentam-se como um texto oral, em outras palavras, quase sempre, quando se fala no gênero textual

conferência, pode-se pensar em um gênero textual concebido na oralidade. Por outro lado, o gênero textual artigo científico é um gênero que tem sua materialização escrita, portanto, pertence ao domínio dos gêneros textuais escritos; no entanto, é importante frisar que essa concepção diz respeito à utilização ou à materialização do gênero, e não a sua natureza, tendo em vista que são muitas as formas pelas quais um gênero pode se materializar. É como explica Marcuschi (op. cit, p. 190):

> Não se trata de postular que o texto é concebido oralmente ou concebido por escrito sob o ponto de vista cognitivo, mas que a forma original de sua produção é escrita ou oral. Assim, a expressão "*concepção"* aponta para a natureza do meio em que o texto foi originalmente expresso ou exteriorizado. (...) portanto, a concepção (oral ou escrita) indica o meio original de produção, mas não a natureza do ato cognitivo de criação, já que seria inoportuno postular que se possa conceber textos por escrito ou oralmente sob o ponto de vista cognitivo. (Grifos do original)

Portanto, é por isso que é possível pensar em textos orais que tenham a concepção oral; do mesmo modo, é possível conceber textos escritos que tenham a concepção escrita. Por outro lado, o mesmo conceito se aplica se se trocam os elementos dessa proposição, ou seja, é possível pensar em textos orais com concepção escrita, bem como textos escritos com concepção oral e vice-versa. Essa concepção está na base do *continuum* dos gêneros textuais concebido por Marcuschi. Para melhor entendimento dessa ideia, reproduz-se um quadro de Marcuschi, no qual é possível observar a classificação de alguns gêneros a partir da ideia de meio e de concepção do modo como ele pensa:

Quadro 01: Reprodução do gráfico de gêneros textuais a partir do meio e da concepção

Gênero Textual	**Meio**		**Concepção**	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita
Conversação espontânea	X		X	
Texto Científico		X		X
Noticiário de TV	X			X
Entrevista publicada na *Veja*		X	X	

Fonte: Marcuschi (2008, p. 193)

Como se observa, alguns gêneros textuais são concebidos e tem como meio de divulgação ou de materialização escrita ou oral; no entanto, há outros tantos que são

concebidos no domínio da cultura oral ou escrita, e são materializados em meios diferentes. É a partir dessa característica dos gêneros que Marcuschi cria seu contínuo tipológico dos gêneros textuais, no qual de um lado do contínuo é possível encontrar os gêneros textuais cuja materialização ou concepção e o meio são orais e do outro os gêneros cuja concepção e cujo meio são gráficos. No decorrer do contínuo, é possível observar vários gêneros cujo meio é escrito e a concepção é sonora, como os casos das entrevistas gravadas e publicadas em revistas, entre muitos outros casos nos quais é possível observar um paralelo de concepção e de meio dos gêneros de pontas distintas do contínuo de gêneros. Partindo do contínuo tipológico dos gêneros textuais, Marcuschi apresenta alguns exemplos de gêneros textuais a partir do seu domínio discursivo e da materialização. Segue um quadro, reproduzido a partir de Marcuschi (2008), no qual é possível organizar alguns gêneros textuais a partir de concepções gerais e do contínuo dos gêneros.

QUADRO 02: Reprodução de uma parte do quadro de gêneros textuais produzida a partir do contínuo de gêneros textuais

DOMÍNIO DISCURSIVO	**MODALIDADE DE USO DA LÍNGUA**	
	Escrita	Oralidade
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	Artigo científico, verbete de enciclopédia, relatórios científicos, nota de aula, diário de campo, teses, dissertações, monografia, glossário, artigo de divulgação científica, mapas, gráficos, resumos, resumo de artigo de livros...	Conferências, debates, discussões, exposições, comunicações, aulas participativas, entrevista de campo, exames orais, exames finais, seminário de iniciantes, arguição de tese, seminários temáticos, entrevista de seleção de curso...

Fonte: Marcuschi (2008)

Marcuschi explica que o modelo ajuda a entender uma face da problemática da classificação ou da identificação dos gêneros, no entanto é necessário compreender que os conceitos de oralidade e escrita são utilizados não apenas como materialização dos gêneros, mas também como esferas discursivas próprias de culturas letradas. O próprio Marcuschi (2008, p. 192) adverte: “defendo que o som não é uma condição suficiente para a definição de língua falada. O som é apenas uma condição necessária, mas não suficiente”. Ou seja, para ele, a oralidade é um conjunto de elementos sociais e linguísticos que estão na base da comunicação feita a partir da oralidade. Por outro lado, do mesmo modo, o autor entende a escrita a partir do mesmo prisma. Nesse sentido, é importante lembrar a definição de escrita dada pelo autor em 1997: “A escrita seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção

textual-discursiva com suas próprias especificidades" (MARCUSCHI, 1997, p. 126). Como se nota, oralidade e escrita aqui devem ser entendidas de modo diferente, para além da materialização. O autor também lembra que a noção de escrita, do modo como ele entende, pode ser compreendida a partir da noção de letramento, que ele define como os usos sociais da escrita. A oralidade, por sua vez, diz respeito a um conjunto de usos sociais cujas práticas são produzidas em contexto de escolaridade ou não.

A partir dessas ideias e do contínuo de gêneros de Marcuschi, é possível pensar na comparação entre gêneros de âmbitos diferentes, buscando identificar semelhanças e diferenças entre esses gêneros, tanto discursivas quanto da estrutura. Como apontava Bakhtin (1997), qualquer pesquisa linguística tem que levar em consideração os aspectos discursivos e práticos do uso da linguagem, e esta pretende não se refutar dessa obrigação.

De qualquer modo, para que se compreendam com maior clareza os objetivos desta pesquisa, é necessário observar as características dos gêneros na esfera acadêmica e de divulgação, tendo em vista suas especificidades e semelhanças.

2.4. Os gêneros textuais acadêmicos e de divulgação orais e escritos: considerações gerais

Conforme já se observou ao longo deste estudo, o gênero textual é uma atividade linguística ligada às diferentes esferas do saber e do fazer humano, uma prática linguística na qual os usos linguísticos seguem um modelo quase rígido. Nesse sentido é que todas as entidades e organizações humanas e sociais utilizam a linguagem, conforme alerta Bakhtin (1997), ressaltando-se, no entanto, que cada entidade utiliza a língua de um modo próprio e específico, muito embora seja possível observar práticas comuns nas diferentes esferas: frisa-se também que essas práticas linguísticas modelares é o que se pode denominar gêneros textuais. A ciência, as comunidades acadêmicas, como instituições humanas e sociais, do mesmo modo, fazem uso da língua de um modo específico, de um modo que atenda as diferentes necessidades dessa esfera do fazer e do saber humano. Isso implica que todos os indivíduos participantes dessa esfera são usuários e reconhecem as práticas textuais desse domínio. Como lembra Motta-Roth (1998, p. 12),

> (...) para ser membro de uma determinada comunidade disciplinar, é preciso manejar as convenções comunicativas/pragmáticas dessa comunidade. Assim, 'competência comunicativa' em EAP[13] deve incluir a consciência discursiva – como gêneros do discurso funcionam, com que objetivos, através de que escolhas gramaticais, lexicais, metadiscursivas, etc. Tal consciência é básica no desenvolvimento de

[13] English for Academic Propose

> habilidades comunicativas que possibilitem ao aprendiz construir sua identidade e demarcar posicionamentos no discurso científico.

Desse modo, é possível pensar em gêneros textuais orais e escritos próprios do universo acadêmico, como os que foram observados no quadro dos gêneros acadêmicos apresentado anteriormente. Esses gêneros apresentam um modo específico de comunicação que foi consagrado pela prática discursiva do campo científico. Considerando a classificação dos gêneros de Bahktin (primário e secundário) pode-se classificar os gêneros acadêmicos entre os gêneros secundários, dada a complexidade de sua produção e seu papel diante da sociedade. É como lembra Motta-Roth (2009, p. 135): "O projeto de pesquisa e o artigo acadêmico são exemplos de gêneros complexos ou gêneros secundários, conforme Bakhtin (1986, p. 62): gêneros mediados essencialmente pelo texto escrito que demandam um saber especializado de seus participantes".

É preciso lembrar que cada gênero textual obedece a uma necessidade específica do universo a que está vinculado: "Um artigo acadêmico, um *abstract*, uma monografia, uma dissertação, uma resenha ou um livro têm funções diferentes. Cada um desses **gêneros** pode ser reconhecido pela maneira particular com que é construído" (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 23-24, grifos originais). Essa distinção pode ser dada a partir de critério linguísticos e não-linguísticos, como tema e objetivo do texto, público-alvo e natureza, e a organização das informações que serão divulgadas por meio desse gênero. Desse modo, é possível concluir que muitos são os gêneros da academia, que se diferenciam a partir de fatores pragmático-discursivos. No caso dos gêneros escritos, é possível pensar em, a depender do gênero, textos grandes, com um público-alvo maior e cuja circulação é mais ampla ainda, fatores que o emissor leva em consideração na escrita do seu texto. Por outro lado, nos gêneros acadêmicos orais, é possível observar, a depender do gênero, textos curtos (se se considerar que uma conferência, por exemplo, tem, no máximo, 2 horas) que têm a função de divulgação mais local e mais rápida, com o estilo mais espontâneo do que o texto escrito.

No entanto, se se consideram os diferentes públicos aos quais a comunicação científica atinge, é importante lembrar os discursos de divulgação científica, que podem ser considerados um âmbito da esfera científico-acadêmica, que tem características próprias, dado o público-alvo a que se destinam. Esse discurso ou área discursiva da ciência, que tem uma importante relação com a comunicação, apresenta um conjunto de textos que, embora divulguem o conhecimento científico, apresentam características que não seguem o rigor dos gêneros acadêmicos prototípicos. Por exemplo, dificilmente, um

artigo de divulgação científica, publicado em uma revista ou em um site de divulgação científica, tenham o mesmo rigor, principalmente no estilo, na estrutura e no uso de linguagem, de um artigo científico publicado em um periódico científico, cuja circulação é acadêmica; ambos podem tratar do mesmo assunto, mas de modos e níveis de profundidade diferentes. O discurso da divulgação científica nasce da necessidade da ciência de ampliar seu alcance na sociedade e da comunicação entre indivíduos com graus de conhecimentos assimétricos. Motta-Roth (2009, p. 136) lembra a importância desse âmbito discursivo para a ciência: "Textos de PC [popularização da ciência] são essenciais para a sobrevivência das áreas de conhecimento, uma vez que a sociedade só apoiará pesquisas em áreas construídas discursivamente pela mídia como relevantes". Muitos são os atores desse campo da ciência. Esses indivíduos podem ser cientistas, jornalistas e técnicos nas diferentes áreas do saber, tento em vista as particularidades dos diferentes campos do saber humano. Ainda de acordo com Motta-Roth (idem. p. 130): "O processo de PC desenvolve-se assim com o apoio de uma infinidade de atividades e atores além do cientista, tais como os elaboradores de políticas públicas, jornalistas, técnicos, historiadores e sociólogos da ciência bem como o público".

Os textos escritos e orais analisados neste estudo podem ser classificados entre os textos dessa esfera discursiva artigo científico/ conferência, entrevista de televisão/ artigo de divulgação científica, aula/apostila, a fim de se observar até que ponto as características desses gêneros são importantes para a variação terminológica no universo canavieiro. Desse modo, este estudo levará em consideração as diferentes ideias sobre os gêneros textuais, tanto acadêmicos quanto de divulgação.

2.5. Os estudos terminológicos e a problemática do *corpus*

Com a Linguística de C*orpus*, o papel do texto escrito tem sido de fundamental relevância para os estudos do léxico das línguas naturais. Textos atuais e antigos têm servido de *corpora* às diferentes pesquisas sincrônicas e diacrônicas sobre o léxico especializado em suas diferentes possibilidades de análise. Isso tem levado os estudos terminológicos a resultados que são importantes para a compreensão dos fenômenos linguísticos no nível lexical. É nesse sentido que se têm avolumado pesquisas sobre o léxico do português, fornecido importantes informações sobre a natureza e o comportamento das palavras nos diferentes textos em nossa sociedade, nos diferentes usos que os falantes fazem deles, nas diferentes esferas do saber e do conhecimento humano.

Por meio dos estudos de processamento de *corpora* em grandes quantidades, com textos escritos publicados na internet, os estudos lexicais têm evoluído e têm formado um campo de conhecimento amplo e bem estruturado, apresentando um conjunto de teorias e práticas de análise que têm ampliado a compreensão sobre a natureza do papel da palavra nas línguas naturais. Dentre as diferentes áreas que se utilizam da Linguística de *Corpus* como suporte metodológico, sem dúvida, a de estudos do léxico é das que mais se utilizam das teorias e dos métodos dessa disciplina. Sardinha (2004, p. 328) nota que, no Brasil, a Linguística de *Corpus* é uma disciplina que não alcança grandes espaços entre as pesquisas linguísticas e que a Lexicologia é um dos poucos âmbitos nos quais é possível observar sua predominância. Nas palavras do autor: "No Brasil, a Lingüística de Corpus ainda é incipiente. A pesquisa em corpus se dá em centros mais voltados ao Processamento de Linguagem Natural, Lexicografia e à Lingüística Computacional".

Processamento de textos e de dados com um volume grande apresenta-se como uma ferramenta que resolve muitos dos problemas dos terminológos de perspectiva descritivista. Estes buscam a investigação científica e descritiva das terminologias, como recolha e seleção de textos e termos, por exemplo. Krieger (2011, p. 449) comenta a atuação das teorias e da metodologia da Linguística de *Corpus* no âmbito dos estudos terminológicos.

> [Em Terminologia] há os estudos com fins aplicados, que se voltam à produção de glossários, dicionários temáticos e mesmo bancos de dados terminológicos. Hoje, no Brasil, contamos com um número crescente de produtos terminológicos resultantes de trabalhos de estudiosos da Terminologia. Acrescente-se ainda que muitos desses trabalhos têm se valido de dados de corpora organizados com linguagens especializadas, revelando uma interface produtiva da Terminologia com a Linguística de Corpus.

Gaudin (2015, p. 294), por sua vez, também lembra que a Terminologia, se se integrasse completamente aos estudos linguísticos e se diferenciasse dos estudos normativistas, precisaria alinhar-se com a Linguística de *Corpus*. Nas palavras de Gaudin: "As aquisições para integração da terminologia à linguística se aproveitam dos inícios da Linguística de *Corpus*, cujo desenvolvimento acompanha um movimento societário que põe a linguagem no centro das preocupações econômicas e industriais".

Mesmo assim, é preciso entender que o casamento entre as duas disciplinas trouxe um tópico bastante importante para ser discutido pela Terminologia, principalmente em seu aspecto metodológico, e que tem relação com a natureza dos *corpora* utilizados pelos terminológos, quanto aos resultados apresentados pelos estudos

produzidos pela Terminologia como campo científico: com a intensificação do uso dos *softwares* gratuitos e com a intenção de aumentar o número de dados analisados, o terminológo tem buscado analisar muito mais o texto escrito e deixado de lado o texto oral especializado. O texto escrito, com o avançar de banco de dados e da facilidade do acesso aos textos on-line, tem sido um recurso primordial para a Terminologia como disciplina Linguística. Maciel (2013) afirma que toda pesquisa terminológica prescinde de um *corpus* digitalizado e de um programa computacional, mostrando a sistematicidade da presença do texto escrito na pesquisa terminológica. Além disso, é importante frisar que o grande problema não é tanto o fato de o texto ser escrito ou oral, ou de ser a Linguística de Corpus, que também será utilizada nesta pesquisa, mas sim o uso sistemático de uma ou de outra forma da linguagem, pois, como lembram Marcuschi e Dionísio (2007, p.15), "(...) não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita".

A Terminologia tem consagrado a ideia de que o texto é o lugar ou o habitat natural do termo e, portanto, se o terminológo busca encontrar os termos consagrados pelo uso de uma área, ele deve buscá-los no texto, fazendo com que, em muitas pesquisas, a única função do texto, nesse sentido, seja a da busca do termo; o texto é apenas a fonte de dados, de modo que, muitas vezes, aspectos importantes do texto terminológico e do funcionamento da linguagem especializada são deixados de fora da análise terminológica. É curioso perceber, entretanto, que algumas dessas pesquisas afirmam estar tomando uma perspectiva funcional das linguagens especializadas. Kocoureck (1991, p. 75) explica que a Terminologia deveria encarar o texto como parte fundamental da análise terminológica, da unidade terminológica, tendo em vista os inúmeros significados e as relações entre essas unidades para a constituição do texto especializado.

> O termo é uma unidade semântica importantíssima nas línguas especializadas (sistema e texto). Além da importância para o plano léxico-semântico, o termo é um instrumento essencial da coerência dos textos especializados, o portador dos semas temáticos e dos conteúdos. Ele representa os nós da teia isotópica, reflete o nível fundamentado de intelectualidade e o grau de circunstâncias de particularização do texto.[14]

[14]: Le terme est une unité sémantique fondamentale de la langue savante (système et texte). En plus de son importance au plan léxico-semantique, le terme est le instrument essential de la cohérence des textes savants, le porteur des sèmes thématiques et du contenu (...). Il représent les noeuds du reséau isotopique, reflete le niveau raisonné d´intellectualisation et de le degré circonstancié de particularisation du texte.

É possível observar que a ideia de texto para a terminologia ainda é muito formalista, principalmente quando se observam os trabalhos terminológicos. O texto, em Terminologia, ainda não é um objeto de estudos, e sim um subterfúgio do termo, ou seja, apenas o lugar em que se encontram as unidades terminológicas, ficando em segundo ou em último lugar na análise, o que demonstra o quanto ainda falta para a Terminologia concretizar a ideia de averiguar o funcionamento real das unidades terminológicas nos universos especializados.

No entanto, não se pode deixar de notar o intenso trabalho de muitos grupos de pesquisa e de alguns pesquisadores nesse sentido, como exemplo, no Brasil, ficam os estudos elaborados pelas professoras Maria José Bocorny Finatto e Maria da Graça Krieger e sua equipe de pesquisadores no Rio Grande do Sul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, na linha de pesquisa Lexicografia, Terminologia e Tradução: relações Textuais, e na Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS), no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, na linha Texto, Léxico e Tecnologia. São exemplos de grupos de estudos e pesquisas que têm buscado relacionar o aspecto textual e comunicativo com os resultados encontrados sobre a natureza da unidade terminológica.

Apesar de serem muitos os trabalhos que surgem desses grupos de estudos, ainda é possível observar, quase que unanimemente, um olhar sobre a unidade lexical como elemento constitutivo de um sistema de signos especializados, dotada de morfologia e de uma semântica especiais, que, geralmente, ocupam lugar privilegiado da análise linguística.

Ainda nesse sentido, o texto oral tem perdido espaço e ficado de lado nas preocupações dos terminológos, o que faz com que haja uma falta, nas análises linguísticas, de uma parte da comunicação especializada. Cumpre lembrar que a atividade descritiva das teorias terminológicas deve abarcar os textos tanto orais quanto escritos, caso se queira ter uma descrição ampla da natureza das linguagens especializadas, conforme é possível ler em inúmeros trabalhos que adotam uma perspectiva funcionalista e descritiva da linguagem (cf. CABRÉ, 2003 e 2007; KRIEGER, 2005, FREIXA, 2002, entre muitos outros). Em outras palavras, as teorias funcionalistas nascidas dentro da perspectiva linguística, de um modo geral, apelam para uma descrição das unidades terminológicas em suas três dimensões: a cognitiva, a linguística e a comunicativa.

No sentido da busca de um caminho diferente de perspectiva sobre o texto, sua materialização e de como seria uma análise nesse sentido, é importante lembrar os

inúmeros estudos sobre a língua falada, realizados por estudiosos de diferentes partes do mundo e que se refletiram no Brasil, instaurando inúmeros projetos semelhantes. No Brasil, esses estudos tiveram origem com o projeto NURC – Norma Urbana Culta Falada no Brasil e o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, projetos que têm dado informações importantes sobre a fala brasileira, além de recursos teóricos importantes para pesquisas no campo da fala. Fora esses projetos, outros exemplos de projetos brasileiros que têm a fala como objeto de estudo é o projeto C-ORAL-BRASIL (da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais), que compila *corpora* de fala espontânea brasileira, nos estilos formal e informal, em grandes bancos de dados e trata esses dados, a partir de teorias da Linguística Cognitiva (cf. MELLO; RASSO, 2013).

Conceitos científicos sobre a fala têm recebido atenção por parte de diversos estudiosos, principalmente, os oriundos das teorias funcionalistas, como os interessados na teoria dos atos de fala e na gramática sistêmico-funcional. Essas teorias têm dado condições teórico-metodológicas para a análise do texto oral em diferentes perspectivas e podem ajudar a ampliar as investigações e as perspectivas dos campos teóricos considerados tradicionalmente estruturalistas, como a Morfologia, a Lexicologia e a Lexicografia. A Terminologia tem sido um dos campos teóricos que se abriram para as ideias das teorias funcionalistas e têm considerado aspectos comunicativos de diferentes naturezas para as análises feitas pelos estudos terminológicos. A própria virada epistemológica vivida pela Terminologia, com o interesse dos linguistas pela disciplina, traz as abordagens funcionalistas da Terminologia, a exemplo da Teoria Comunicativa da Terminologia, que ampliou o trabalho e o interesse da disciplina por diferentes aspectos comunicativos dos universos especializados.

No entanto, quando se observam os estudos terminológicos feitos em língua portuguesa, é possível notar uma predominância de estudos que utilizam *corpora* constituídos por textos escritos, além de ser possível observar também uma predominância de investigações dos fenômenos da estrutura e da face conceitual dos termos, que são explicados a partir de uma perspectiva puramente linguístico-estrutural, deixando de fora as outras faces da unidade terminológica, como a comunicativa e a cognitiva. Por fim, é importante notar que muitos trabalhos terminológicos professam um embasamento teórico, mas, na prática, apresentam outro, como lembra Almeida (2006, p. 86):

> O que se observa, muitas vezes, é que apesar de o embasamento teórico da pesquisa ser a TCT, a prática terminológica ainda se aproxima muito da concepção clássica da terminologia, que estabelece algumas características fundamentais: a) a prioridade do conceito em detrimento do termo; b) a precisão do conceito, o que retoma, de certo modo, a eliminação da ambigüidade e a busca da univocidade; c) a conseqüente abordagem onomasiológica, já que toda a atividade terminológica parte do conceito; d) a proeminência do nível lexical em **detrimento dos demais níveis de descrição lingüística (morfológico, sintático, textual, discursivo)**; e finalmente e) a prescrição. (Destaque não original)

A partir desses aspectos, é importante frisar que, embora o aspecto linguístico-estrutural seja importante para os estudos terminológicos e para a descrição das linguagens especializadas, é também importante ampliar a noção de língua e de comunicação utilizada pela Terminologia, a fim de que se possa ter uma visão mais real da comunicação nos diferentes universos especializados.

2.6. A variação linguística e terminológica: aspectos extralinguísticos e funcionais

Para avançar na discussão acerca da variação terminológica de cunho funcional é necessário discutirmos a variação linguística de cunho funcional e como ela se apresenta dentro do escopo teórico-metodológico da Linguística, sobretudo, de estudos e campos de estudos que se ocupam mais de perto dessas questões, como o fazem a Sociolinguística e a Dialetologia. Não é nosso objetivo aqui esgotar as discussões e apresentar minuciosamente os conceitos desses dois campos, mas apresentar algumas discussões que dialogam com os estudos produzidos em Terminologia, sobretudo com relação à variação terminológica, além de apresentar algumas ideias fundamentais sobre a variação linguística que colaborarão para compreender o fenômeno da variação terminológica.

Nesse sentido, é importante partir do pressuposto basilar desses campos: “Toda Língua comporta variedades: (a) em função da identidade social do emissor; (b) em função da identidade social do receptor; (c) em função das condições sociais de produtividade discursiva.” (CAMACHO, 2004, p. 39-40).

A partir dessa constatação, a Sociolinguística e a Dialetologia têm reunido os motivos que subjazem à variação em grandes grupos que estão estruturados em aspectos da representatividade da língua no meio social. Dessa forma, a variação linguística pode ter vários eixos de causas que são extralinguísticas. Camacho (2004) comenta que, em função da identidade social do indivíduo falante, a variação linguística pode ter uma motivação que é geográfica ou diatópica e também sociocultural (diastrática). Por conta

da relação com outros indivíduos da sociedade, que apresentam uma variação social relacionada com lugar de origem, a idade e nível de escolaridade, bem como, com a ocupação funcional, pode apresentar uma variação que é diafásica ou funcional. Esse último aspecto, além de corresponder às relações com outros indivíduos na sociedade, relaciona-se com a contexto comunicativo em que o indivíduo atua por conta de seu papel social. Bagno (2017, p. 83) explica que a variação diafásica ou de registro se reporta à dimensão do estilo, " (...)o uso pelo falante de determinada variante em lugar de outra obedece a condicionamentos motivados pelo contexto situacional em que ocorre o ato de fala.". O autor lembra nesse sentido que a grande parte das motivações diafásicas da variação linguística estão relacionadas a motivações que são sociais, como classe social, escolaridade ou rede social do outro indivíduo com que o falante se relaciona.

A variação diafásica é aquela em que o indivíduo, por conta do contexto comunicativo e de sua audiência, coloca em jogo sua competência comunicativa de se relacionar em diferentes contextos comunicativos com o código e o canal adequado à situação. Nesse sentido, a variação diastrática também opera nessa mudança, tendo em vista que, para que haja a variação diafásica, o indivíduo precisa se reconhecer dentro de um grupo social com características específicas, como renda, poder aquisitivo, nível de escolaridade e práticas sociais definidas. Nesse ponto, outro conceito da Sociolinguística é muito interessante, que é o conceito de comunidade de prática, tendo em vista que é um conjunto de indivíduos que têm as mesmas práticas sociais e profissionais e, por conta dessa prática, utilizam formas linguísticas comuns. Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 923) comentam que:

> Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum. Na esteira desse engajamento, a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta – uma definição tácita que os indivíduos assumem um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática.

A Comunidade de Prática se diferencia da comunidade de fala, comum nas primeiras abordagens sociolinguísticas, por conta de, na comunidade de prática, não se ter a ideia de que os falantes valorizam (bem ou mal) as formas linguísticas comuns na comunidade, mas sim, as práticas e o consentimento de práticas sociais comuns, envoltas pelo uso da linguagem. Bagno (2017, p. 54) explica que "a ideia se baseia na premissa de que os modos de falar derivam de atividades ou práticas em que se engajam as pessoas

em questão.”. O autor explica ainda que “as comunidades de prática (...) oferecem um meio de explicação para diversos aspectos das identidades dos falantes.”. Desse modo, a própria variação linguística está relacionada também à consciência linguística que o falante tem de pertencer a uma classe social e de prática e de que os falantes devem escolher formas linguísticas adequadas ao contexto comunicativo de prática de que fazem parte.

Dentro de uma comunidade de prática, um indivíduo tem um conjunto de relações que correspondem diretamente ao uso de uma ou outra forma linguística. Um exemplo bastante comum em nossa sociedade é o uso de certas denominações em uma comunidade de prática. Um mesmo especialista têm diferentes práticas dentro de seu contexto comunicativo profissional, ou seja, ele pode, em um dia, dar aula, fazer uma experiência e dar uma entrevista sobre um determinado assunto de que detém conhecimento e formação a um público completamente leigo. A partir desses diferentes públicos que habitam o universo especializado onde ele atua, ele é obrigado a usar uma ou outra forma para comunicar-se com habilidade.

Todas essas discussões dentro dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos têm motivado inúmeros estudos diferentes e têm criado dentro da Sociolinguística, em especial, um conjunto de linhas de pesquisa que estudam aspectos diferenciados da variação sociolinguística. Dentre os muitos campos de estudos da variação diafásica, por exemplo, temos os estudos da Sociolinguística Interacional, que, para Oliveira e Pereira (2016, p. 113), estuda “o uso da linguagem na interação social, seja no contexto espontâneo das conversas cotidianas e face a face, seja no contexto institucional, mediado ou não pela tecnologia”. Nessa perspectiva, os papéis sociais limitam os usos linguísticos que fazem na comunidade de prática.

Todas essas discussões trazem alguma luz sobre os estudos terminológicos porque, de algum modo, o próprio modo de se conceber a variação funcional em Terminologia está relacionando com as ideias e *modus operandi* de muitas dessas abordagens da Sociolinguística em suas diferentes visões acerca dos mecanismos da variação linguística. A partir desses modelos, é importante entender como a Terminologia tem pensado as causas extralinguísticas da variação terminológica no discurso especializado e como essas causas atuam na variação encontrada nos discursos especializados. Conceitos como comunidade de prática, variação diafásica e diastrática colaboram para entender os diversos fatores que condicionam a variação na linguagem, seja ela especializada ou não. Dentre os diferentes motivos que causam a variação

terminológica, será dado um foco nesta discussão, à variação funcional, que é um importante aspecto da variação denominativa e conceitual no discurso especializado.

Cumpre lembrar que a variação funcional é entendida, neste trabalho, como a variação denominativa ocasionada por conta de aspectos próprios ao funcionamento da linguagem, ao contexto de uso e ao canal comunicativo utilizado para comunicação especializada (FREIXA, 2002).

3.6.1. A funcionalidade em Terminologia e a variação funcional: algumas considerações

Para que compreendamos o funcionamento real das linguagens especializadas, é importante colocar em discussão alguns conceitos amplamente trabalhados dentro dos estudos terminológicos, e que são importantes para a compreensão das linguagens especializadas. Nesse sentido, é importante ressaltar Cabré (1999), que lembra que a discussão acerca da própria caracterização da linguagem especializada tem um critério que é de uso. Uma linguagem especializada nada mais é do que um uso específico da linguagem comum e não um subsistema independente da língua. Nesse sentido é que se tem rejeitado que o objeto da Terminologia seja as *línguas de especialidades*. Cabré (1999, p. 152) comenta que as linguagens especializadas "(...) são registros funcionais caracterizados por uma temática específica, empregados em situações de características pragmáticas precisas, determinadas pelos interlocutores (basicamente o emissor), o tipo de situação em que é produzida e o propósito ou a intenção que é proposta a comunicação especializada."[15]. Nessa perspectiva, o próprio conceito do objeto de estudos da Terminologia é constituído a partir de critérios que não são especificamente linguísticos, mas comunicativos e pragmáticos. Cabré (1999) comenta ainda que a comunicação especializada se diferencia dos outros tipos de comunicação por conta de aspectos também relacionados ao uso e ao contexto. Para ela, três são os principais elementos que constituem uma comunicação especializada: a temática de um texto, os falantes ou comunicadores de um texto e a situação em que aquele texto é veiculado.

---

[15] llenguatges d´especialitat són registres funcionals caracteritzats per una temàtica específica, emprats en situacions de característiques pragmàtiques precises, determinades pels interlocutors (bàsicament l´emisor), el tipus de situació en que es produeixen, i el propòsits o intencions que es proposa la comunicació especialitzada.

A temática especializada produzida a partir de um conhecimento que é conscientemente adquirido por meio de um aprendizado explícito e consciente operado por meio da relação com um especialista com conhecimentos sobre a temática, enquanto que o não-especializado é adquirido por meio da experiência e o convívio social. No discurso especializado, segundo Cabré, o tratamento do tema é feito de modo que ele seja conceptualizado.

Outro elemento que confere o caráter especializado a um texto ou a um evento comunicativo é o interlocução, sobretudo, o emissor. Para Cabré: "Os que têm o conhecimento especializado são aqueles que são especialistas, que atuam em todos os casos como emissor da comunicação especializada." (1999. p. 153). Para ela, também podem ser considerados especialistas os indivíduos que tenham um nível mediano e específico sobre determinada temática especializada. Os receptores de um conteúdo ou tema especializado também podem ser considerados um especialista só que, a depender do contexto em que acontece a comunicação especializado, podem ter diferentes características.

O último elemento que caracteriza uma comunicação como especializada é o contexto em que acontece o ato comunicativo. Contexto, nesse sentido, diz respeito tanto à situação, ao local, quanto a outros elementos que estão na base da interlocução. Para Cabré, toda situação comunicativa especializada tem um conjunto de características e práticas linguísticas comuns, como transmissão de conhecimento, tem o estilo formal, e é socialmente regulamentada por um conjunto de especialistas e pela sociedade.

Como se pode observar, muitos são os fatores que condicionam a comunicação em um discurso especializado e quando se trata do contexto comunicativo em que ocorre a comunicação entre especialistas em níveis diferentes de conhecimentos sobre um tema, esses elementos norteiam e caracterizam a situação comunicativa especializada e apontam a estrutura comunicativa especializada.

Partindo desses aspectos e de outros aspectos linguísticos e extralinguísticos da comunicação especializada, Freixa (2002) apresenta um modelo teórico-metodológico de classificação da variação denominativa em Terminologia. Segundo a autora, muitas são os modelos teóricos que buscam reunir as motivações da variação terminológica em grandes categorias, no entanto, vários não dão conta de abarcar todas as causas e motivações. Por essa razão, Freixa reuniu vários modelos e criou um modelo teórico próprio das causas da variação, que abarca vários pontos da comunicação especializada, que reúne aspectos relacionados à subjetividade do especialista, aspectos da interação em

um domínio especializado até chegar a aspectos cognitivos do uso da língua em ambientes especializado. De acordo com Freixa (2006), existem seis grandes blocos de causas que levam à variação no ambiente especializado. As causas são: prévias, dialetais, funcionais, estilísticas, interlinguísticas e cognitivas[16].

As causas prévias são aquelas que são motivadas pela própria variação natural da língua. Por conta da arbitrariedade do signo linguístico, dos processos de mudança linguística ocorridos nos diferentes níveis linguísticos de uma língua natural, é possível afirmar que a variação é inevitável, por conta do próprio código linguístico que está sempre em mudança e variação. As causas dialetais são as causas motivadas por aspectos que são próprios da origem e da formação pessoal e social do especialista ou de um grupo de especialistas. Estão relacionados também a mudanças diacrônicas da terminologia. Desse modo, a variação terminológica é decorrente da diferença geográfica, da realidade econômica e social de um grupo de especialista em relação a outro grupo e do nível de tecnicidade de um especialista. De acordo com Freixa (2002, p. 132-133), "a diversidade de formas para um conceito reflete (...) as condições de produção, as práticas sociais, as restrições de enunciação porque as terminologias no discurso estão ligadas a um objeto, a uma história, a um falante, a uma divisão de trabalho, a uma competição comercial etc.[17]" Toda a complexidade social que atravessa o universo profissional ou uma comunidade de especialistas está relacionada à variação dialetal.

As causas funcionais reúnem um conjunto de elementos que são próprios do uso e do contexto comunicativo em que a comunicação especializada ocorre. Desse modo, elementos como contexto comunicativo, canal utilizado pelo especialista, público-alvo, entre outros elementos, motivam a variação denominativa e cognitiva de um determinado conceito. Como este é um ponto importante para esta pesquisa, discorreremos sobre as outras causas para depois tratarmos com maiores detalhes a variação funcional em Terminologia.

As causas discursivas dizem respeito ao estilo escolhido por um especialista para se comunicar em um determinado contexto de maneira que ele sinta que seu discurso é

---

[16] Em 2013, Freixa apresentou algumas considerações acerca de seu modelo teórico das causas da variação denominativa em Terminologia buscando rever alguns elementos que estão dentro de sua classificação e reorganizar as categorias. À frente, teceremos algumas considerações acerca dessas mudanças no modelo de Freixa.

[17] la diversitat de formes per a un concepte reflecteix, des d'aquest corrent, les condicions de producció, les pràctiques socials, les restriccions d'enunciació perquè les terminologies en discurs estan lligades a un objecte, a una història, a uns parlants, a una divisió del treball, a la competició comercial, etc.

adequado aos ouvintes. As escolhas feitas pelo especialista a fim de buscar a maior eficácia comunicativa possível, para que se adapte ao público-alvo, condicionam a variação denominativa e conceitual em um texto/discurso especializado. Freixa (2002, p. 146) explica que "há um conjunto de razões discursivas, retóricas ou estilísticas que provocam variação denominativa: um falante busca expressões sinonímicas para algo que já foi dito de uma determinada maneira, na tentativa de não ser repetitivo em algumas ocasiões; de ser mais econômico em outras e também de ser enfático, criativo, expressivo."[18]. Desse modo, os especialistas tentam adaptar-se à situação comunicativa, e melhorar a comunicação. Para Freixa, a economia linguística para adaptar-se ao tempo e ao contexto determinado, a tentativa de evitar algumas ambiguidades, repetições e a própria criatividade linguística e comunicativa são algumas atitudes que os falantes/escreventes especialistas têm quando se comunicam em diferentes contextos. Freixa pontua também que a grande diferença entre o grupo de causas funcionais e discursivas é que o primeiro grupo está no eixo da relação do especialista como indivíduo de uma comunidade mais ampla, enquanto que o segundo está no eixo da competência comunicativa do especialista em adaptar-se aos diferentes públicos com que ele se relaciona.

As causas interlinguísticas reúnem um conjunto de elementos que estão relacionados ao contato de especialistas de um país com outros especialistas de outros países ou continentes. Nesse sentido, o contato com uma teoria ou tecnologia estrangeira consideradas melhores acaba levando o especialista, para mostrar ainda sua filiação teórica, a utilizar-se de termos de uma língua estrangeira ou, ainda, decalques ou formas adaptadas dessa língua. Nesse sentido, Freixa explica que, "nesses casos, a motivação dessa escolha pode ser por conta do prestígio, mas também por conta da eficácia comunicativa, já que os termos mais estabelecidos são aqueles que provêm da língua que criou o conceito ou que é veiculado na comunicação internacional."[19] (*idem*, p. 151). Muito embora essa seja uma situação comum em países em que o bilinguismo é uma realidade predominante, em países em que os especialistas estão teorica e

[18] hi ha un conjunt de raons discursives, retòriques o estilístiques que provoquen variació denominativa: un parlant busca expressions sinònimes per al que ja ha estat dit d'una manera determinada en l'intent de no resultar repetitiu, en algunes ocasions; de ser més econòmic, en d'altres; i també de ser emfàtic, creatiu o expressiu, encara en d'altres.

[19] En aquests casos, la motivació d'aquesta tria pot ser la voluntat de prestigi, però també l'eficàcia comunicativa, ja que el terme més fixat sol ser aquell terme que prové de la llengua que ha creat el concepte o que l'ha vehiculat en la comunicació internacional.

tecnologicamente subordinados a outros países, esse uso variável de formas estrangeiras e formas autóctones para conceitos também pode acontecer com frequência.

Por fim, as causas cognitivas da variação terminológica têm origem na própria percepção da realidade que os especialistas têm. Um conceito pode ser percebido de diferentes modos e em diferentes perspectivas, o que leva a uma variação na denominação desse conceito. Freixa (2002) afirma que existem alguns elementos que estão na base desse tipo de variação, como as diferentes formas de conceptualização da realidade feitas pelos especialistas de diferentes países que tratam do mesmo tema, a distância ideológica entre os diferentes especialistas sobre um mesmo conceito e os diferentes tipos e níveis de conhecimento existentes em um mesmo universo especializado. Freixa (2002, p. 152) explica que a variação cognitiva é referente a "diferentes conceptualizações provocadas por diferentes pontos de vista, mas, antes disso, apresentam a imprecisão dos conceitos e o distanciamento ideológico voluntário bem como outras causas cognitivas de sinonímia."[20]. Para Freixa, esses aspectos muito comuns em todos os campos especializados motivam diferentes escolhas lexicais para a denominação dos conceitos. Se um especialista quer demonstrar que está associado a uma ou outra linha teórica ou que usa uma ou outra tecnologia e método, ele tende a utilizar as denominações que estão associadas a essa ideia maior, causando a variação denominativa no discurso especializado.

Em 2013 (FREIXA, 2013), a autora reelabora seu modelo apresentando uma outra organização, em que as causas prévias e as causas cognitivas estão no mesmo nível. Nesse novo desenho de sua proposta, a autora também entende que as causas são mais lineares do que agrupadas em blocos. Para ela, a variação acontece por um conjunto de causas reunidas e uma causa nem sempre atua sozinha na variação terminológica. Sobre classificar as causas cognitivas como prévias, Freixa (2013, p. 43) explica que "As causas prévias e as causas cognitivas de fato são a origem da variabilidade e explicam as alternâncias verbais provocadas pelas causas dialetais, funcionais, estilísticas e as interlinguísticas (quando há alternância nas denominações para deslocar um

[20] referim a les diferents conceptualitzacions provocades per diferents punts de vista, però abans presentem la imprecisió dels conceptes i la distanciació ideològica voluntària com altres causes cognitives de la sinonímia.

empréstimo)”[21]. Nos resultados deste estudo, é possível observar que muitas das causas da variação encontrada têm origem em um conjunto complexo de causas de variação denominativa e que operam juntas para os resultados encontrados nesse discurso, confirmando a hipótese de Freixa.

Como se pode observar, o modelo de Freixa busca tocar em muitos aspectos da comunicação especializada, considerando as situações e os especialistas que compõem o contexto comunicativo, passando desde o estilo pessoal até aspectos que são cognitivos e culturais do universo especializado. Em todos os pontos de seu modelo, Freixa tenta abarcar a ação, o indivíduo e a cultura do universo especializado, o que faz de seu modelo um interessante instrumento teórico-metodológico pelo qual se pode observar a diversidade de causas que levam à variação terminológica.

Como já fora discutido anteriormente, o conceito de causas funcionais da variação apresentado por Freixa é interessante por reunir elementos importantes e por tratar basicamente do uso e suas implicações dentro do processo comunicativo, como a adaptação discursiva ao público-alvo, ao canal comunicativo, ao contexto situacional, entre outros elementos que compõem o contexto comunicativo em suas diferentes dimensões. Esses elementos, nessa perspectiva, são responsáveis pela variação denominativa em uma comunicação especializada. Freixa (2002, p. 133) afirma que, “Falamos de variação funcional para referir nos à variação relacionada aos usos, variação amplamente estudada na Linguística, mas que não recebeu atenção da Terminologia, muito embora tenha sido apontada a pertinência em diferentes análise”[22]. Freixa explica ainda que a variação denominativa decorrente de causas funcionais pode ser observada no texto de um mesmo especialista (como a decorrente de causas estilístico-discursivas) ou de vários especialistas (como a decorrente de causas dialetais e interlinguísticas), o que importa nesse aspecto são os diferentes usos feitos por um especialista de um tema especializado. É importante lembrar que a partir desse aspecto é que Freixa propõe uma análise que parta de dois grandes eixos: a heterovariação e autovariação. No eixo da autovariação, temos as causas relacionadas ao estilo e à forma de conceptualização do

---

[21] Las causas previas y las causas cognitivas de hecho son el origen de la variabilidad y explican las alternancias denominativas provocadas por las causas dialectales, funcionales, estilísticas y las interlingüísticas (cuando hay alternancia en las denominaciones para desplazar un préstamo)

[22] Parlem de variació funcional per referir-nos a la variació en relació als usos, variació àmpliament estudiada des de la lingüística però que no ha rebut gaire atenció des de la terminologia, tot i que se n’ha apuntat la pertinència des de diferents vies d’anàlisi.

especialista como um indivíduo pertencente a uma comunidade de especialistas e as escolhas de formas linguísticas que ele faz para se comunicar dentro dessa comunidade. No eixo da heterovariação, estão as causas relacionadas à relação entre os diferentes especialistas de um campo especializado. Nesse eixo, as causas funcionais e interlinguísticas são as causas prototípicas.

Voltando às causas funcionais, a variação funcional apresenta um número de elementos que combinados levam à variação denominativa, como: o campo, o modo e o teor. (i) O *campo* diz respeito ao ato comunicativo em si e seus elementos, o tópico discursivo e os indivíduos que estão relacionando-se em um ato comunicativo; (ii) o modo tem a ver com o canal comunicativo, que tem diferentes materializações, que podem ser oral, escrito e escrito-oralizado; o *modo* também está relacionado ao nível de preparação de um texto, que pode ser prévio ou *online*; (iii) o *teor* tem a ver com a finalidade e o nível de relação entre os especialistas ou de formalidade de um ato comunicativo. A finalidade pode ser pessoal ou profissional, educativa ou de divulgação e o nível pode ser formal ou informal. Todos esses elementos derivam das análises do texto feito pela Linguística Sistêmico-funcional, como entendida por McTosch e Halliday (apud FREIXA, 2002) e interferem na escolha denominativa que os especialistas fazem no próprio ato comunicativo. Freixa explica que os diferentes aspectos funcionais de uma comunicação especializada podem ter um peso diferenciado em cada tipo de comunicação; por isso, não é interessante observar de modo isolado cada um dos elementos: esses fatores devem ser observados em uma perspectiva de integração de cada elemento. No entanto, Freixa (2006, p.57) comenta ainda que "O tom é claramente o parâmetro que provoca uma grande variação no discurso especializado, porque o especialista adapta a mensagem (e seus mecanismos de expressão) a partir do nível de especialização do receptor."[23] e esse é o tipo de variação mais comumente aceitável de variação.

Ainda sobre os elementos funcionais de uma comunicação especializada, Cabré (1999) chama a atenção para o fato de que existem alguns elementos funcionais que são importantes para a compreensão de uma comunicação especializada: primeiramente, o sujeito do texto especializado se diferencia do texto comum, tendo em vista que, no primeiro, nem todos os indivíduos da sociedade podem ser o emissor desse tipo de texto,

[23] The tone is clearly the parameter that brings about a great deal of variation in specialised discourse, because the specialist adapts the message (and its expression mechanisms) to the level of specialisation of the recipient.

geralmente, são os especialistas ou os mediadores, diferente do texto não-especializado. A referência, segundo Cabré, também é outro elemento da cadeia comunicativa especializada que diferencia a comunicação especializada da comunicação comum, tendo em vista a objetividade e a lucidez conceitual, ou seja, tratar de modo direto e consciente de um ou outro tema específico é uma característica inerente da comunicação especializada. Nesse mesmo sentido, Cabré encontra outro elemento que define a comunicação especializada, que é a consciência do gênero, ou seja, a diferenciação entre diferentes receptores da mensagem especializada é muito mais importante na comunicação especializada do que a não especializada. De qualquer modo, Cabré entende que esses e outros elementos compõem a comunicação especializada, e que compreender os mecanismos que estão na base desses elementos colabora para a compreensão da variação em terminologia.

Como se observa, como fazem Cabré (1999) e Freixa (2002), entre muitos outros autores, a variação funcional é uma realidade bastante evidente na comunicação especializada. É necessário que se considerem os fatores que estão na esteira do próprio ato comunicativo especializado, entendendo os fatores funcionais ao lado de outros fatores também importantes para a variação terminológica.

Neste trabalho, a variação será observada a partir desses parâmetros teóricos da Teoria Comunicativa da Terminologia e do modelo teórico-metodológico de Freixa, entre outras discussões que consideram o contexto comunicativo e os elementos que o compõem. Elementos funcionais como o canal comunicativo, a relação entre os interlocutores e a finalidade comunicativa serão considerados como fatores que condicionam a variação denominativa no universo da cana-de-açúcar no Brasil.

2.7. A necessidade de uma perspectiva funcionalista nas pesquisas terminológicas

Como até agora foi possível observar, ainda que a Terminologia já tenha apresentado resultados voltados para uma pesquisa mais descritiva e funcional da comunicação nos universos especializados, ou seja, a disciplina já recobre, com suas teorias recentes, as diferentes faces do signo terminológico, ela ainda precisa considerar questões relevantes para a pesquisa descritiva e para uma visão mais funcional da linguagem, como ela se propõe em seus pressupostos teóricos.

As teorias linguísticas já apresentaram muitos meios pelos quais o tratamento do léxico pode ser feito em diferentes caminhos, como a investigação da progressão temática, a relação conceitual como sendo um recurso discursivo importante para a coesão

do texto, além da representação cultural e da caracterização do discurso e do campo discursivo por meio das unidades lexicais de um texto. Todos esses caminhos, baseados em uma visão mais social da linguagem, podem colaborar com as pesquisas descritivas das linguagens especializadas. É curioso perceber que, embora a Terminologia discuta a diferença entre língua e linguagem para denominar seu objeto de estudo, ela não tenha chegado plenamente a uma teoria ou um estudo que leve em consideração a noção de discurso, de sujeito ou, muito menos, a de contexto e sua importância para a descrição da variação em linguagens especializadas. Krieger (2000, p.222) lembra que "(...) a Lingüística Textual e a Análise do Discurso, junto com o desenvolvimento da pragmática e da semiótica narrativa, abrem perspectivas que permitem melhor compreender a feição e o funcionamento das linguagens especializadas".

No entanto, não se pode deixar de lembrar que a Terminologia com a perspectiva teórica linguística ainda é recente, não somando nem 30 anos de existência como campo de preposições teóricas e metodológicas. A evolução desse campo dependerá, e muito, das pesquisas atuais e, de algum modo, das pesquisas do passado para que se concretize como campo de estudos com maior evidência dentro dos estudos linguísticos. Nesse sentido, a disciplina deve mudar ainda mais a sua feição com os estudos da variação que considerem elementos menos estruturais. Por outro lado, é importante frisar também que a Terminologia tem uma linha teórica que aborda o texto e a situação comunicativa, embora ainda sejam poucas as pesquisas oriundas dessa face dos estudos terminológicos. Como mostra Krieger (2000, p. 220), a Terminologia de face linguística apresenta uma dicotomia interessante, na qual predominam os estudos da forma e do conceito em detrimento dos estudos do discurso especializado.

> Em primeiro plano, predominam os princípios conceituais de apreensão dos léxicos temáticos, vocacionados para a normalização em seu papel denominativo. Em contraponto, situam-se as teorizações que se assentam na recusa à dicotomia pensamento e linguagem, propugnando a compreensão dos termos como elementos naturais das línguas naturais, portanto, como unidades lingüístico-pragmáticas que participam da constituição dos discursos científicos e técnicos.

Ainda de acordo com Krieger (2000, p. 222), os estudos do discurso e da situação comunicativa na Terminologia ainda são muito dispersos e incipientes frente à totalidade dos estudos terminológicos.

> (...) já se constata uma concretização nos estudos e aplicações que levam em consideração a interrelação dos léxicos terminológicos com os contextos comunicativos em que se materializam. Mesmo que de forma ainda dispersa, essas novas pesquisas terminológicas, na busca da apreensão da constituição e do funcionamento das terminologias, têm se valido do alcance explicativo dos fenômenos da linguagem, oferecido pelas teorias do texto e do discurso.

O que falta é tornar tais pesquisas mais conhecidas e mais influentes entre as pesquisas terminológicas. Deixar de considerar, verdadeiramente, o contexto comunicativo terminológico, os atores sociais dos universos especializados e o canal comunicativo é fixar-se em apenas um lado da realidade comunicativa dos universos terminológicos. Isso implica deixar de ver fatores, talvez, mais relevantes do que os já investigados até o momento. Nesse sentido, ainda é curioso pensar em uma Terminologia descritiva que pouco se dá conta do texto oral de especialistas com alto grau de especialização e também dos especialistas em contextos comunicacionais espontâneos[24]. Cumpre lembrar o que afirma Cabré (KRIEGER, SANTIAGO E CABRÉ, 2013, p. 331):

> Conceber os termos como um objeto unificado, independente da porta de entrada, supõe trata-los como unidades poliédricas (o "princípio de poliedricidade" está na base da minha concepção da disciplina e de seu objeto, assim como de sua prática nas quais esse princípio se materializa por meio do "princípio da adequação") às quais devemos aproximar-nos com teorias que reconheçam essa poliedricidade. Os termos são, ao mesmo tempo, unidades linguísticas, unidades cognitivas e unidades sociocomunicativas.[25]

Como Cabré defende, a Terminologia precisa observar seu objeto de estudo como uma unidade poliédrica, portanto unidades linguísticas, mas também cognitivas e sociocomunicativas. Considerar apenas um ponto de vista dessas unidades, ou apenas uma de suas faces, não constitui uma diferenciação do que já vinha sendo feito pelas abordagens clássicas da Terminologia. É curioso notar, nesse sentido, que Cabré (2005), quando denota os pontos fracos da teoria wüsteriana, aponta a visão monolítica sobre o canal comunicativo do texto terminológico como uma distorção dessa abordagem. Para

---

[24] É preciso explicar que o termo espontâneo aqui é entendido como o contexto no qual o especialista, embora produza um texto oral calcado em algum texto escrito, apresenta comentários e recortes que fogem do texto elaborado previamente, falando, portanto, a partir de um texto criado online.

[25] Concebir los términos como un objeto unificado con independencia de la puerta de entrada supone respetar que se trata de unidades poliédricas (el "principio de poliedricidad" está en la base de mi concepción de la disciplina y de su objeto, así como de sus prácticas en las que este principio se materializa a través del "principio de adecuación") a las que debemos acercarnos con teorías que reconozcan esta poliedricidad. Los términos son al mismo tempo unidades lingüísticas, unidades cognitivas y unidades sociocomunicativas.

ela, a Teoria Geral da Terminologia falha, entre outras coisas, porque "enfatizava a importância exclusiva da forma escrita dos termos (única forma de normalização prevista pelas normas internacionais) e deixava de lado sua forma oral, objeto de observação das ciências da linguagem"[26](CABRÉ, 2005, p. 5). Desse modo, diante desse cenário fica clara a necessidade de que se avance nas pesquisas terminológicas com relação à realidade situacional da comunicação terminológica, para que a Terminologia possa avançar em seu propósito, que é a descrição real do uso da linguagem especializada. Nesse sentido, a Terminologia tem muito a receber de disciplinas como a Linguística Textual, a Sociolinguística e a Pragmática para cumprir, com maior qualidade e alcance, seus objetivos.

[26] enfatizara la importancia exclusiva de la forma escrita de los términos (única forma de normalización prevista por las normas internacionales) y dejara de lado su forma oral, objeto de observación de las ciencias del lenguaje

4. METODOLOGIA DO TRABALHO

Nesta parte deste estudo, serão apresentadas informações gerais sobre a metodologia adotada, dando explicações teóricas e metodológicas acerca das escolhas feitas. A pesquisa tem duas grandes abordagens: quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa, na primeira parte do capítulo de apresentação dos resultados, será feita utilizando índices numéricos e a quantidade de variação denominativa em cada um dos textos analisados, sem contar que serão tecidas considerações gerais acerca da configuração linguística dos termos do universo da cana-de-açúcar; a abordagem qualitativo-textual, por sua vez, trará uma análise de como a variação denominativa colabora para a coesão, coerência e para a própria configuração dos diferentes gêneros textuais do universo especializado. Tendo em vista essas abordagens, serão apresentados os elementos que serão analisados e como esses elementos estão sendo compreendidos.

Dessa forma, serão apresentadas informações sobre os textos orais e escritos que serviram de subsídio para selecionar os termos e o campo conceitual analisado nesta pesquisa, considerados como pontos importantes deste estudo. Serão apresentadas ainda as fontes de que foram tirados os textos analisados nesta pesquisa, além da organização adotado para armazenamento dos textos no pequeno banco de dados que serviu para organizar os dados encontrados.

Com relação à análise variacionista do estudo, será comentado, em rápidas explicações, no que consiste o índice de variação que será utilizado como parâmetro para a comparação entre os fatores da variação encontrada, e como esse índice pode ser utilizado para a compreensão de fenômenos da variação terminológica. Por fim, serão apresentados os fatores que serão analisados e como eles são importantes para a variação encontrada. Haverá uma tentativa de justificar cada um dos fatores selecionados pela pesquisa para a análise dos textos investigados.

Antes de se colocarem essas questões, serão apresentados aspectos gerais do universo canavieiro, de modo a evidenciar como ocorre a produção de textos nesse universo; após, serão apresentadas informações gerais sobre o *corpus* (textos, gêneros, número de palavras etc) e os programas computacionais utilizados para o tratamento e análise do *corpus*.

4.1. A indústria canavieira e sua produção bibliográfica

O Brasil é considerado uma das grandes potências mundiais do setor agrícola. A laranja, o café, a soja e a cana-de-açúcar são produtos agrícolas que o Brasil produz

em quantidades gigantescas, o que torna o Brasil um dos países de ponta na área agrícola. O País encontra-se entre os maiores exportadores desses produtos, trazendo uma grande contribuição à economia. No caso da cana-de-açúcar, a gramínea é cultivada desde o "descobrimento" do Brasil, sendo uma das principais indústrias responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social do País. As regiões brasileiras mais produtivas em relação à cana-de-açúcar são as regiões Centro-Oeste e Nordeste, entretanto o estado de São Paulo é o maior produtor do País e da América do Sul. Na região Nordeste, Pernambuco e Alagoas despontam e apresentam uma produção bastante considerável desse produto.

Atualmente, a indústria canavieira é responsável por um número muito grande de empresas e de parques industriais que são responsáveis por volumosas quantidades de produtos incorporados no dia-a-dia do brasileiro, dentre os quais se destacam: o combustível, o álcool diesel, os diferentes tipos de açúcares e os adoçantes. São exemplos de aglomerações industriais e de sindicatos de empresas sucroalcooleiras a Única e a Coopercana, que reúnem grande parte das empresas canavieiras em centros empresariais responsáveis por grande parte da produção de cana-de-açúcar no Brasil. Essas cooperativas, além do açúcar e do álcool, desenvolvem também, aproveitando o discurso ecológico e as leis antipoluição, outros produtos que substituem fontes de energia obtidas a partir do petróleo e da devastação da natureza, além de produzirem plásticos e papéis, a partir do bagaço de cana-de-açúcar. Outros produtos advindos da cana-de-açúcar são: material escolar, produtos de limpeza, remédios e vitaminas. Todos esses itens são produzidos pela indústria sucroalcooleira, que cresceu muito nos últimos anos, principalmente depois de vários incentivos governamentais, como o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), da década de 70 do século passado, que reverberou no desenvolvimento do etanol como um dos carro-chefe da economia brasileira (SHIKIDA; AZEVEDO; VIAN, 2011).

Atualmente, a indústria passa por grandes transformações, tendo que se adequar a padrões internacionais e a protocolos, assinados pelo País, de combate à poluição ao meio-ambiente, tendo em vista que a indústria canavieira é responsável por boa parte dessa poluição. Outra transformação vivida atualmente pela indústria é a de substituição de cortadores de cana-de-açúcar por máquinas cortadoras e colhedoras, tanto por fatores sociais quanto por fatores econômicos.

Os fatores sociais dizem respeito à saúde e ao esforço sobre-humano a que esses trabalhadores são submetidos quando do corte da cana-de-açúcar, que exige muito

trabalho e tempo para o corte. Nesse sentido, muitas iniciativas têm sido tomadas por parte do governo brasileiro e das indústrias canavieiras, como a recolocação desses cortadores no mercado de trabalho ou a formação escolar para que eles possam mudar de atividade. Outro fator responsável pela mudança são leis federais e municipais que proíbem o corte da cana-queimada, ou seja, a queima da cana-de-açúcar no canavial, para facilitar a colheita. Tendo em vista o alto teor de gás carbônico emitido por essas queimadas, elas passaram a ser proibidas por muitos estados.

Os fatores econômicos dizem respeito ao lucro produzido com a tecnologização do campo, ou seja, com o emprego de máquinas no canavial, têm-se diminuído as perdas e aumentado a quantidade de caldo, o que leva, a princípio, à maior quantidade de açúcar ou de álcool. Fora isso, com a mecanização, o tempo da colheita é menor e o produto chega com maior rapidez ao consumidor final. O mercado consumidor nacional e internacional do álcool e da cana-de-açúcar cresceu, graças ao declínio e às sucessivas crises da indústria petroleira, que levaram os países a buscarem formas menos agressivas ao meio-ambiente, mais baratas e acessíveis de combustíveis. Entrou, assim, em voga a onda de energia biodegradável e renovável, desde os anos 2000 (GOES; MARRA; SOUZA; SILVA, 2008).

Toda essa transformação social e econômica do setor levou a um crescimento em diferentes partes das empresas e das indústrias canavieiras, inclusive na organização e na administração dessas empresas. O perfil do engenheiro agrônomo ou do técnico agrícola teve que passar por profundas modificações que atendessem a requisitos políticos e técnicos do universo canavieiro. É a partir dessas mudanças que surgem, no Brasil, as organizações e os comitês técnicos da agroindústria da cana-de-açúcar, o que fez com que o perfil do setor mudasse profundamente.

Tentando atender aos novos requisitos da indústria, tanto de formação quanto de organização do setor, surgem os diferentes veículos comunicativos do setor. Cada vez mais, o setor se vê obrigado a apresentar uma organização e uma união que funcionassem como um elo que pode fortalecer os diferentes âmbitos da indústria. Nesse sentido, a indústria se mecanizou e montou um esquema muito forte em que a tecnologia da informação é de muita importância para as transações e os acontecimentos do mercado financeiro e das *commodities* brasileiras. Foram criados muitos veículos de comunicação, tanto de caráter mais técnico, como revistas acadêmicas, quanto de divulgação, como revistas de popularização da ciência, tendo em vista o grande interesse popular pelos produtos e pela indústria canavieira.

Nesse sistema de comunicação acadêmica e de divulgação do setor canavieiro, não se pode deixar de mencionar os eventos acadêmicos e empresariais, nos quais técnicos e agrônomos, de diferentes níveis de especialização, apresentam suas pesquisas e suas discussões sobre diferentes aspectos do universo canavieiro. Dentre esses eventos estão: o Seminário Anual do Setor Sucroalcooleiro; o Workshop Internacional sobre Cadeia Sucroalcooleira e o Seminário sobre Mecanização e Produção de Cana-de-açúcar. Além desses, muitos outros eventos nacionais e internacionais acontecem no Brasil e produzem grande quantidade de textos que consagram a terminologia e a linguagem setor. Por último, é importante ressaltar que a internet é um meio em que são encontrados vários sites de cooperativas e empresas, além de sites de informações sobre o setor, como os sites cana online e cana mix, nos quais é possível encontrar diversos textos sobre o setor e sobre os produtos da indústria, escritos por agrônomos e jornalistas especializados em agronegócio e em divulgação científica de um modo geral.

Todas essas publicações, palestras, workshops, painéis, artigos científicos, relatórios técnicos, entre outras publicações, acadêmicas ou não, serviram de base para os *corpora* deste estudo. Mais à frente, será apresentada a organização desses *corpora*.

4.2. Considerações gerais sobre a organização do *corpus* e sua análise

Como já foi comentado ao longo deste estudo, a pesquisa que ora se apresenta busca observar a variação denominativa em um universo especializado e tem, como ponto de partida, textos de naturezas diferentes, mas que podem ser aproximados devido ao fato de os gêneros textuais serem utilizados em três níveis de especialização do conhecimento humano: gêneros acadêmicos, didáticos e de divulgação científica. Desse modo, a pesquisa colheu textos de natureza diferente do universo canavieiro para observar as diferenças e as semelhanças entre os termos encontrados em textos diferentes, em dimensões diferentes. A escolha foi feita buscando entender o papel da modalidade do nível de especialização ou de formalidade de um texto na variação denominativa encontrada nele.

A variação será observada a partir da denominação dos conceitos. Nesse sentido, tendo em vista a vasta rede conceitual existente no universo canavieiro, foi feito um recorte em um campo conceitual desse universo: a plantação. Esse é um campo que apresenta um grande número de subtemas, tendo em vista sua amplitude, o que garante

a representatividade dele, uma vez que apresenta um grande número de produções textuais acadêmicas, didáticas e de divulgação científica. No campo plantação, é possível observar uma variedade de práticas e conceitos importantes para o universo da cana. São subtemas desse campo desde a seleção das sementes da cana-de-açúcar até o momento do corte da cana, reunindo, desse modo, o cuidado com o solo, as pragas da cana-de-açúcar, as técnicas de plantio e as tecnologias, além da química empregada nessa atividade. O fato de o plantio ter se tornado um dos pontos mais importantes da indústria da cana-de-açúcar, por conta de os cuidados com o canavial e a escolha correta da variedade certa para o plantio serem aspectos que atingem diretamente a produção, também impulsiona a produção de discurso dentro do setor canavieiro, o que leva a pensar que esse é um campo que apresenta um grande número de conceitos que apresentem variantes denominativas.

A escolha de um campo conceitual colaborou para analisar variáveis importantes na pesquisa, mas que, por conta da disponibilidade de material para montar os *corpora* analisados, considerando a escassez de material gratuito disponível, principalmente, as conferências de engenheiros agrônomos, poderiam ser comprometidas. Por fim, a escolha de um campo conceitual também permite observar a variação em diferentes gêneros textuais, independentemente da quantidade de palavras constantes em um texto.

Quanto ao meio em que os textos foram encontrados, foi predominantemente a internet, pois tanto os textos escritos quanto os textos orais foram retirados de sites do setor canavieiro e de programas de televisão em que agrônomos deram entrevistas. Os textos foram produzidos em um lapso de tempo de 10 ano, 2008 a 2018, e foram produzidos por pesquisadores brasileiros, em língua portuguesa do Brasil.

Diante das questões abordadas neste capítulo, os *corpora* deste estudo foram organizados da seguinte forma:

1. **Os gêneros escritos**: artigo científico, apostilas e artigos de divulgação científica:

   1.1. Os **artigos científicos** foram selecionados de um conjunto de revistas acadêmicas do campo da Botânica e da Engenharia Agrícola[27]. Os textos

[27] O campo da Engenharia Agrícola tem um número considerável de periódicos, no entanto, poucos se propõem à publicação de artigos em língua portuguesa e à publicação de textos em sistema *open access*, por isso foi necessário buscar textos sobre o plantio de cana-de-açúcar em periódicos que estão em áreas diversas das ciências biológicas.

selecionados foram retirados de números recentes (entre os anos de 2008 a 2018) das revistas: Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental; Revista Tecnologia e Ciência Agropecuária; Revista Sêmina: Ciência Agrária; Revista Brasileira de Energias Renováveis; Revista Científica Eletrônica de Agronomia e do site da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (EMPRAPA).

1.2. As **apostilas** utilizadas neste estudo foram selecionadas em sites de cursos de engenharia agronômica, das disciplinas: Conceitos Básicos sobre a Cana-de-Açúcar e Cana-de-Açúcar: considerações gerais. As apostilas são utilizadas em cursos de graduação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), por meio do Instituto Federal de diferentes estados. As apostilas utilizadas neste estudo foram selecionadas dos Institutos Federais dos estados de São Paulo e Pernambuco;

1.3. Os textos de **divulgação científica** são textos de jornalistas especializados no setor agrícola da cana-de-açúcar e em divulgação científica, publicados em língua portuguesa e em diferentes sites de divulgação científica próprios do universo canavieiro, de agências de financiamento à pesquisa e de sites destinados ao público geral. Dessa forma, os textos selecionados foram retirados do site da Embrapa, do site novacana.com, site da União dos Produtores de Cana-de-Açúcar, site Dia de Campo, Jornal USP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2. Os **gêneros orais** são: palestras, vídeo-aula e entrevista televisionada.

2.1. Todos os textos foram encontrados na rede social de vídeos *YouTube*, da companhia Google. Os vídeos foram retirados de canais de empresas do mundo agrícola, bem como de canais de universidades públicas do Brasil e de Sindicados de Usinas de álcool e de açúcar brasileiros. Os canais de onde foram retirados os textos são: canal UNICA, TVUFG, TV Cidade Verde, canal Cana online e TV OuroFino. Todos os vídeos foram transcritos grafematicamente utilizando a ortografia oficial das palavras, sem considerar alguns fenômenos fonológicos e sintáticos da fala, como

monotongações, ditongações, não marcação de concordância em todos os elementos do sintagma nominal ou verbal, entre outros fenômenos. Essa escolha se deu porque o interesse da pesquisa era estritamente lexical, buscando verificar apenas a variação denominativa. Outro fator é que o programa *Antconc* (conf. seção 4.8, a seguir) utilizado neste estudo reconhece como duas unidades qualquer alteração gráfica na palavra, o que poderia falsear a informação do número real de palavras no *corpus*.

No apêndice B, é apresentando um quadro com todos os detalhamentos dos 52 textos, orais e escritos, que foram utilizados na pesquisa. No quadro, são apresentadas informações como tipo textual, fonte em que foi encontrado o texto, além do título do texto.

4.3. O *corpus*: características gerais

De acordo com Bowker e Person (2002), um *corpus* é um conjunto de textos virtuais, orais ou escritos, extraídos de maneira automática e organizado de acordo um critério. Segundo as autoras, *"*um *corpus* pode ser descrito como uma larga coleção de textos autênticos reunidos em formato eletrônico de acordo com um conjunto de critérios" (BOWKER; PERSON, 2002, p. 9)[28]. No entanto, as autoras chamam a atenção para o fato de que um corpus não pode ser considerado um conjunto de textos apenas, por isso a seleção e a escolha de um *corpus* são aspectos cruciais para o sucesso de uma pesquisa linguística. Nesse sentido, as autoras entendem que um *corpus* pode ser classificado em 4 grandes grupos: autêntico, eletrônico, largo e para propósitos específicos. O último grupo são os *corpora* produzidos com textos elaborados com temáticas especializadas. "Um *corpus* com propósito especial tem o foco em um aspecto particular da linguagem. Ele pode se restringir à linguagem especializada de um campo específico, a um tipo textual específico, ou a uma variedade particular da linguagem utilizada por um certo grupo demográfico."[29]. (*idem*, p.13). Para as pesquisas feitas em Terminologia, o *corpus* ou os *corpora* utilizados devem obedecer a critérios de seleção e de tratamento de modo que os objetivos da pesquisa não possam ser prejudicados.

A composição dos textos e dos *corpora* deste estudo foi feita buscando atender

---

[28] A *corpus* can be described as a large collection of authentic texts that have been gathered in electronic form according to a specific set of criteria.

[29] a special purpose corpus is on that focus on a particular aspect of a language. It could be restricted to the LSP of a particular subject field, to a specific text type, to a particular language variety or to a language used by members of a certain demographic group.

critérios de seleção de textos autênticos e próprios do universo especializado em análise. A seguir, é feita uma apresentação detalhada dos textos com informações e comentários sobre os gêneros textuais organizados por sua materialização (oralizada ou escrita), além do número de palavras do *corpus* no geral. Ao todo, foram analisados 52 textos, 11 orais e 41 escritos. O *corpus* apresenta um total de 139. 921 palavras (tokens), o que é considerado, dentro da Linguística de *Corpus*, um *corpus* pequeno, de acordo com Berber-Sardinha (2000).

MATERIALIZAÇÃO	*CORPUS*	QUANTIDADE DE PALAVRAS	TOTAL DE PALAVRAS
CIENTÍFICO-ESPECIALIZADO			79
Oralidade	PALESTRA 1	4.532	12.175
	PALESTRA 2	4.195	
	PALESTRA 3	3.448	
Escrita	Artigo 1	1.920	37.468
	Artigo 2	4.194	
	Artigo 3	2.281	
	Artigo 4	4.594	
	Artigo 5	6.752	
	Artigo 6	7.311	
	Artigo 7	6.368	
	Artigo 8	4,048	
	TOTAL	49,643 Palavras	
DIDÁTICO			
Oralidade	AULA 1	1.174	10.642
	AULA 2	3.552	
	AULA 3	5.916	
Escrita	APOSTILA 1	8.670	38.400
	APOSTILA 2	20.287	
	APOSTILA 3	9.443	
	TOTAL	49.042 palavras	
DIVULGAÇÃO			
oralidade	ENTREVISTA 1	1.138	9.742
	ENTREVISTA 2	1.335	
	ENTREVISTA 3	2.359	
	ENTREVISTA 4	1.629	
	ENTREVISTA 5	3.281	
Escrita	ARTIGO DIVULGAÇÃO 1	831	31.442
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 2	1.204	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 3	1.341	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 4	569	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 5	529	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 6	576	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 7	801	

	ARTIGO DIVULGAÇÃO 8	686	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 9	787	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 10	688	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 11	616	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 12	2.216	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 13	1.047	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 14	820	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 15	1.115	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 16	420	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 17	685	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 18	1.494	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 19	880	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 20	1.198	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 21	812	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 22	1172	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 23	2.086	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 24	1.367	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 25	969	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 26	1.169	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 27	614	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 28	640	

	ARTIGO DIVULGAÇÃO 29	881	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 30	836	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 31	1.592	
	ARTIGO DIVULGAÇÃO 32	801	
	TOTAL	41.184	
NÚMEROS TOTAIS DO *CORPUS*			
TOTAL DE TEXTOS ORAIS		11	
TOTAL DE TEXTOS ESCRITOS		41	
TOTAL DE PALAVRAS NO *CORPUS* ORAL		32.559	
TOTAL DE PALAVRAS NO *CORPUS* ESCRITO		107.310	
TOTAL DE PALAVRAS NO *CORPUS*		139.921 PALAVRAS	

4.4. Alguns comentários sobre os *corpora*

Como já foi mencionado, os *corpora* deste estudo são constituídos por textos de naturezas diferentes: oral e escrito. Nos dois casos, buscaram-se textos orais de indivíduos que tivessem ensino superior completo em Agronomia ou em Ciências Agrárias. Os especialistas são bacharéis em engenharia agronômica, com pós-graduação na mesma área ou em ciências biológicas. Alguns especialistas autores dos textos que compõem o *corpus* são bolsistas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além de engenheiros agrônomos, o *corpus* de divulgação é composto por textos escritos por semiespecialistas, jornalistas especializados em produção de matéria e divulgação no setor agrícola da cana-de-açúcar e de divulgação científica de um modo geral. Todas as informações sobre os autores dos textos foram colhidas na plataforma *Lattes* do CNPq e nos sites de que foram retirados os textos. Os textos escritos foram colhidos em sites de Revistas Científicas, de Programas de Pós-graduação em Agronomia e em sites de empresas governamentais que divulgam produção acadêmica sobre temas relacionados ao plantio da cana, além de sites do setor canavieiro ou de especialistas interessados em divulgar conhecimentos sobre a agronomia da cana-de-açúcar.

Nos *corpora*, nota-se, com evidência, a diferença na quantidade de textos para cada gênero e tipo de materialização (nos gêneros orais: 3 palestras, 3 aulas e 5

entrevistas; nos gêneros escritos: 8 artigos, 3 apostilas e 32 artigos de divulgação científica) e na quantidade de palavras referente a materializações diferentes (oralidade e escrita).

A escolha de permanecer com ao menos três textos diferentes para cada gênero foi feita para que fossem respeitadas as configurações prototípicas dos textos, sem que se desconfigurasse a tipologia de cada um dos gêneros analisados: para analisar gêneros textuais tão diferentes, com dimensões diferentes, foi necessário considerar todos os esses elementos. Por exemplo, a apostila foi o gênero com maior número de palavras entre os gêneros escritos, e isso também poderia ser um fator relevante para os resultados, porque, por conta de seu número de palavras, poderia apresentar um número maior de denominações por conceito. Mesmo diante desse empasse, foram mantidas 3 apostilas para que se pudesse ter uma representação diversificada desse gênero no *corpus*.

Outro ponto que precisa ser esclarecido é a sensível dificuldade de coletar textos orais de especialistas de forma gratuita, como é o texto oral, tendo em vista que existe uma indústria de produção de conteúdo no universo da cana-de-açúcar no Brasil, tendo em vista que o conhecimento de técnicas e o modo de operar de cada usina é particular e caracteriza cada grupo de usineiros. Outro ponto é que as técnicas e as invenções tecnológicas são estritamente publicitadas em eventos limitados e que exigem altos valores de seus participantes. São raros os sites que disponibilizam gratuitamente esse conteúdo e isso limitou o tamanho do *corpus*. Fora necessário reunir um *corpus* que reunisse textos com uma representatividade que permitisse observar os conceitos do campo plantação, outro critério que limitou o tamanho do *corpus*.

De qualquer modo, neste estudo, toma-se como pressuposto que a diferença considerável de número de palavras entre o texto oral e o escrito é natural por questões que lhes são próprias. Nesse sentido, é importante relembrar, como fora mencionado anteriormente, na seção em que foram apresentadas as discussões teóricas deste estudo, o texto falado e o texto escrito têm densidades informacionais diferentes. Koch (2015, p. 44) lembra que a densidade lexical no texto escrito é superior à do texto falado, sem contar que o fluxo informacional é muito maior no texto escrito, por não contar com o contexto situacional, como o texto falado, para a construção da coerência e da coesão textuais. Esses fatores mostram que a diferença de número de palavras em uma modalidade é naturalmente diferente da outra.

Tendo em vista que o objeto do estudo é a variação denominativa e os fatores

funcionais que condicionam essa variação e que havia um conjunto grande de conceitos que eram relativos ao campo plantação, mas que se concentravam em um ou em outro tipo de texto, foi feito um recorte de 20 conceitos que apareciam em todos os textos para que a análise quantitativa não fosse atingida pelo número de palavras. Mais à frente, serão apresentados os conceitos selecionados para a análise quantitativa da variação denominativa. A escolha do campo conceitual e desses conceitos que aparecem em todos os gêneros também auxiliou o controle do fator quantidade de palavras, tendo em vista que a delimitação do campo levou a um limite de conceitos que se observa em todos os textos selecionados, independentemente da quantidade de palavras existentes nos textos. Desse modo, num artigo de divulgação e numa apostila, por exemplo, independentemente do número de palavras que componha esses textos, os conceitos que foram analisados foram os mesmos, muito embora as denominações escolhidas pudessem variar.

Tendo em vista que o *corpus* analisado neste estudo é um *corpus* de um discurso especializado e que diferentes variáveis funcionais foram selecionadas para observar a variação, as escolhas feitas apresentam-se como necessárias, sobretudo porque se objetiva observar a variação denominativa, em um *corpus* autêntico e representativo, e a relevância dessa variação denominativa nos diferentes contextos comunicativos reais selecionados. Um *corpus* muito homogêneo não permitiria observar a variedade de elementos que estão na base da variação funcional em uma linguagem especializada.

4.5. Consulta a dicionários e a material técnico especializado

Considerando que o trabalho terminológico como o que se pretende aqui necessita bastante da definição de cada conceito para que se possa verificar a variação denominativa terminológica, foi necessário observar, com clareza, se a distinção entre um elemento lexical e outros é apenas denominativa, ou seja, se está apenas no nível da expressão de certas características de um conceito e não no nível do conceito em si. Para que se fizesse essa seleção entre os termos, foi feita uma avaliação dos conceitos, ou seja, foi observada a semelhança ou a correspondência conceitual que havia entre as unidades terminológicas encontradas nos textos. Como não foi possível contar com a

ajuda de engenheiros ou técnicos agrônomos para elucidar os termos trabalhados[30], foi necessária a consulta a manuais e dicionários técnicos da área de Agronomia. Nesse sentido, a pesquisa buscou, em dicionários especializados e glossários, tanto eletrônicos quanto impressos, do universo canavieiro noções básicas da Agronomia. Os seguintes dicionários e manuais técnicos foram utilizados como fonte para a consulta dos conceitos específicos do universo canavieiro:

- ORMOND, José Geraldo Pacheco. *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*. 3 ed. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2006.
- Carlos Alfredo Lopes de Carvalho et ali (org.). *Tópicos em ciências Agrárias*. Cruz das Almas: UFRB, 2009.
- Leila Luci Dinardo-Miranda; Antonio Carlos Machado de Vasconcelos; Marcos Guimarães de Andrade Landelli. *Cana-de-açúcar*. Campinas: 2008.

Além dessas fontes, as apostilas analisadas colaboraram para a identificação dos conceitos e das denominações, bem como de suas variantes. Um outro critério para essa identificação foi linguístico: os textos foram lidos e, a partir de elementos metalinguísticos, como parênteses, travessão, e de algumas expressões metadiscursivas, como “isto é”, “o mesmo que”, “ou”, “também denominado” etc, foi possível encontrar os conceitos, as denominações e as variantes denominativas.

4.6. Os conceitos analisados

De um modo geral, no campo conceitual analisados, foram encontrados 300 conceitos[31]. Tendo em vista a amplitude da rede conceitual do universo da cana-de-açúcar e a variedade de temas dos diferentes textos encontrados para compor os *corpora*

---

[30] Foram feitos contatos com engenheiros de diferentes empresas e instituições de ensino. No entanto, não foi possível obter resposta. Os eventos próprios das áreas têm participação bastante restrita a engenheiros, com valores de inscrições altos.

[31] Cumpre esclarecer que, neste estudo, é entendido como conceito a unidade de compreensão/conhecimento com a qual opera um especialista de uma área específica. Nesse contexto, entende-se que essa unidade é variável e essa variação está condicionada por diferentes aspectos da dimensão conceitual e concreta do mundo especializado. De qualquer modo, não foi objeto de análise essa variação ou os processos que estão relacionados ao conceito, muito embora esse elemento seja considerado uma parte importante para a identificação das unidades terminológicas aqui analisadas. Para aprofundamentos nessa discussão, consultar o trabalho de Finatto (2001, 2002b) e Temmerman (2000). Esta última explica o status do conceito adotado neste estudo: “It is like a chunk of knowledge which has a core and a structure but which exists in a process of continuing reformulation and is therefore in constant transition.

deste estudo, foram selecionados um conjunto de temas e de conceitos gerais que eram encontrados em todos os gêneros, tanto nos textos orais quanto nos textos escritos. Esses são conceitos muito gerais e primários, ainda que alguns apresentem certa especificidade do universo da cana-de-açúcar, atravessando as diversas fases do plantio, as indústrias, os cursos de graduação e na imprensa dedicada ao universo do açúcar ou do álcool etanol. Além do critério de se repetir em todos os textos, a escolha dos 20 conceitos também foi feita a partir do número de variáveis apresentadas (um critério quantitativo) e de sua presença em na maioria dos textos selecionados (critério qualitativo).

A falta do apoio de um técnico ou de um agrônomo para o estudo levou a essas escolhas mais genéricas, porém representativas do universo em questão. Os códigos que acompanham cada conceito também servem para que se faça a referenciação aos conceitos no momento da análise e da apresentação dos resultados deste estudo. O recorte dos conceitos dentro do campo conceitual plantação apresenta-se como uma escolha importante para que, diante de tantos conceitos analisados e apresentados dentro dos *corpora*, seja possível ter o foco apenas em alguns temas e em alguns conceitos, algo necessário, principalmente quando se trabalha com textos orais, cujas construção e estrutura permitem a retomada e a intromissão de temáticas diferenciadas no decorrer da produção (cf. PRETI, 1999).

O quadro 04 a seguir apresenta os conceitos, os subtemas do campo a que eles estão relacionados e um código para a identificação. As definições dos conceitos são paráfrases de definições retiradas do material de referência e das apostilas utilizadas no *corpus*.

Quadro 04: 20 conceitos do universo da cana-de-açúcar

SUBTEMA	DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS	CÓDIGO
Morfologia da Planta	Caule da planta de cana-de-açúcar	CA1
Morfologia da planta	Espécie de cana-de-açúcar que foi modificada ou clonada	CB2
Morfologia da Planta	Broto de cana-de-açúcar ou colmo formado após o corte	CC3
Morfologia da planta	Processo de desenvolvimento de novos brotos de cana-de-açúcar na touceira	CD4
Morfologia da planta	Conjunto de raízes e de colmos da cana-de-açúcar	CE5
Plantio	Planta da família das gramíneas, de que se extrai caldo açucarado para a produção de açúcar, bebida alcoólica, combustível e outros bens de consumo popular.	CF6
Plantio	Terreno onde é plantada a cana-de-açúcar	CG7
Plantio	Espaço no canavial entre as fileira de cana-de-açúcar	CH8
Plantio	Conjunto de touceiras de cana-de-açúcar plantadas em fila	CI9
Plantio	Processo de formação de brotos na cana-de-açúcar	CJ10

Plantio	Conjunto de prática do plantio de cana-de-açúcar	CK11
Plantio	Conjunto de práticas necessárias para o desenvolvimento da planta de cana-de-açúcar	CL12
Plantio	Planta de cana-de-açúcar que se desenvolve após o corte/colheita	CM13
Plantio	Conjunto de técnicas de cuidados do solo para o plantio de cana-de-açúcar	CN14
Plantio	Tipo de cana-de-açúcar que chega ao pico de desenvolvimento vegetal em 12 meses	CO15
Plantio	Matéria orgânica que sobra da cana-de-açúcar após o processo de produção industrial e a quantidade de massa física de uma planta de cana-de-açúcar	CP16
Plantio	Restos de folha de cana-de-açúcar que caem no canavial e servem para a proteção do solo e para a produção de energia elétrica em usinas termoelétricas	CQ17
Plantio	Seleção de variedades de cana-de-açúcar de acordo com suas qualidades biológicas	CR18
Plantio	Cavidade alongada feita no canavial para a produção de linha de cana-de-açúcar	CS19
Praga	Praga da cana-de-açúcar que consome a seiva e as fibras da cana-de-açúcar	CT20

Esses conceitos foram selecionados a partir de sua relevância para o setor, além de sua pertinência dentro dos *corpora* compostos para este estudo.

4.7. O índice de variação denominativa e os conceitos monodenominativos e polidenominativos

Para que se constate a variação denominativa e a importância dela dentro do discurso do universo canavieiro, materializado a partir dos textos analisados, tomou-se como parâmetro o índice de variação, adotado por Freixa (2002). Para analisar a quantidade de variação dentro dos diferentes textos especializados. O índice de variação consiste na relação quantitativa entre conceito e denominação. O índice é a razão entre um conceito e suas denominações. Embora seja possível observar a variação a partir dos números de denominações que o conceito apresenta, o índice auxilia na observação da razão total entre o número de conceitos de um *corpus* e o número de denominações existentes, dando dados mais amplos acerca do uso da variação em um texto ou em um conjunto de textos. Nesse sentido, em uma pesquisa em que se observam diferentes fatores de variação, como esta pesquisa, o índice permitirá observar até que ponto as condições de produção de um texto, o estilo e o público-alvo podem ser relevantes para a variação denominativa no *corpus*. Nesse sentido, o índice de variação permitirá:

a) a observação da razão entre os conceitos e a quantidade de denominações;

b) o entendimento de que, em contexto comunicativo, o discurso

especializado apresenta maior variação denominativa;

c) a razão entre fatores funcionais e a variação apresentada.

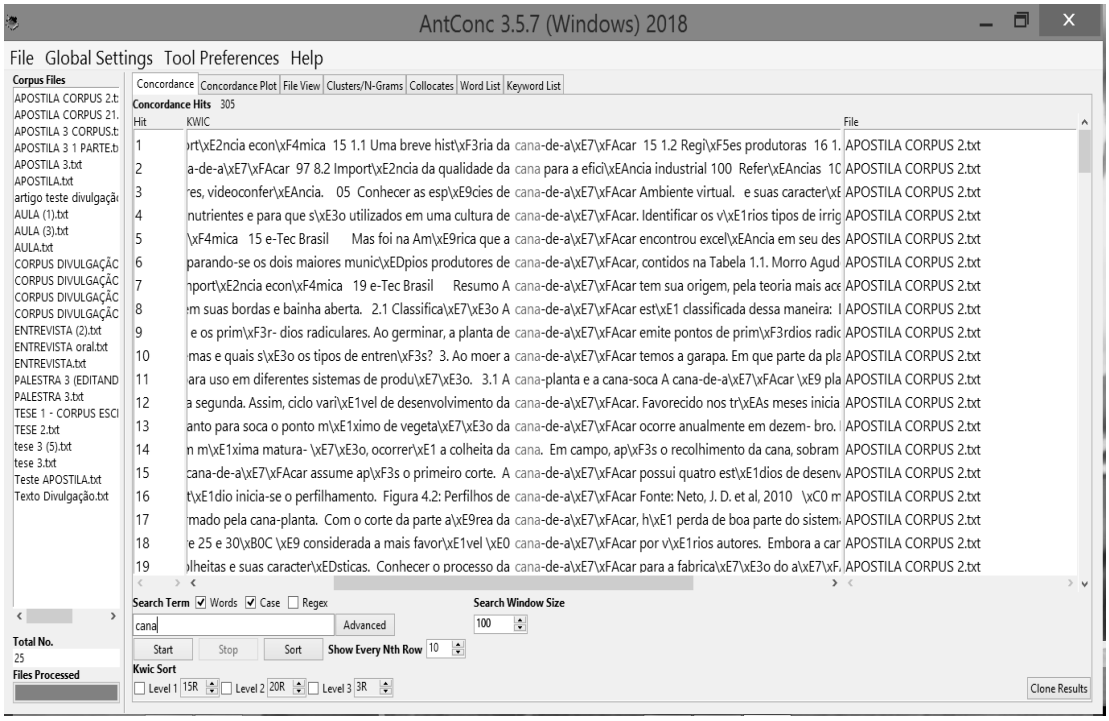
O índice de variação vai auxiliar a se ter respostas mais concretas e seguras sobre a quantidade de variação e o fator mais relevante para a variação denominativa encontrada.

Um outro aspecto que será observado dentro da pesquisa é o número de conceitos monodenominativos e polidenominativos. Saber a quantidade de conceitos que recebem uma ou mais denominações ajuda a observar a tendência do discurso em normatizar determinada denominação ou não, além de outros aspectos relacionados à variação denominativa. Desse modo, saber a quantidade de conceitos que tem mais de uma denominação mostra também uma tendência da área em aceitar ou não a variação denominativa.

4.8. As ferramentas computacionais AntConc e Pdf Candy

Para observar a pertinência dos termos dentro do universo pesquisado e selecionar os conceitos e encontrar as denominações e suas variantes, foi usado o programa *Antconc*. O *AntConc* é um software livre, no modelo suíte, como o *WordSmith Tools*. O software foi desenvolvido pelo Professor Laurence Anthony, pesquisador da Universidade de Waseda, no Japão, e coordenador do Center for English Language Education (CELESE), da Universidade de Waseda. O *software* está disponível gratuitamente na internet para fins acadêmicos e reúne um conjunto de ferramentas de processamento de muitos textos. A interface do programa é simples e é feita para operar uma diversidade de processamentos de análise de um conjunto de textos. O suíte é composto pelas seguintes ferramentas: *Concordande, Concordance Plot, File View, Cluster/N-gramas, Collocates, WordList e Keyword List.*

Ilustração 01: Interface do Programa *AntConc*.



Na busca pelas denominações e suas variantes, foram selecionadas as ferramentas *Concordance* e *WordList*. A *Wordlist* é uma ferramenta que ranqueia o número de palavras por sua frequência no *corpus*, o que permitiu que fosse elaborada uma lista de possíveis conceitos e suas denominações. Após constatar a presença de um termo na lista de palavras criada pelo programa, foi utilizada a ferramenta *Concordance*, que mostra todos os contextos em que a palavra selecionada aparece no *corpus*. Por meio dessas duas ferramentas, foi possível criar a lista de termos e suas variantes que será apresentada no capítulo de análise deste trabalho. A ferramenta *Concordance* permite também observar em quais textos e quantas vezes a palavra aparece no texto, auxiliando o pesquisador a perceber a presença do termo nos textos. Uma outra vantagem da ferramenta é que ela permite que, com um clique, o pesquisador vá ao contexto exato em que o termo aparece, possibilitando observar o contexto mais amplo para analisar o candidato a termo.

Tendo em vista que o programa só aceita textos em formato *.txt*, foi feita a alteração dos 51 arquivos em formato *.pdf*. e *.doc*. para o formato aceitável pelo programa. Para essa operação, foi utilizado o *software* livre *pdf candy*[32], da companhia inglesa *IceCreem Apps*, uma empresa que tem o objetivo de projetar e criar *softwares* livres para serem utilizados gratuitamente no mundo inteiro. O *PdfCandy*, um dos aplicativos da companhia que transforma textos em formato *.pdf.* para uma diversidade

[32] Disponível em: https://pdfcandy.com/pt/extract-text.html Acesso em: 27/09/2018

de outras extensões, como *.doc* e *.txt*.. O software está disponível gratuitamente na internet. Os diferentes textos disponibilizados em formato *.pdf*. nos sites das instituições e as transcrições dos áudios e vídeos utilizados neste estudo foram transformados em formato *.txt* e analisados por meio do *AntConc*.

5. A VARIAÇÃO DENOMINATIVA NO DISCURSO ESPECIALIZADO DO UNIVERSO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL: DUAS ANÁLISES

Nesta parte do trabalho, serão apresentados os resultados e as análises dos dados sobre a variação denominativa no universo discursivo da cana-de-açúcar em suas diferentes instâncias de circulação do conhecimento instituído pelos especialistas da área. Partindo de uma análise que busca cruzar os condicionantes da variação denominativa nos *corpora* deste estudo, neste capítulo, serão apresentadas considerações acerca da variação terminológica denominativa no universo discursivo especializado da cana-de-açúcar em língua portuguesa do Brasil e suas diferentes características. Também serão apresentadas algumas considerações teóricas acerca do objeto de estudo da pesquisa, que é a variação denominativa terminológica, e o que no estudo está sendo considerando como um fenômeno da variação terminológica. Nesse sentido, serão apresentadas considerações acerca do conceito de denominação terminológica, com base no que entendem Freixa (2002) e Cabré (1999), entre outros autores que problematizaram o conceito de denominação em terminologia. Os resultados apresentados ao longo deste capítulo buscam reforçar a tese e colaborar com as discussões da importância da variação linguística no uso da linguagem em diferentes contextos comunicativos, sejam eles especializados ou não.

O capítulo está organizado em duas partes: na primeira, são apresentados dados estatísticos da variação nos diferentes tipos de discursos especializados analisados; na segunda parte, serão apresentados exemplos retirados dos *corpora* em que são observados aspectos textuais dos gêneros especializado e será discutido como a variação denominativa colabora para a construção e organização do texto.

Na primeira parte deste capítulo, foram analisados 20 conceitos, a fim de comparar os textos e observar a variação e os fatores funcionais que condicionam essa variação; posteriormente, é apresentada uma análise específica sobre o fator canal comunicativo. A partir dos índices de denominação e do número de conceitos monodenominativos e polidenominativos, serão feitas considerações gerais acerca da variação encontrada nos diferentes *corpora* e sobre como o contexto comunicativo e as condições de produção do texto especializado colaboram para a variação encontrada nos diferentes contextos especializados analisados.

Na segunda parte do estudo, serão apresentas considerações sobre os contextos de produção dos textos escritos e orais, sobre como a variação denominativa no universo

especializado colabora para a construção do texto e como o especialista utiliza essa variação para a construção dos diferentes textos. Nessa parte, serão tecidas considerações acerca do papel da variação denominativa nos diferentes gêneros textuais analisados neste estudo e sobre como ela é utilizada para organizar a informação e sobre quais os recursos de referenciação, coesão e coerência, são mais comuns no discurso desse universo.

5.1. A denominação/designação e a variação denominativa

Cumpre aqui retomar dois conceitos importantes para entender os resultados que serão apresentados: os conceitos de variação denominativa e de denominação. Entende-se aqui a variação denominativa como todas as formas co-ocorrentes de um conceito que estejam presentes em um mesmo texto ou não. Nesse sentido, as diferentes formas utilizadas para fazer referência a um conceito são consideradas no estudo. Nesse sentido, é importante lembrar que as terminologias têm formas diferenciadas e alguns processos de formação de termos podem ser menos comuns do que outros. Pode-se citar como exemplo o caso do uso de fórmulas e elementos braquigráficos, que são muito mais comuns no léxico do discurso especializado do que no léxico do discurso comum, cotidiano. A partir dessa ideia, Freixa (2002) problematiza a noção de denominação, sobretudo, quando se considera que o texto é o *habitat* natural do termo. Para a autora, os conceitos não são denominados, nos textos, apenas por formas fixas, como lexemas, siglas, números, fórmulas, mas também por formas que ainda estão em processo de lexicalização, tendo em vista que ela entende que o conceito de denominação precisa ser visto de um modo mais amplo do que a relação direta entre um conceito e um termo. A autora explica que: "Um conceito pode também estar representado por uma definição, por um parágrafo, por um texto completo ou por um universo de discursos" (FREIXA, 2002, p. 86)[33]. Nesse sentido, a autora demonstra que existe distinção entre o que é uma denominação e uma designação. enquanto que a primeira é um produto, a segunda é um processo.

> A denominação, então, seria a relação referencial estável e recorrente que deve ser memorizada. A designação não implicaria, segundo Kleiber, qualquer vínculo referencial anterior entre uma palavra e o objeto que ela designa em uma determinada ocorrência e, por outro lado, o ato de denominação institui uma associação referencial durável entre um objeto e um signo. (FREIXA, 2002, p. 87)[34]

[33] Un concepte especialitzat pot estar també representat per una definició, per un paràgraf, per un text sencer o per un univers de discurs

[34] La denominació, doncs, seria la relació referencial estable, recurrent i que s'ha de memoritzar. La designació no implicaria, segons Kleiber, cap lligam referencial anterior entre un mot i l'objecte que designa

A partir dessa ideia, é possível afirmar que a designação é um processo em que uma entidade é denominada a partir de uma necessidade que é discursiva ou situacional. A designação, a partir disso, é um processo que surge a partir da necessidade de retomar um tema ou uma entidade sem que se recorra a repetições. Nessa perspectiva, qualquer elemento que retome um conceito, desde um número até um texto completo, pode ser considerado uma designação. Freixa (2002) explica que essa noção de designação é importante porque ela toma em consideração o processo e não a relação direta entre conceito e denominação, ou a univocidade. Para ela, uma pesquisa que considera o texto e o funcionamento da linguagem especializada e que tem a Teoria Comunicativa da Terminologia como base deve considerar essas variáveis do discurso especializado.

Lançando mão dessas ideias, o presente estudo considera como variante as formas discursivas recorrentes utilizadas no texto especializado para designar um conceito. Desse modo, formas léxicas fixas e em processo de lexicalização, que tenham recorrência dentro do *corpus*, foram consideradas denominações ou designações de um mesmo conceito. Desse modo, formas como "cana soca", "cana depois do corte" e "rebroto de cana" foram consideradas formas equivalentes para um mesmo conceito. No que concerne às formas variantes, também foram consideradas denominações e designações que apresentaram variação morfossintática (cana-de-açúcar/ cana/ planta de cana / planta), ortográfica (cana-ano/ cana ano) e morfológica (pré-cana/cana planta).

5.2. A variação denominativa no discurso especializado sobre a cana-de-açúcar: discutindo as causas

Como fora mencionado anteriormente, esta primeira parte deste capítulo, a parte da análise estatística dos dados, traz duas análises: a primeira análise, que será apresentada agora, traz os dados sobre os fatores que condicionam a variação denominativa na terminologia encontrada no discurso especializado sobre a cana-de-açúcar. Para esta primeira parte, serão analisados 20 conceitos do campo conceitual plantação (cf. capítulo de Metodologia) que estão presentes em todos os diferentes gêneros selecionados na pesquisa (altamente especializado, didático e de divulgação).

Os 20 conceitos presentes em todos os gêneros foram analisados para que se pudesse comparar os *corpora* e os dados a fim de encontrar algumas razões para a

---

en una ocurrència determinada i, en canvi, l'acte de denominació institueix una associació referencial perdurable entre un objecte i un signe.

variação encontrada por meio da análise dos dados. A seguir, apresenta-se um quadro com os 20 conceitos e as denominações encontradas no *corpus* para esses conceitos. O quadro é uma síntese de outros 6 quadros; cada um deles é resultado de uma rodada com o programa *Antcont* nos diferentes *corpora* do estudo (cf. Apêndice A). Em outras palavras, cada um dos 6 quadros foi produzido a partir de 6 buscas por esses termos e suas variantes em cada gênero textual (1 busca nos artigos, 1 busca nas apostilas, 1 busca nos artigos de divulgação, 1 busca nas transcrições das palestras etc). Finalizadas as buscas e produzidos os 6 quadros, foi possível chegar a 1 quadro sintético com todas as denominações referentes aos 20 conceitos. Na primeira coluna, é apresentado o código do conceito, na segunda, os termos mais frequentes no *corpus* e, na terceira coluna, as variantes desses termos.

Quadro 05: 20 termos do campo plantação

CÓDIGO	TERMO	VARIANTE
CA1	colmo	colmo da cana-de-açúcar, colmo da cana, caule, colmo da planta, caules da cana-de-açúcar, colmo de cana, haste, talo
CB2	cultivar	cana que foi geneticamente modificada, clone, cultivar de cana-de-açúcar, variedade da cultura da cana-de-açúcar, variedade de cana-de-açúcar, variedade de cana, variedade,
CC3	perfilho	broto, colmo secundário, perfilho da cana-de-açúcar, perfilhos de cana
CD4	perfilhamento	desenvolvimento do colmo, perfilhamento da cana-de-açúcar
CE5	soqueira	soqueira de cana, touceira de cana-de-açúcar, touceira, touceira de cana-de-açúcar, moita
CF6	cana-de-açúcar	cana, cultura, planta, planta de cana-de-açúcar, planta de cana, planta da cana-de-açúcar, pé de cana, variedade, variedade de cana, variedade de cana-de-açúcar
CG7	canavial	área com cana, área cultivada, área de cana-de-açúcar, área de cultivo, área de plantio, área plantada, área colhida, área, canteiro, canteiro de cana, área de cana, área de cana, área plantada com cana, área canavieira, área de cultivo de cana-de-açúcar, plantação, plantação de cana, plantação, talhão, terreno, terra, terreno cultivado
CI8	entrelinha	entrelinhas de plantio, espaçamento, espaçamento entre sulcos, espaçamento no plantio, entre fileiras, distância entre fileiras, espaçamento entre sulcos, entrelinha da cultura, espaçamento da cana-de-açúcar, espaçamento entre canais, rua, espaçamento da entrelinha, faixa de espaçamento, espaçamento da cultura
CI9	linha	fileiras, fileiras de planta, linhas da cultura de cana-de-açúcar, linha de planta, linha de cana, linha de plantio, leira
CJ10	brotação	brotação das soqueiras, brota, emergência da cana, brotação das soqueiras, brotação da soca, brotação da socaria, brotação das gemas, emergência da cana-de-açúcar
CK11	cultura	cultura da cana, cultura da cana-de-açúcar, cultura agrícola da cana, cultura da cana, cultura de cana, cultura de cana-de-açúcar, cultura canavieira, cultivo de cana, cultivar da cana-de-açúcar, cultura de cana
CL12	plantio	Cultivo, cultivo da cana-de-açúcar, cultivo da cana, plantio da cana, plantio da cana-de-açúcar, plantio de cana, plantio do canavial, plantio de canavial, plantio de muda, plantio da cana-de-açúcar
CM13	cana-soca	cana soca, soca, rebrota da soqueira, rebrota, soqueira, soca
CN14	preparo do solo	ajuste do solo, manejo do solo, Preparo de solo, Preparo, preparação do solo, preparo do terreno

CO15	cana-ano	cana de ano, cana-de-ano, cana-de-ano, cana de 12 meses, cultura de doze meses, plantio-de-ano, plantio de ano
CP16	biomassa	biomassa da cana, fitomassa,
CQ17	palha	folha seca, palha de cana-de-açúcar, palha da cana, palha de cana-de-açúcar, palhada, palha da cana-de-açúcar, palha da cana
CR18	manejo varietal	Manejo da cultura, manejo de variedades, manejo, manejo varietal da cana, manejo cultural
CS19	sulco	fileira, sulco de plantio
CT20	broca	broca da cana-de-açúcar, broca de cana, Broca da cana

Fonte: própria

O quadro mostra que todos os conceitos selecionados têm mais de duas denominações. Como se observa, os conceitos selecionados são do grupo de conceitos que apresentam o maior número de denominações, apesar de haver também conceitos que têm um número baixo de denominações (3 e 4, nesse grupo de dados) quando comparados ao que têm o maior número de denominações (10 a 23 denominações). Esses dados foram retirados de textos orais e escritos, de diferentes gêneros textuais especializados que foram selecionados para este estudo, traça-se aqui um perfil geral da variação. A partir desses dados, será feita uma análise que busca relacionar os diferentes fatores que condicionam a variação denominativa encontrada no estudo.

O quadro a seguir apresenta os índices de denominação desses conceitos em cada um dos conjuntos de textos especializados. Os índices de variação denominativa apresentados resultam da razão entre o número de vinte conceitos e o número de denominações desses conceitos em cada um dos gêneros. Por exemplo: nos artigos científicos, foram encontradas 42 denominações para os 20 conceitos. A partir desses resultados foi possível depreender o índice de cada gênero. Na primeira coluna, são apresentadas as duas modalidades linguísticas em que cada gênero especializado é prototipicamente realizado; na segunda, os gêneros de que foram retirados os conceitos e os termos utilizados neste trabalho; na terceira coluna, o número de conceitos analisados nesta parte do estudo, no *corpus comparativo*; na quarta coluna, estão as denominações encontradas em cada gênero para os 20 conceitos analisados aqui; na quinta coluna, os índices de variação denominativa de cada gênero especializado; na sexta coluna, a média de variação de cada conjunto de gêneros quanto a sua materialização (oral e escrita).

Quadro 06: índice de variação denominativa nos gêneros especializados

CANAL	GÊNERO	CONCEITOS	DENOMINAÇÕES	ÍNDICES	M
Oralidade	Palestra	20	42	2,1	2,0
	Aula	20	37	1,8	
	Entrevista	20	41	2,0	
Escrita	Artigo Científico	20	72	3,6	3,6
	Apostila	20	73	3,6	
	Artigo de Divulgação	20	73	3,7	

Fonte: própria

A observação dos detalhes nos índices de variação denominativa mostra que a variação denominativa é maior nos gêneros especializados da escrita do que nos gêneros especializados da oralidade. A princípio, é possível suspeitar que a quantidade de palavras possa ter colaborado para esse resultado, no entanto, é necessário observar os fatores que condicionam essa variação, sobretudo, porque se parte do pressuposto, nesta investigação, de que muitos são os fatores que colaboram para esse quadro. Muito embora o fator quantidade aparente ser um fator muito relevante, tendo em vista que a quantidade de palavras dos gêneros escritos é consideravelmente maior, conforme foi possível observar no quadro de número de palavras no capítulo anterior (cf. metodologia do estudo), em uma análise com um conjunto de textos com quantidades de palavras similar, conforme será possível ver à frente, a média da variação dos textos escritos continua sendo a mesma, é maior do que a da oralidade. Isso implica que, embora seja relevante, a quantidade não responde sozinha pela variação denominativa no *corpus*. Por essa razão, é possível pressupor que existam outros fatores mais relevantes para esse resultado do que a quantidade de palavras do *corpus.* A partir disso, é possível pressupor que os fatores funcionais dão importantes respostas para esses resultados. Cumpre notar que a média dos índices de variação denominativa nos gêneros, reunidos nos grupos de materialização, aponta que há mais similaridade em termos de número de variação entre os gêneros do texto escrito do que entre os gêneros do texto oral.

5.3.A análise dos Gêneros a partir dos resultados da variação denominativa encontrada

Os resultados mostram que o nível de variação em ambos os grupos de gêneros especializados é diferente, embora o *corpus* escrito apresente um padrão em sua variação, ou seja, o índice de variação entre os elementos do seu grupo é menor do que os elementos do grupo do texto oral. Ambas as amostras mostram uma tendência à padronização ou a formalização, tendo em vista que não se observa um índice muito alto de dispersão entre os resultados dos dois grupos. Esses resultados, de um modo geral, conversam com os

dados anteriores, tendo em vista que, embora possa haver variação denominativa, no entanto, essa variação tem uma tendência a não apresenta índices muito altos e dispares de variação.

O quadro 07 mostra que os gêneros apresentam diferentes variações. Dentro dos gêneros orais, a palestra e a apostila foram os gêneros que apresentaram maior variação, e dentro do grupo dos gêneros da escrita, o artigo de divulgação apresentou maior variação denominativa. A aula, dentro do grupo de gêneros da oralidade, e o artigo científico, dentro do grupo da escrita, foram os gêneros em que se observou um número menor de variação denominativa.

O quadro a seguir, organiza os gêneros especializados em grupos de maior ou menor variação no *corpus* comparativo. Isso significa que os diferentes gêneros da escrita apresentam praticamente o mesmo número de variantes denominativas, ao passo que, os diferentes gêneros orais apresentam uma diversidade maior de índices de variação denominativa.

Quadro 07: grupos de gêneros especializado pelo índice de variação denominativa

MENOR VARIAÇÃO	VARIAÇÃO MÉDIA	MAIOR VARIAÇÃO
Aula Artigo Científico Apostila	Entrevista	Palestra Artigo de Divulgação

Fonte: própria

Como se observa, textos da mesma esfera discursiva (ex: entrevista e artigo de divulgação) apresentam níveis de variação diferentes, o que mostra que, neste *corpus*, o aspecto contexto discursivo não foi relevante para os resultados. Em outras palavras, é possível afirmar que o fator mais especializado não foi tão relevante para a variação encontrada, porque não é possível observar uma equivalência de variação em gêneros da mesma estância discursiva ou nível de especialização. No quadro, os gêneros mais especializados apresentam variação diferenciada: como se observa, o artigo científico e a palestra, gêneros próprios da instância discursiva dos contextos mais especializados, apresentam uma variação diferenciada. Enquanto o primeiro aparece entre os gêneros que têm menor variação denominativa, o segundo apresenta-se no grupo com maior variação denominativa. Os índices de variação de ambos os textos mostram também que eles aparecem como os gêneros que apresentam o menor e o maior índice de variação denominativa dentro de seus grupos. A palestra apresenta o maior índice de variação nos textos orais (2,1) e o artigo científico, por sua vez, apresenta o menor nível de variação denominativa entre os textos escritos (3,6). É importante observar que a palestra (a mais

formal e mais próxima das modalidades escrita dentre os textos orais) é também a que apresenta mais variação denominativa no grupo de textos orais.

Considerando os dados gerais acerca da variação denominativa em cada um dos gêneros e o número de grupos de conceitos polidenominativos neste *corpus*, foi produzido o quadro a seguir, em que é possível observar alguns outros detalhes dessa variação denominativa, como os gêneros que trazem conceitos com maior número de denominações e os que apresentam o número maior de conceitos polidenominativos.Na primeira coluna do quadro, estão indicados os dois grupos de textos com os canais comunicativos. Na segunda coluna, são apresentados os seis gêneros selecionados para o estudo. Da terceira à oitava coluna, são apresentados o número de conceitos por quantidade de denominações. Na décima coluna, (X DEN) é a coluna em que ficam os conceitos com mais de 7 denominações. A décima primeira coluna demonstra as quantidades de denominações em cada gênero. O quadro apresenta uma ideia ampla de como a variação denominativa está distribuída dentro dos diferentes gêneros e colabora para a compreensão dos dados gerais anteriormente apresentados. A partir da leitura do quadro, com os índices de denominação apresentados anteriormente, é possível apresentar algumas hipóteses sobre a variação denominativa. Utiliza-se o parâmetro de que quanto maior é o número de conceitos monodenominativos dentro de um gênero, menor é a variação nele.

Quadro 08: Grupo de conceitos denominativos por gênero

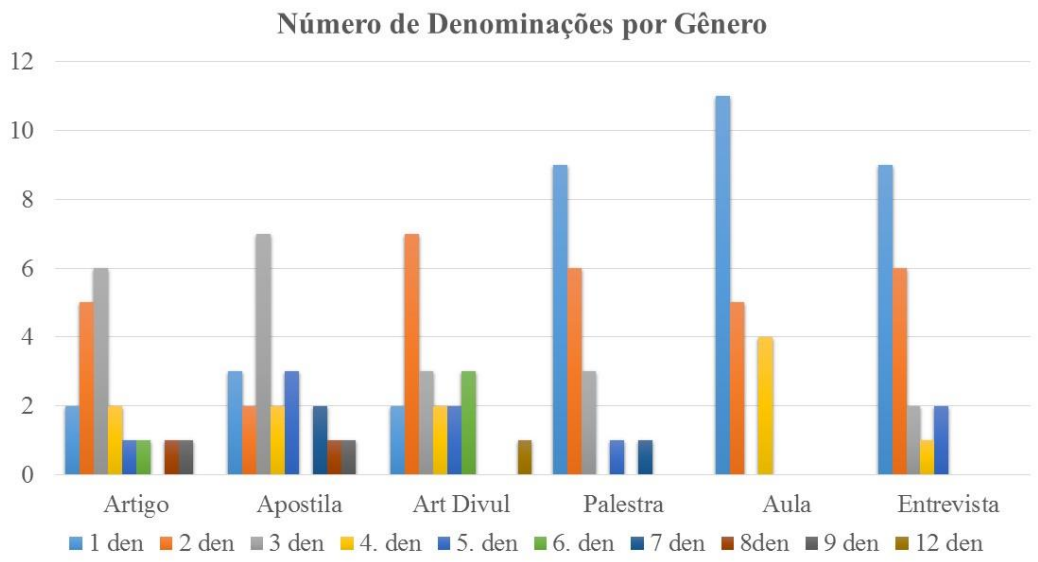
Canal	Gêneros	1den	2den	3den	4den	5den	6den	7den	X (den)	Total gênero
Escrita	Artigo	2	5	6	2	1	1	2	1(9)	72
	Apostila	3	2	7	2	3		2	1 (8)	73
	Art. Divulgação	2	7	3	2	2	3		1(12)	73
Oralidade	Palestra	9	6	3		1		1		42
	Aula	11	5		4					37
	Entrevista	9	6	2	1	2				41
Total por grupo		36	31	21	11	9	4	5		338

Fonte: própria

A partir do Quadro 08, é possível estabelecer a relação entre o grupo de conceitos por denominação dentro do *corpus* comparativo e os gêneros textuais especializados. O quadro mostra que o maior número de denominações dentro da amostra é de conceitos monodenominativos, estando a maioria nos textos orais. Nesse grupo, o gênero que apresenta o maior número de conceitos monodenominativos é a aula, enquanto que os dois outros gêneros apresentam o mesmo número de conceitos com uma denominação.

No entanto, a diferença se estabelece a partir dos outros grupos polidenominativos, visto que a palestra e a entrevista têm um número maior de conceitos polidenominativo, com destaque para a aula por ter um maior número de grupos de conceitos com mais de uma denominação. Ainda sobre o grupo de textos orais, em todos os textos, os conceitos monodenominativos formam o maior grupo, enquanto que, no texto escrito, apenas a apostila tem o número de conceitos com duas denominações menor do que o grupo de monodenominativos, entretanto, o grupo de conceitos com 3 denominações é o maior do *corpus* inteiro.

No grupo dos textos escritos, o artigo científico apresentou o menor número de variação denominativa, muito embora sejam as apostilas que apresentam o maior número de conceitos monodenominativos. No artigo científico, os conceitos com menor número de variantes são mais frequentes. O gênero que apresentou o conceito com maior número de denominações foi o artigo de divulgação. O gráfico 2, a seguir, dá uma ideia geral da quantidade de variação em cada gênero e mostra o diferencial entre os dois gêneros da escrita que mais variaram.



Por meio do gráfico, observa-se a diferença quantitativa entre o artigo de divulgação e o artigo científico, além de ser possível observar a diferença entre os gêneros orais e os gêneros escritos. Nos primeiros, há uma maior quantidade de conceitos monodenominativos e uma baixa frequência de conceitos com mais de 4 denominações.

A seguir, serão feitos alguns comentários que buscam apresentar algumas reflexões sobre a variação nesses diferentes gêneros especializados. Os comentários são

gerais e estão baseados nos dados que foram apresentados até aqui no estudo, além de em algumas considerações teóricas encontradas em estudos terminológicos variacionistas. As considerações serão feitas em grupos de gêneros, a partir da variação encontrada. Inicialmente, serão feitas considerações sobre os gêneros com maior número de variação, em seguida, sobre o que apresentou um número razoável de variação e, por fim, o que apresentou menor índice de variação.

5.4. Os gêneros que apresentaram um alto índice de variação denominativa: a palestra e o artigo de divulgação

Como foi explicado no capítulo anterior, em uma palestra prototípica, o indivíduo é um especialista com alto grau de conhecimento ou experiência sobre determinado tema e, nela, o especialista tende a apresentar os diferentes pontos de vista sobre aquele tema e suas experiências com as práticas relacionadas a um tema geral (MIRANDA, 2016). O texto falado, a depender do especialista, é, geralmente, acompanhado de um recurso visual, por meio do qual, o especialista organiza sua fala sem se perder no tema. A partir disso, o especialista pode ter um nível maior de descontração ou não.

De um modo geral, as palestras prezam por uma linguagem mais formal e mais especializada, porque pressupõe-se um diálogo com especialistas com o mesmo nível de especialização ou semileigos. No entanto, a produção do texto é semiespontânea, tendo em vista que o texto pode ser pré-produzido e lido no momento da palestra, ou pode ser um texto que, embora produzido anteriormente e guiado pelo recurso visual, tem um aspecto muito mais espontâneo do que o lido.

É possível que esse tipo de contexto leve a uma maior variação, sobretudo porque o especialista tem em mente muito mais a informação do que como vai transmiti-la, além do fato de esses especialistas terem um alto grau de conhecimento sobre o tema, portanto, conhecerem mais as diferentes denominações para o mesmo conceito. Soma-se a isso o menor cuidado em explicar os conceitos para outros especialistas que o ouvem, uma vez que se pressupõe que eles tenham conhecimento e domínio da terminologia utilizada na área. Um outro fator que talvez tenha colaborado para um maior nível de variação denominativa, nesse contexto, pode ter sido o tempo de produção do texto, ou o contexto de produção, tendo em vista que a conferência e palestra são os gêneros orais especializados que têm o maior tempo para ser realizado por um especialista dentre os gêneros acadêmicos orais.

Por outro lado, o artigo de divulgação caracteriza-se por apresentar uma dimensão menor e precisa de recursos visuais para explicar os conteúdos especializados para uma planteia de, geralmente, leigos ou semileigos. Krieger (2009, p. 2) explica que

> (...) textos de divulgação científica contêm também terminologias. No entanto, estas costumam sofrer adaptações denominativas ao modo, por exemplo, de variantes populares dos termos técnicos. Além disso, costumam aparecer acompanhadas de alguns outros recursos lingüísticos e discursivos empregados nos seus contextos de ocorrência para facilitar a apreensão de conteúdos das ciências e das tecnologias pelos leitores leigos.

Nesse sentido, conforme Krieger (2009), o texto de divulgação utiliza-se, na grande maioria das vezes, de recursos pictóricos e termos mais gerais e metáforas para tentar explicitar, ao público leigo, os conceitos mais abstratos e os resultados de alguma experiência científica ou técnica. Para isso, a variação denominativa é um importante recurso, visto que são explorados os diferentes modos de denominar uma entidade ou um conceito do universo especializado e um uso maior de denominações mais populares, genéricos ou paráfrases dos conceitos discutidos no texto. Essas características do texto de divulgação podem ter colaborado para um nível maior de variação. No entanto, é importante frisar que o número de textos selecionados para a amostra também pode ter sido um fator relevante para a variação denominativa, além do que os autores desses textos são jornalistas, mediadores, com certo grau de especialização, e conhecem a terminologia da área. Nesse sentido, é importante explicar que o trabalho toma a perspectiva de Ciapuscio (2002), que afirma que os jornalistas escritores de textos de divulgação são uma espécie de pseudoespecialistas ou semiespecialista. Embora não sejam especialistas na temática sobre a qual escrevem, são especialistas em transformar um texto altamente especializado em um texto menos especializado. Kuguel (2010, p. 101) explica que:

> A categoria de semiespecialista (ou semileigo) é uma categoria complexa que serve para designar o interlocutor que tem certos conhecimentos sistematizados sobre a área específica e que pode compreender distintos perfis: o aprendiz de especialista (estudantes avançados), o jornalista científico, e, inclusive, o especialista de áreas de conhecimentos próximas.[35]

---

[35] La categoría de semiespecialista (o semilego) es una categoría compleja que sirve para designar al interlocutor que posee ciertos conocimientos sistematizados sobre el área específica y que puede comprender distintos perfiles: el aprendiz de especialista (estudiante avanzado), el periodista científico, e incluso, el especialista de áreas de conocimiento cercanas.

Kuguel explica ainda que a diferença entre as competências desses especialistas é que marca a diferença entre eles. Em outras palavras, quanto maior a experiência e a competência de um indivíduo desse grupo, mais alto será seu status nesse grupo, ou seja, maior será sua autoridade sobre um assunto e seu reconhecimento no grupo. Nesse sentido, os especialistas autores dos textos de divulgação selecionados para o *corpus* são especialistas familiarizados com a terminologia da cana-de-açúcar, tendo em vista que os veículos em que escrevem são próprios do setor. Em alguns casos, são jornalistas de veículos de divulgação mais amplos, como os jornalistas do site da FAPESP e de outros sites de divulgação científica. Os textos produzidos pelo primeiro exemplo de jornalistas são os que têm maior representatividade no *corpus*. Com relação à quantidade de textos, como foi explicado anteriormente, fora necessário um grupo grande de textos de divulgação para que se pudesse chegar aos 20 conceitos, e essa escolha pode ter influenciado, visto que a grande quantidade de textos selecionados permite um maior número de diferentes denominações escolhidas por um número diferente de autores semiespecialistas.

5.5. Textos com índice de variação média: a entrevista

As entrevistas em programa de divulgação científica foram feitas em programas destinados à comunidade em geral, muito embora o tema seja sempre produtos agrícolas ou a divulgação de descobertas científicas. O estilo das entrevistas é de entrevista em programa gravado e de modo espontâneo, dialogada com um jornalista. Nesses programas, o especialista é o único convidado e tem um tempo de, em média, 20 minutos. Além da fala do especialista, as imagens e ilustrações são utilizadas com muita frequência. Na sequência do programa, são feitas perguntas ao especialista e ele comenta a temática. Geralmente, nesses programas, os temas são a apresentação de alguma técnica ou descoberta nova, o que leva o especialista a apresentar conceitos básicos sobre um tema, muito embora, de modo rápido.

As características desse tipo de programa colaboram para uma variação denominativa, mas que não tem contornos de uma variação muito expressiva: primeiramente porque o tema comentado é sempre apenas um tópico específico, uma tecnologia. Esse recorte colabora para um controle sobre os temas colocados. Embora o especialista aparente ter tempo para responder as perguntas, elas precisam ser respondidas sem muitos detalhes por conta do tempo que é pequeno. Nesse sentido, o especialista precisa ser rápido e apresentar a informação de modo que não fique dúvida para o

telespectador. O diálogo é entre especialistas e leigos (o público de casa), o que leva o especialista a usar a terminologia da área e uma forma mais comum da terminologia da área. Nesse sentido, entende-se que a denominação dos conceitos seja feita de modo claro e objetivo. Esses elementos desse contexto comunicativo (recorte temático do tema, público-alvo, tempo e o próprio contexto de produção) colaboram para a variação, ao mesmo tempo que a controlam.

É interessante também mencionar que, no caso dessas entrevistas, quem tem a voz é o especialista, diferentemente do que ocorre com o artigo de divulgação científica, em que a voz é do jornalista.

5.6. Os gêneros que apresentaram um nível menor de variação denominativa: a aula , o artigo científico e a apostila

As aulas utilizadas neste estudo são aulas do curso superior de Agronomia, produzidas na modalidade a distância, com tempo médio de 50 minutos. Como já foi mencionado, a interação entre professor e aluno é menor e feita de modo indireto. Muito embora em uma aula presencial a interação professor-aluno seja pequena, sendo feita, normalmente, com a permissão ou por iniciativa do professor, na modalidade a distância, a interação face-a-face não existe. De acordo com Ciapuscio (2009), a aula universitária "Consiste geralmente de exposição dos conteúdos por parte dos docentes; os estudantes seguem seu desenvolvimento e têm em geral poucas intervenções que, geralmente, se limitam a perguntas destinadas a assegurar a compreensão" (CIAPUSCIO, 2009, p. 78)[36].

Entende-se aqui que o fato de ser a distância colabora para reduzir a variação denominativa, porque o professor, no momento da produção do texto, se os alunos entendem ou não o conteúdo repassado e diante da ausência de alunos, não recorre tanto às paráfrases e a outros modos de dizer o conceito. Outro fator que também colabora para um nível mais baixo de variação denominativa nesse grupo de textos: as aulas têm, em média, a duração de cinquenta minutos. As aulas têm em comum também um tema geral, normalmente, compartimentado, ou seja, cada tema é visto em detalhes, o que leva o professor a comentar rapidamente os diferentes pontos sobre o tema, dando pouco espaço para o uso mais espontâneo e aprofundado de um conceito, o que acaba levando ao uso das formas mais prototípicas. O tempo da aula é menor e a quantidade de conceitos a ser

[36] consiste generalmente de la exposición de los contenidos por parte de los docentes; los estudiantes siguen su desarrollo y tienen en general pocas intervenciones que, por lo general, se limitan a preguntas destinadas a asegurar la comprensión.

explorado é grande, o que pode levar os especialistas a utilizarem mais formas prototípicas e gerais.

Na modalidade a distância, o espaço do material didático é muito superior ao do professor, tendo em vista que, nessa modalidade, o aluno depende muito mais da leitura do seu material didático do que dos comentários do professor, o que pode explicar o fato de a variação denominativa ter sido maior no material didático do que na fala do professor. Este tem a função muito mais de trazer alguma informação complementar e explicar o conteúdo do que de explorar os detalhes do conteúdo, como o faz a apostila.

O artigo científico, por sua vez, é o gênero prototípico dos discursos acadêmicos e é utilizado em muitas instâncias do universo científico: desde a esfera científica-tecnológica até a sala de aula como material didático. Por ser um gênero muito utilizado, pode apresentar diferentes configurações. De acordo com Motta-Roth et ali (2003), nas ciências biológicas, o artigo científico é um gênero muito mais utilizado do que em outros campos das ciências. No universo da cana-de-açúcar, a produção de artigos científicos é bastante evidente, sobretudo com trabalhos publicados em inglês. Essa intensa publicação acaba levando para um modelo de gênero que deve obedecer a alguns critérios, dentre os quais se destaca o uso de uma terminologia específica. Na regra de publicação de uma das revistas do *corpus*, é possível observar essa preocupação: “h. As grandezas devem ser expressas no SI (Sistema Internacional) e a terminologia científica deve seguir as convenções internacionais de cada área em questão.” (Revista Brasileira de Ciências Agrárias). Isso demonstra a preocupação da área com a terminologia científica específica, o que pode limitar o uso de variantes nesses textos, muito embora a presença de termos variantes seja visível. Tentando se adequar às regras de publicação nesses periódicos, os especialistas buscam utilizar uma terminologia já consagrada na área, o que pode ser um limitador do uso de variantes denominativa nos conceitos.

O público-alvo desses textos também pode ser um fator que colabora para os resultados. Entendendo que os interlocutores desses textos são outros especialistas com o mesmo nível de conhecimento dos autores, que, na grande maioria, são doutores na área da Agronomia ou da Biologia. Os autores acabam usando menos variantes.

Também é interessante mencionar que os artigos científicos costumam apresentar limitações de páginas e caracteres, o que colabora para um uso mais preciso e conciso da linguagem.

Quanto à apostila, como material didático, amplo, escrito e produzido por especialistas na área da agronomia, apresentam um conteúdo bastante amplo sobre os

conceitos apresentados. Como já foi mencionado, o material didático utilizado aqui é o adotado nos cursos de graduação em agronomia na modalidade a distância. Nesses materiais, em média, são dedicadas 2 páginas para a explicação dos assuntos. Tendo em vista que esse material didático pertence a um tipo de prática pedagógica em que há a ausência de professores para uma interlocução mais próxima, o material é preparado para que o aluno possa ter o menor número de dúvidas possíveis. De acordo com Almeida:

> O texto didático escrito, na opinião da grande maioria dos especialistas em EAD é, de fato, o suporte básico de qualquer curso nessa modalidade pois constitui a forma mais antiga, e ao mesmo tempo, mais presente, de facilitar a interação do aluno com o professor no processo de ensino e aprendizagem. (ALMEIDA, 2009, p.104)

Nessa modalidade, a interlocução com o professor é menor do que na modalidade presencial, o que leva esse material a ser o mais explícito e mais amplo possível. Nesse sentido, ainda de acordo com Almeida (2009, p.61), o texto didático ideal da modalidade a distância "deve ser usado em estilo pessoal, incluindo pronomes pessoais e possessivos, indicando as mudanças de assuntos de forma explicita, utilizando tipos gráficos diferenciados". É comum que esse tipo de material didático apresente as diferentes denominações dos conceitos com alguma marca, por isso, é muito comum o uso de elementos metalinguísticos, como as expressões "ou", "o mesmo que", "também denominado" e elementos gráficos como parênteses e aspas, como nos trechos a seguir.

> A cana-de-açúcar é da ordem das gramíneas. Desenvolve-se em forma de touceira **(moita).** A parte aérea é formada por colmos, caule típico das gramíneas, folhas, inflorescências **(conjunto de flores arranjadas em haste)** e frutos. (APOSTILA 3, p. 23)

> Os rizomas são constituídos por nódios **ou** nós, internódios **ou** entrenós e gemas, as quais são responsáveis pela formação dos perfilhos da touceira. (APOSTILA 3, p. 24)

Muitos outros fatores podem condicionar a variação denominativa nos três grupos de textos que foram apresentados neste estudo: os que foram apontados são os que se mostram mais salientes neste *corpus*. Os pares de textos selecionados para o estudo não foi um aspecto relevante, tendo em vista que textos da mesma esfera apresentam níveis diferentes de variação. É preciso notar ainda que, muito embora a quantidade de variação denominativa não seja muito grande entre os textos produzidos pelo mesmo canal comunicativo há uma diferença entre os dois canais.

5.7. A variação denominativa e o canal comunicativo: uma amostra

Uma questão que ficou evidente na amostra feita para este estudo é a diferença da quantidade de palavras em ambos os corpora. Visto que a diferença entre os *corpora* oral e escrito é de mais de 70 mil palavras, não seria possível tentar observar a variação entre os diferentes gêneros e nem fazer o cruzamento entre um grupo de textos com o outro. Buscando ultrapassar a barreira da quantidade de palavras, foi feito um recorte no *corpus* geral de modo que se pudesse unificar ou padronizar a quantidade de palavras. O parâmetro foi o *corpus* oral, que ficou delimitado entre 10 e 12 mil palavras. Desse modo, foi produzido um *corpus* comparativo em que todos os gêneros tivessem o mesmo número de palavras ou um número próximo. Desse modo, o *corpus* comparativo permite observar até que ponto o canal comunicativo e sua materialização (oral ou escrita) são relevantes para a variação encontrada. A comparação feita nesta parte do estudo se limita a apresentar apenas os índices de variação denominativa, tendo em vista que os índices dão uma importante pista sobre a variação denominativa em cada amostra dos dados deste estudo. De qualquer modo, as tabelas produzidas a partir dos resultados dessa rodada com dados semelhantes podem ser observadas no apêndice A. Já foi constatado, na análise do *corpus* comparativo, que as quantidades de grupos denominativos acompanham os índices de variação denominativa. O quadro 09 mostra como ficou a quantidade de palavras no *corpus* que ficou denominado de *corpus* comparativo oralidade e escrita.

Quadro 09: Quantidade de palavras no *corpus* comparativo oralidade e escrita

Modalidade	Gênero	Quantidade de palavras	Total
Oralidade	Palestras	12, 175	32, 559
	Aulas	10.642	
	Entrevistas	9.742	
Escrita	Artigo Científico	10.708	30, 107
	Apostila	9.224	
	Artigo de Divulgação	10.175	
Total de palavras nos *corpora*			62, 666

Fonte: própria

A título de comparação, foi utilizado o recorte de 20 conceitos utilizado para observar a variação no *corpus* geral. Nesse sentido, os mesmos critérios de recolha dos termos e de suas variantes foi aplicado nesta amostra buscando uma uniformidade na análise das comparações colocadas em jogo neste estudo. O quadro a seguir apresenta os índices de variação produzidos a partir do *corpus* comparativo oralidade e escrita.

Quadro 10: índices de variação denominativa no corpus comparativo oralidade e escrita

CANAL	GÊNERO	CONCEITOS	DENOMINAÇÕES	ÍNDICES	M
Oralidade	Palestra	20	42	2,1	2,0
	Aula	20	38	1,9	
	Entrevista	20	41	2,0	
Escrita	Artigo Científico	20	48	2,4	2,3
	Apostila	20	50	2,5	
	Artigo de Divulgação	20	43	2,1	

Fonte: Fonte própria

A comparação da variação denominativa entre os gêneros com o mesmo número de palavras mostra que o canal comunicativo é relevante para a variação denominativa, tendo em vista que a quantidade de palavras encontradas no *corpus* reduziu consideravelmente e os resultados mostram que, apesar de os índices terem se reduzido, a diferença de variação entre os diferentes se confirma.

Assim, é importante atentar para o fato de que, embora os índices tenham se diferenciado e ficado mais próximos, os resultados continuam inalterados de um modo geral, tendo em vista que há maior variação nos textos escritos do que nos textos orais. No entanto, é preciso observar que a redução de número de palavras atingiu diretamente a quantidade de palavras no grupo da escrita, mostrando que, embora não seja a mais relevante das causas dessa variação, é um fator que colabora com os resultados encontrados.

A quantidade, no entanto, atinge diretamente os gêneros da escritas que variam mais ou menos, visto que o artigo de divulgação não ficou sendo, nessa configuração, o gênero que variou mais; ao contrário, passou a classe dos que variam menos, isso mostra o quanto a hipótese da variedade de textos no *corpus* de divulgação colabora para a variação denominativa encontrada.

De um modo geral, é possível afirmar que o fator quantidade de palavras é relevante em alguns pontos dos resultados apresentados, visto que as quantidades das variantes e os níveis sofreram modificações com a equiparação dos *corpora*. No entanto, é importante considerar que, diferentemente à média geral do *corpus* comparativo oralidade e escrita, a quantidade não trouxe mudanças significativas para o quadro da variação denominativa criado a partir dos dados gerais deste estudo.

6. A VARIAÇÃO DENOMINATIVA E O TEXTO ESPECIALIZADO: UM OLHAR SOBRE OS TEXTOS DO UNIVERSO DA CANA-DE-AÇÚCAR

Nesta parte do estudo, serão apresentados alguns fenômenos do texto em que é possível observar a variação denominativa no *corpus* oral e no escrito especializados. Serão apresentados alguns exemplos de como a variação denominativa é utilizada nos textos da área e como ela colabora para as configurações linguísticas e contextuais. O interesse aqui não é esgotar o assunto, nem os exemplos dos fenômenos do texto que têm origem na variação denominativa dessa área, mas sim, apresentar alguns exemplos para que fiquem ilustradas as discussões sobre os gêneros textuais especializados, que vêm sendo apresentadas ao longo deste trabalho e pela Terminologia Textual por meio de suas pesquisas.

Neste ponto do trabalho, a pesquisa se aproxima ainda mais da Terminologia Textual e da Linguística Textual, dando especial atenção às pesquisas de Ciapuscio (2003, 2010), nas quais a autora tem mostrado alguns aspectos da variação denominativa dentro dos textos especializados em distintos níveis, e dos estudos de Marcushi e Koch (2015), que apresentam as estratégias de progressão textual, que se utilizam do léxico para sua ocorrência. Para Ciapuscio (2003), a variação conceitual e denominativa são aspectos do discurso especializado e essa variação terminológica se revela por meio dos textos e na forma como as informações são apresentadas ao longo dos diferentes gêneros textuais. A autora parte da ideia de que todos os textos apresentam diferentes aspectos dos conceitos especializados e esses aspectos são revelados por meio das expressões que fazem referência a eles. Ciapuscio (2003, p. 75) explica que:

> Um conceito constitui uma configuração de conhecimentos que pode ativar-se ou recuperar-se em um texto de uma maneira mais ou menos consistente e homogênea. Os conceitos se ativam na mente e se projetam em expressões na produção de textos, para logo serem recuperados novamente na recepção. Entre os conceitos que aparecem reunidos em um mundo textual determinado se estabelecem vínculos que recebem uma denominação segundo os conceitos com os quais se conectam. O conjunto de relações constituiria, desse modo, o conjunto de possibilidades de vinculações que delimita o uso efetivo de cada conceito. A coerência do texto é uma rede que, como já se antecipou, é o resultado de uma combinação de conceitos e relações a partir da interação entre o material textual e seu intérprete (seus conhecimentos prévios, crenças, valores). [37]

[37] Un concepto constituye una configuración de conocimientos que puede activarse o recuperarse en un texto de una manera más o menos consistente y homogénea. Los conceptos se activan en la mente y se proyectan en expresiones en la producción de textos, para luego ser recuperados nuevamente en la

Nessa perspectiva, o texto é uma rede conceitual bastante complexa que revela os diferentes aspectos dos conceitos por meio das denominações e das expressões que estão disponíveis na superfície do texto. Com isso, o conhecimento especializado é revelado por meio dessas denominações e por meio das expressões que estão disponíveis no texto em suas diferentes partes. Essas denominações e expressões revelam uma rede conceitual bastante complexa que está relacionada com as características dos conceitos e com suas relações. Marcuschi e Koch (2015) veem essas expressões estratégias de progressão textual e manobras de convencimento e de organização do texto, conforme será apresentado mais à frente.

A partir dessas ideias, Ciapuscio (2003) defende que a variação conceitual e a variação denominativa colaboram para as próprias configurações do texto, de modo que o fluxo informacional e a organização do próprio texto são estruturados a partir dessas características. Em outras palavras, o fluxo de informação e a quantidade de variantes em um texto se diferencia por aspectos que estão além do texto, aspectos que estão relacionados com o funcionamento do texto na sociedade e nas diferentes esferas do saber especializado. Nesse sentido, diferentes textos com diferentes níveis de especialização podem apresentar uma variação denominativa e conceitual que se revela pelas informações disponíveis sobre um conceito em um texto.

A depender de seu interlocutor, do gênero textual ou da materialização do texto, bem como do tema tratado no texto, o especialista pode acrescentar ou retirar informações para que possa ter sucesso em sua interlocução. Ainda segundo Ciapuscio (2003, p. 45)

> As modalidades e graus de variação conceitual da terminologia se veiculam e são explicados a partir da relevância e interação de fatores dos módulos superiores do texto: o funcional (propósito da comunicação), a situação (interlocutores, relações entre eles, meio ou canal, etc) e o nível temático-semântico.

A partir desses critérios e considerando o modelo teórico de classificação dos textos especializado (CIAPUSCIO, 2003; KUGUEL; CIAPUSCIO 2002), é possível observar as diferentes formas como um conceito pode ser denominado em um determinado texto ou em diferentes textos. Observar como as relações acontecem dentro

---

recepción. Entre los conceptos que aparecen reunidos en un mundo textual determinado se establecen vínculos que reciben una denominación según los conceptos que conectan. El conjunto de relaciones constituiría, entonces, el conjunto de posibilidades de vinculación que delimita el uso efectivo de cada concepto. La coherencia del texto es una red que, como ya se anticipó, es el resultado de una combinación de conceptos y relaciones a partir de la interacción entre el material textual y su intérprete (sus conocimientos previos, creencias, valores, etc.)

do texto mostra como a variação terminológica colabora para a configuração dos gêneros textuais nos discursos especializados. Buscando observar esses processos nos textos utilizados neste estudo, foram selecionados alguns conceitos para que se possa notar como a variação denominativa colabora para a construção desses diferentes textos.

Na primeira parte, é apresentada uma análise dos gêneros textuais utilizados neste estudo, buscando identificá-los como gêneros que são especializado e como eles servem de instrumentos comunicativos dentro do contexto especializado da cana-de-açúcar e servindo como base na relação de um especialista com outros especialistas e com os leigos. Para essa análise, será apresentado e considerado o modelo de classificação dos gêneros textuais especializados, pensado por Ciapuscio e Kuguel (2002). Em seguida, será apresentada uma outra análise em que se observa a relação entre a variação denominativa e o fluxo informacional do texto. Serão analisados dois trechos do mesmo texto para que se observe a densidade terminológica e a organização das informações nos diferentes gêneros textuais. Após a exposição de trechos dos textos e das expressões e denominações referentes aos conceitos, serão apresentadas algumas considerações acerca dos gêneros textuais e das possíveis causas funcionais dessa variação.

Na segunda parte, mais ancorada nas discussões sobre o texto em si, serão observados diferentes efeitos e estratégias utilizadas pelos especialistas para a produção e organização do texto especializado, para a adaptação e para a própria progressão textual. Para entender melhor esses efeitos, serão apresentadas as ideias de Marcuschi e Koch (2015) sobre a progressão textual e sobre a referenciação. A partir dessas ideias, serão apresentadas algumas estratégias observadas nos diferentes textos especializados e serão feitas considerações acerca da importância da variação denominativa para esses recursos.

Por fim, serão feitas considerações finais deste capítulo, onde se busca sintetizar as principais ideias construídas a partir dos resultados apresentados neste capítulo.

6.1. A classificação dos gêneros especializados: a proposta de Ciapuscio e Kuguel (2002)

A Terminologia, em sua face de estudos sobre o texto especializado, tem apresentado um conjunto numeroso de propostas de classificação dos textos especializados, muitas delas, amparadas em aspectos muito mais estruturais do que funcionais do texto. Um exemplo claro desse tipo de proposta são os trabalhos de Hoffman (ZILIO; FINATTO, 2015) e de Sager (1990) entre outros. Muito embora, seja

possível observar uma preocupação com o contexto comunicativo nas propostas desses autores, o aspecto estrutural ainda é o que toma maior atenção nessas propostas.

Dentre os trabalhos que buscam pensar em uma tipologia do texto especializado é possível observar as discussões apresentadas por Ciapuscio (2003), Ciapuscio e Kuguel (2002) e de Cabré (1999) que lançam mão de alguns elementos próprios do uso e das atividades no universo especializado para que se construa uma classificação ampla e operante para os estudos sobre os diferentes gêneros textuais no universo especializado. Muito embora já tenha sido feita a apresentação da proposta dos gêneros especializados dentro da Linguística Textual, neste estudo, será considerada a proposta de Ciapuscio e Kuguel (2002), o que leva a apresentação, de modo sucinto, da proposta da autora de análise e classificação dos diferentes gêneros textuais especializados feito pela Terminologia. A proposta de Ciapuscio é feita baseando-se nas teorias funcionais e da Linguística Textual moderna, que se interessa por uma diversidade de temas e aspectos relacionados aos textos. Dessa forma, a análise e o tratamento dos dados dos textos investigados na pesquisa serão feitos considerando a perspectiva teórico-metodológica de Ciapuschio (2003) e de outros estudos do gênero textual especializado que se baseiam na proposta da Teoria Comunicativa da Terminologia.

A proposta de Ciapuscio é bastante ampla e considera os gêneros textuais acadêmicos dentro de níveis que vão desde a função até a forma desses gêneros. Para Ciapuscio e Kuguel (2002), os gêneros especializados podem ser classificados em 4 grandes níveis, nos quais ela apresenta os diferentes aspectos dos gêneros no universo especializado. Os níveis da proposta de Ciapuschio e Kuguel (2002) são: nível 1 - Função; Nível 2: Situação; Nível 3: conteúdo semântico; Nível 4: forma. A quadro a seguir apresenta uma síntese da proposta de dessas autoras, mostrando todos os elementos de cada nível considerado.

Quadro 11: proposta de classificação dos gêneros textuais de Ciapuscio e Kuguel (2002)

Função	Situação	Conteúdo Semântico	Forma
Ação; expressar; contactar; informar e dirigir; função dominante: subsidiária e complementares); sequenciação.	Comunicação: interna, externa; Relação entre os interlocutores: especialistas, semi-especialista e leigos; Número de interlocutores: monólogo, diálogo, grupo pequeno, grupo grande; Parâmetro espaço-tempo: comunicação face-a-face, gráfica, televisiva, virtual etc;	Tema do texto; Formas Primárias e Secundárias; perspectivas sobre o tema; Partes Textuais: prototípicas e livres; Tipo textual: narração, exposição, descrição...	Formas da classe textual; Formas linguísticas e não-linguísticas; aspectos gramaticais: recursos léxicos e gramaticais.

Fonte: Ciapuschio e Kuguel (2002)

Como é possível observar, a proposta de Ciapuscio e Kuguel (2002) tenta contemplar um número grande de elementos que são próprios do funcionamento da comunicação nos universos científico-profissional e que estão envoltos em todos os atos comunicativos produzido no universo especializado em suas diferentes dimensões. Ciapuscio (2002, p. 43, grifo original) explica que a proposta não é compartimentar os elementos em classes, mas sim, apresentar os elementos, sem deixar de considerar alguns dos vários elementos que colaboram entre si para o sucesso da ação comunicativa. As autoras explicam ainda que

> A tipologia reflete o conhecimento sobre as classes textuais dos falantes que os habilita para produzir e compreender textos. Esse conhecimento tipológico consiste em representações prototípicas em distintos níveis ou módulos textuais. Os textos concretos, "instanciam", quer dizer, realizam valores de níveis e parâmetros[38]

[38] La tipología refleja el conocimiento sobre clases textuales de los hablantes que los habilita para producir y comprender textos. Este conocimiento tipológico consiste en representaciones prototípicas en los distintos niveles o módulos de los textos. Los textos concretos "instancian", es decir, realizan valores de niveles y parámetros.

No nível da função, a proposta busca apresentar as diferentes ações que são prototípicas da comunicação por meio dos textos especializados, portanto: um texto especializado, geralmente, é utilizado para apresentar (expor uma nova ou já conhecida ideia ou tecnologia), informar (apresentar uma nova informação ou descoberta), contactar (relacionar-se com outros especialistas) e dirigir (fazer com que o especialista assuma determinada postura, ação ou adquira uma nova posição teórica) determinada informação especializada. Nesse sentido, alguns textos podem apresentar uma ou outra função em predominância (alguns textos podem ser mais informativo do que o outro ou mais didático etc) e apresentar alguma outra função em menor nível, o que mostra que nenhum gênero tem uma tipologia única. A sequenciação tem a ver com a hierarquia das funções dos textos especializados: um texto pode ter a função prioritária de divulgação de uma experiência ou de um resultado de uma experiência dentro de uma determinada comunidade científica, no entanto, o mesmo texto pode ser utilizado em uma aula ou em uma orientação de um trabalho. Nesse caso, a função predominante é uma e a secundária é outra, mostrando que um mesmo texto especializado pode ter uma sequência de funções sociais em uma comunidade científica.

No nível da situação, Ciapuscio e Kuguel apresentam os diferentes aspectos que estão na base da comunicação especializada, que pode ser interna ou externa, ou seja, pode ser feita em um contexto científico-profissional ou não; a relação entre os especialistas, que pode ser de especialistas com outros especialistas, semileigos ou leigos; a prática comunicativa que baseia o gênero especializado pode ser um monólogo ou diálogo com um grupo pequeno ou grandes de especialistas ou não-especialistas. Com relação à materialização da prática comunicativa e os recursos disponíveis para isso, ela pode ser feita em interações face-a-face, por escrito, por meios digitais entre outros recursos que permitam a interação.

Na dimensão do conteúdo semântico, os gêneros textuais do universo especializado apresentam sempre uma característica própria, ou seja, específica, restrita a um público especializado ou interessados em uma temática específica. Os textos especializados, nesse sentido, podem ter uma forma primária, a que circula entre os especialistas e a secundária, que circula entre os leigos. A secundária é sempre originária da primária, a exemplo dos textos de divulgação científica. Um outro aspecto dos textos e gêneros especializados é que eles sempre são tratados a partir de um ponto de vista, sendo difícil que sejam tratados em todas as perspectivas. O texto também pode apresentar diferentes estruturas, podendo ser prototípica ou livre, ou seja, em alguns

pontos, o texto pode apresentar a estrutura de um artigo científico e em outro apresentar uma estrutura livre ou diferente. Nesse sentido também pode apresentar os diferentes tipos textuais, sempre a depender do contexto comunicativo.

Por fim, na dimensão da forma, é onde o estilo considerado científico clássico e o não-científico predominam, a fim de que o gênero possa ser reconhecido dentro de um contínuo dos gêneros especializados. É a partir disso que elementos não-linguísticos são inseridos ou não em um texto, a fim de facilitar a compreensão de um determinado conceito. Nesse mesmo sentido, a presença de terminologias em um texto e de alguns modelos sintáticos, como modelos sintáticos que denotam a impessoalidade e a formalidade imprimem no texto um estilo acadêmico-científico, de divulgação ou não-científico.

Considerando a tipologia apresentada por Ciapuscio e Kuguel, é possível observar os diferentes elementos que formam a comunicação no universo especializado. Note-se que a tipologia considera os gêneros textuais, os diferentes contextos comunicativos existentes no universo laboral das diferentes áreas do conhecimento humano. Nesse sentido, Ciapuscio (2003) considera os gêneros textuais acadêmicos um contínuo de práticas sociais do uso da linguagem que abarca um conjunto de práticas (gêneros) diferentes. Nessa proposta, os gêneros considerados protótipos dos gêneros acadêmicos (na modalidade oral: a palestra, a comunicação oral, na modalidade escrita: a tese, a dissertação, o artigo científico) coabitam com os gêneros considerados menos acadêmico-científicos (na modalidade oral: a entrevista em programas de televisão aberta; na modalidade escrita: artigos de divulgação que resumem um artigo científico que tem um tema de interesse da sociedade no geral). Ambos conjuntos de textos são considerados gêneros especializados por apresentar elementos que são próprios dos gêneros especializados e não-especializados em suas diferentes dimensões.

Ciapuscio (2003, p. 30) explica que, para que se estude o texto especializado em suas diferentes dimensões, é necessário se desfazer de concepções fechadas de classe textual e nível de especialização de um texto, e deve-se considerar todas as suas dimensões e usos. Nas palavras da autora, “considero mais adequada e produtiva uma concepção gradual da especialidade que, longe de se pressupor a existência de cortes nítidos, admita-se zonas de transição, e incluindo, de ambiguidade, na delimitação de

texto com especiais.”[39]. É nesse sentido que, neste trabalho, os diferentes gêneros textuais analisados serão considerados especializados, com a diferença de que cada um está em um ponto diferente de um contínuo especializado em que, em um ponto, tem-se gêneros típicos do universo acadêmico-tecnológico-especializado e em outro um conjunto de práticas comunicativas especializadas em suportes ou em recursos destinados ao público leigo.

Nesse sentido, buscando abarcar diferentes níveis de especialização e diferentes contextos em que os especialistas do universo da cana-de-açúcar atuem, foram selecionados 6 gêneros textuais para que se observe a variação denominativa nesses 6 gêneros. Foram selecionados 3 gêneros textuais orais e 3 gêneros textuais escritos. Entende-se como gêneros textuais orais as práticas discursivas, com algum nível de estabilidade, em que haja a predominância da forma oral da linguagem no ato comunicativo, muito embora possa haver também a presença de suportes e textos escritos para basear o ato, a exemplo do gênero textual palestras, entrevistas entre outros. Por outro lado, entende-se gêneros textuais escritos as atividades comunicativas no universo especializado feitas por meio da predominância do texto escrito, a exemplo dos artigos científicos, os *folders* e outros textos.

6.1.1. Os gêneros textuais analisados neste estudo

Os 6 gêneros textuais trabalhados no estudo foram escolhidos a fim de se observar, em diferentes níveis, a especialização no discurso do engenheiro agrônomo e o quanto o fato contexto comunicativo, o contexto de produção do texto especializado, colabora com a variação denominativa no discurso especializado. Foram escolhidos, desse modo, os gêneros orais: palestra, aula e entrevista televisionada. Os gêneros escritos são: artigo científico, apostilas e artigos de divulgação científica. A pesquisa buscou observar textos em diferentes níveis de especialização: o nível altamente especializado, por meio dos gêneros artigo científico e palestra/ o nível intermediário, por meio dos gêneros aula expositiva e apostila didática/ e o nível de divulgação científica, por meio dos gêneros entrevista televisionada e artigo de divulgação científica.

Como se observa, a palestra ou conferência e o artigo científico são gêneros prototípicos de um nível mais elevado de um universo especializado e são gêneros executados, em sua grande maioria, por pessoas com reconhecimento na área em que

[39] Considero más adecuada y productiva una concepción gradual de la especialidad, que lejos de presuponer la existencia de cortes nítidos, admita zonas de transición e incluso de ambigüedad en la delimitación de los textos como especiales

atuam e que têm a finalidade de apresentar um ponto de vista sobre determinado assunto ou contar alguma experiência pessoal ou de um grupo de pesquisadores. Miranda (2016, p. 22-23) define palestra como "(...) uma apresentação, de em média meia hora, na qual uma autoridade em determinado assunto, ou uma personalidade, irá expor seu conhecimento ou sua experiência.". A NBR 6022, define artigo científico como "Parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento." (p. 2). Além disso, considerando a proposta de Ciapuscio e Kuguel (2003), no nível da função, os gêneros são expositivos e podem ser produzido a partir de narrativas e têm a função de informar ou contatá-los algo para um público especializado. A comunicação, geralmente, é interna e a interlocução é feita entre especialistas com o mesmo nível de conhecimento sobre determinado tema, bem como com especialista em formação. Desse modo, a comunicação é simétrica.

A interlocução é feita por meio de monólogo, muito embora, possa apresentar um momento de diálogo, após a fala do especialista, no caso da palestra. Nesse tipo de gênero, geralmente, a comunicação é feita face-a-face, no caso da palestra, muito embora, possa haver a comunicação televisiva, por meio da videoconferência, e gráfica ou digital, no caso do artigo científico. No nível do conteúdo semântico, tem-se um tema geralmente específico, especializado, e a perspectiva é teórica ou aplicada e geralmente o texto é uma forma primária. Sua organização é geralmente estandardizada, podendo apresentar configurações de um gênero mais livre, principalmente, no caso da palestra. No artigo científico, a liberdade de estilo e formatação é menor. No nível da forma, o texto pode apresentar predominância de formas linguísticas, muito embora, se lance mão de recursos visuais para a sua melhor compreensão em ambos os gêneros. No nível léxico, existe a predominância de item terminológico de alta densidade conceitual.

Os gêneros didáticos aula e apostila são gêneros considerados especializados por conta de um especialista em uma temática expor seu conhecimento sobre um determinado assunto para um público semileigo em formação. Nesse sentido, no nível da função, ambos os gêneros têm como o objetivo principal expor e informar sobre determinado tema, geralmente, específico dentro de um tema mais amplo. A função dominante é didática e, a complementar, exposição de um determinado conhecimento. No nível situacional, a aula e a apostila são gêneros de comunicação interna e os interlocutores são especialistas em formação, ou seja, a relação é entre um especialista e semileigos e a interlocução, geralmente, é feita entre um especialista e um grupo de semiespecialistas.

A comunicação pode ser face-a-face, no entanto, pode ser televisiva, como as que são analisadas neste estudo, que são aulas do curso de agronomia a distância de Institutos Federais Brasileiros; na apostila a comunicação é por meio de veículo impresso e a comunicação é monológica. No nível do conteúdo, os gêneros têm a temática especializada, própria de um domínio especializado, e a perspectiva com que o tema é abordado é didática e geralmente as formas utilizadas são secundárias, por ser reescrita de textos teóricos mais densos. As partes textuais são levemente estandardizadas, havendo momentos de interlocução livre o que não condiz com um protótipo de uma aula; a apostila tem um formato mais prototípico, muito embora, apresente também variação nos diferentes tipos. O tipo textual mais utilizado é a exposição e a narração, podendo haver outros tipos textuais. No nível formal, apresenta-se um estilo didático, buscando a explicação de conceitos mais complexos por meio de elementos pictóricos ou pela exposição direta. Os gêneros apresentam formas linguísticas e não-linguísticas, além de uma terminologia menos especializada que coabita os textos com elementos mais categóricos, como termos mais genéricos e comparações.

Por fim, os gêneros divulgativos entrevistas televisionadas e artigos de divulgação científica são gêneros mais livres que têm o objetivo de apresentar ao público mais leigo resultados de experiências ou reflexões mais complexas a um público não especializado. No nível da função, esses gêneros têm a função predominante de informar, muito embora, possam apresentar também uma função didática e expositiva, podendo, muitas vezes, servir como material didático para uma formação mais ampla, como nas aulas do ensino básico. A comunicação é externa e é feita, com maior frequência, entre um semiespecialista, que, geralmente, é um jornalista especializado em determinado assunto, e um público leigo ou semileigo. A relação entre eles é assimétrica, nesses casos, e o ato comunicativo, na sua grande maioria, é de monólogo ou em grupo pequeno de especialista. No caso das entrevistas analisadas no trabalho, tem-se um ou dois especialistas falando de um assunto específico a um público leigo ou semileigo. Os parâmetros espaço-temporal são de comunicações televisivas, no caso das entrevistas, e gráfico, no caso dos artigos de divulgação. O tema do texto é especializado e a atitude temática é de informar aos espectadores sobre os avanços e descobertas da ciência. A perspectiva adotada nesses textos é divulgativa e esses textos são formas secundárias de um texto mais especializado. As partes textuais são livres, apresentando diferentes configurações. A tipologia textual é predominante narrativa e expositiva. No nível da

forma, existem muitas reformulações e paráfrases, além de formas linguísticas e não-linguística, geralmente, o predomínio de imagens e a quase ausência de gráficos.

Após a análise dos gêneros textuais especializados de onde foram retirados os conceitos analisados neste estudo e seguindo uma linha de análise do texto especializado apresentada pela Terminologia Textual, a seguir, é apresentada uma análise dos processos comunicativos e semânticos de organização do texto encontrados nos textos dos *corpora* deste estudo. Nesse sentido, são apresentadas algumas considerações da Linguística Textual que baseiam as ideias da análise do texto comum e que podem servir para a análise do texto especializado.

6.2. A Linguística do Texto e os processos de referenciação

Antes de ser apresentada a função da variação denominativa nos diferentes textos, são apresentadas considerações teóricas gerais acerca de dois dos principais processos de construção da coerência, da coesão e da organização das informações no texto falado e escrito, que são os processos de referenciação e de progressão textual. Há muito tempo, a Linguística Textual vem mostrando que alguns fenômenos semânticos, como as relações hierárquicas entre os conceitos, são aspectos fundamentais para a coesão, para a coerência e para a referenciação no texto (KOCH, 2015; MARCUSCHI; KOCH, 2015; CINTRA, PENHAVEL, 2017). A referenciação "diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve." (MARCUSCHI; KOCH, 2015, p. 352), em outras palavras, referenciação é o conjunto de estratégias discursivas que têm como função organizar as informações e a estrutura do texto e isso se relaciona à identificação das entidades e dos conceitos dentro dos textos.

Nesse sentido, as várias formas de designar o conceito para a construção do texto, falado ou escrito, podem também ser objetos da Linguística Textual. Os estudiosos do texto entendem fenômenos como o processo de designação de referentes e o uso de expressões definitórias como estratégias para a progressão referencial, que é feita por meio de movimento de ida e de volta de uma informação no texto. Nesse sentido, Marcuschi e Koch comentam que:

> Um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospecto), representáveis parcialmente pela catáfora e anáfora. Além disso, há movimentos abruptos, fusões, alusões etc. (2015, p. 352)

Do movimento de ida e volta no texto de que tratam Marcuschi e Koch é possível relacionar a Linguística que se ocupa do texto com a Linguística que se ocupa das unidades do léxico: a variação denominativa colabora para a progressão textual e, consequentemente, para a coerência e coesão do texto. Das diferentes estratégias de progressão e organização do texto problematizadas pelos autores dessa área, para este estudo, será interessante observar mais de perto as estratégias de progressão referencial, que são produzidas por meio de expressões nominais definidas, que, de acordo com Marcuschi e Koch, são aspectos centrais nos processos de textualização e na construção da coerência do texto.

Neste estudo, serão apresentados exemplos de duas estratégias de referenciação e de progressão textual: a estratégia de descrição definida (ou uso de expressões referenciais definidas) e a estratégia de associação[40], por serem as que recorrem à variação denominativa e à relação entre os conceitos para sua ocorrência. Entende-se como estratégia de descrição definida a escolha pela expressão de uma das características de um referente. A estratégia consiste na escolha de evidenciar, por meio de uma denominação ou por meio de uma expressão, as características de uma entidade, sempre considerando o contexto, o locutor e outras variantes. A estratégia de associação, por sua vez, utiliza-se das relações de subordinação ou de associação entre os significados que são utilizados para construir a coesão do texto.

Cumpre ressaltar, nesse contexto, que as estratégias de progressão referencial evidenciadas nesta parte do trabalho, sejam elas com referenciais definidos ou não, consideram sempre o contexto e o público-alvo, visto que os processos de referenciação são processos mentais que passam pelo conhecimento que um leitor tem e que foi construído a partir de seu contexto geral e particular. Dessa forma, por meio das expressões nominais definidas e por meio das associações entre o conceito e suas características, é possível inferir estratégias e objetivos de um interlocutor.

Por fim, acrescenta-se que os dois principais conjuntos de estratégias de progressão referencial (as que usam uma expressão nominal definida e as anafóricas sem antecedentes explícitos) marcam uma diferença importante entre os textos orais e escritos. Marcuschi e Koch explicam que:

---

[40] Além dessas duas categorias de estratégias, os autores apresentam mais duas: as estratégias de nominalização e as estratégias pronominal. Para um aprofundamento dessas duas estratégias, conferir Marcuschi e Koch (2015) ou Koch (2015)

> É precisamente nessas estratégias que fala e escrita se distinguem de maneira sensível. As estratégias do primeiro conjunto (as produzidas por meio do uso de expressões nominais definidas) são mais comuns na escrita, já que a fala não prima pelo rigor e pela exatidão, nem pela variação de elementos lexicais na formulação textual-interativa: a grande característica formulativa da fala reside precisamente nos processos de *repetição*. Já no caso do segundo conjunto (das estratégias sem antecedente explícito), temos significativamente mais ocorrências na fala que na escrita. (2015, p. 354, grifos originais e não originais)

Tendo em vista essa distinção importante apontada pelos autores, em que é possível observar que o texto oral é muito mais contextualizado e, portanto, sua coesão e coerência são produzidas a partir do contexto pragmático e de outras estratégias performáticas, é que os dados apresentados a seguir são retirados, na grande maioria dos casos, dos textos dos gêneros escritos.

Considerando todas essas discussões, são apresentadas a seguir duas análises dos textos especializados que consideram os pontos de vista apresentados por Ciapuscio (2003) sobre as diferenças das terminologias nos diferentes textos especializados, bem como as ideias de Marcuschi e Kock (2015), que tratam das estratégias de progressão referencial e do conceito de referenciação e que colaboram para a compreensão da organização da informação no texto especializado. Essas ideias ajudam a entender características importantes do texto especializado e seus processos de progressão textual, referenciação e adaptação nos diferentes contextos comunicativos especializados, considerando, com isso, o contexto interno e externo do texto, visões que coadunam com as ideias vinculadas à Teoria Comunicativa da Terminologia.

6.3. A variação denominativa e os gêneros textuais: a organização das informações

A título de exemplificação, serão apresentados alguns exemplos que ilustram a estrutura conceitual e o fluxo informacional dentro dos diferentes gêneros textuais que estão sendo analisados neste estudo. Nesse sentido, foram selecionados alguns trechos dos *corpora* oral e escrito em que se observam as informações sobre o conceito que são utilizadas pelos especialistas nos diferentes textos. Todos os trechos apresentados nesta primeira parte são da introdução e da revisão de literatura dos textos, tendo em vista que é nessas partes que são apresentadas informações gerais sobre o assunto debatido e as diferentes denominações e discussões sobre um determinado assunto, contextos que podem favorecer a variação denominativa e conceitual nos diferentes textos. A análise busca observar também como as informações estão dispostas nesses gêneros, buscando uma tendência de organização das informações e das denominações variáveis nos textos

especializados. É importante ressaltar que, muito embora a análise mais textualista, que versa mais sobre a estrutura e organização do texto em si, seja feita mais à frente, essa investigação já aponta algumas estratégias de referenciação que colaboram para as estratégias de progressão textual nos diferentes gêneros.

Nos trechos a seguir, retirados dos textos do *corpus* escrito, é possível observar como o especialista apresenta diferentes aspectos do conceito *C12 (plantio)*. As denominações e as informações relativas ao conceito foram destacadas.

Artigo Científico

*Atualmente, existem três tipos de **plantio de cana-de-açúcar** sendo utilizados no Brasil: **convencional** (manual), **semi-mecanizado** e **mecanizado** (ROSSETTO, R., SANTIAGO, A.D, 2005). Independentemente do **método** utilizado pelo agricultor, o **plantio** deve atingir seu objetivo e atender às condições impostas pela cultura, considerando que as **ações** sofrem algumas mudanças conforme estiverem sendo realizadas (RAVELI, 2013). O **plantio manual** está sendo pouco utilizado e perdendo cada dia mais cenário para o **sistema mecanizado**. É caracterizado por nenhuma operação mecanizada em suas etapas; sendo assim, o operário fraciona e alinha as mudas dentro dos sulcos (ROSSETTO, R., SANTIAGO, A.D, 2006). No **plantio semi-mecanizado**, existem máquinas para auxiliar o trabalho dos operários de forma a padronizar o plantio. Os pontos negativos desse processo durante o período de treinamento consistem em: perdas significativas devido às falhas no plantio, compactação do/fundo do sulco, desuniformidade da profundidade do sulco, entre outros. Ao fim do treinamento, todos os pontos citados acima são solucionados (ROSSETTO, R., SANTIAGO, A.D, 2006). Já o **plantio mecanizado** vem sendo bastante utilizado nos canaviais de várias usinas sucroalcooleiras por diminuir bastante a quantidade/custo de mão-de-obra; porém, existem alguns problemas nesse **processo**, como: grande número de gemas danificadas, a irregularidade de distribuição de mudas e crescentes falhas no canavial, influenciando uma menor produtividade (ROSSETTO, R., SANTIAGO, A.D, 2006).*

Apostila

*1. O **PLANTIO**: O **plantio** é uma das mais importantes etapas na produção da cana-de-açúcar. Antes de se realizar o **plantio**, devem-se definir as áreas de reforma e de expansão que possam ocorrer dentro da empresa agrícola. As **operações de plantio** são muito importantes para o êxito do ciclo da cana-de-açúcar, exigindo-se nessa etapa um bom planejamento e muito conhecimento técnico, uma vez que, nesse **momento**, são tomadas as decisões para todo o ciclo da cultura. **ÉPOCA DE PLANTIO:** Tradicionalmente existem duas épocas principais de plantio para a região Centro-Sul: setembro a outubro (**cana-de-ano**) e janeiro a abril (**cana-de-ano-e-meio**), mas é possível obter-se boa produtividade com **plantios** ao longo de todo ano, desde que sejam proporcionadas condições adequadas para o desenvolvimento da planta. De setembro a outubro é uma época mais arriscada, sendo indicada em casos de necessidade urgente de matéria-prima para a indústria. O risco de **plantar** nessa época decorre, principalmente, de a planta estar no meio de seu ciclo vegetativo, quando pioram as condições climáticas favoráveis ao seu desenvolvimento. **Plantios** efetuados nessa época propiciam menor produtividade agrícola.*

Artigo de divulgação

> *A cana-de-açúcar é reconhecida no mercado pecuário brasileiro, os produtores* ***cultivam*** *o produto por ser fácil de manejo, simples de condução da lavoura e capacidade de produzir grandes quantidades volumosas por unidade de área.Se for bem* ***manejada****, este produto pode produzir 150 a 200 toneladas de massa verde em um único corte. Para ter um bom* ***plantio*** *deve se basear no objetivo que deseja atingir dessa produção.Normalmente* ***a cana-de-açúcar é plantada*** *em sulcos de terra e alguns produtores preferem o* ***plantio*** *durante o outono, pois, nesta época do ano não requer nenhuma manutenção invernal. Mas é importante ficar atento, se ocorrer uma baixa produtividade, é porque alguns produtores utilizam* ***práticas inadequadas de manejo*** *como: controle de pragas e doenças, fertilidade do solo, combate a plantas daninhas e adubação de cobertura malfeita. Segundo Maximiliano Salles, engenheiro agrônomo, que dissertou uma pesquisa durante seu mestrado sobe o tema e que foi modelo para uma boa prevenção de produtividade da cana-de-açúcar, explica que a escolha adequada da* ***época de plantio*** *é fundamental para bom desenvolvimento da cultura de cana-de-açúcar. Para ter um bom crescimento, a cana necessita de alta disponibilidade de água, temperaturas elevadas e alto índice de radiação solar, ressalta. Para que isso ocorra, existem três épocas diferentes para a* ***plantação****:* ***sistema de ano-e-meio, sistema de ano e plantio de inverno****.*

O quadro a seguir[41] sintetiza as diferentes informações que podem ser observadas nos trechos dos três gêneros e evidencia a diferença dos focos das informações veiculadas nesses textos sobre o plantio de cana-de-açúcar. Se fosse feita uma síntese das informações apresentadas nos três textos, seria possível afirmar que o plantio da cana-de-açúcar é uma prática que tem vários formatos e que pode ser efetuado em épocas e em tempos diferentes. Está havendo uma mudança na forma de plantio da cana-de-açúcar por conta do avanço da tecnologia, o que tem transformado o modo de plantação da cana. A partir dessas informações, é pertinente observar como essas informações são apresentadas ou não nos textos.

Quadro 12: Quadro síntese dos textos especializados

ARTIGO CIENTÍFICO	APOSTILA	ARTIGO DE DIVULGAÇÃO
Existem três tipos de plantio: Manual, semimecanizado e mecanizado. Existem métodos e exigências específicas para o plantio da cana-de-açúcar. O plantio manual tem sido pouco explorado. Está ocorrendo um avanço do plantio mecanizado. Apresenta uma definição de plantio mecanizado.	O plantio é concebido como uma das etapas da produção e como uma operação da indústria. Aponta e existência de épocas de plantio. Aponta para os riscos da prática do plantio de cana-de-açúcar em época errada.	Aponta que o plantio da cana é rentável. Apresenta alguns aspectos do plantio de cana-de-açúcar. Existem práticas de plantio que são adequadas e inadequadas.

[41] Os quadros desta parte do estudo são inspirados nos modelos esquemáticos apresentados por Ciapuscio (2003) para mostrar a diferença do uso dos termos nos diferentes gêneros textuais.

Mostra os pontos fracos do plantio semimecanizado e mecanizado.		

Fonte: própria

Com a organização do quadro, é possível observar como a densidade de informações relativas ao conceito são aproveitadas em cada gênero. Assim como afirma Ciapuscio (2003), a distribuição da informação em cada texto é um indício de como o especialista organiza seu texto pensando em seu emissor e no contexto de recepção de seu texto. As diferentes denominações dadas ao conceito, muitas delas não lexicalizadas, apresentam uma variação conceitual que revelam os diferentes aspectos do conceito em análise. Alguns traços do conceito são evidenciados por meio da variação denominativa: a designação do conceito é feita por meio de características gerais que fazem parte da estrutura do conceito, evidenciadas pelas denominações: *prática*, *ações*, *sistema*, *processo*, *momento*, entre outras denominações. Alguns termos que são sinônimos e hipônimos do conceito *plantio* também são utilizados no texto, como: *sistema de ano-e-meio, sistema de ano, plantio de inverno, mecanizado, semimecanizado e manual*. Todas essas denominações, que designam algumas características do conceito *plantação* são utilizadas nos três textos.

Quanto aos gêneros, observa-se que o artigo científico é o que concentra mais informações, enquanto que o artigo de divulgação traz poucas informações sobre o conceito *plantação*. Em ambos os textos, observa-se que os aspectos funcionais colaboram para essa variação no fluxo das informações disponíveis no texto. Enquanto, em um artigo científico, os autores têm a preocupação de explicar a especificidade de uma pesquisa, na divulgação científica, paralelamente, não têm o interesse de dar detalhes sobre o conceito, sob pena de perder a familiaridade e o objetivo principal, que é, quase sempre, informar alguma técnica ou descoberta nova dos institutos de pesquisas e universidades do mundo. Outra característica dos textos de divulgação científica é que os textos são curtos, como já foi comentado, com muitas imagens, o que faz com que os detalhes sobre o conceito sejam dispensados.

Ainda buscando observar o contraste e o fluxo de informações nos textos analisados e como a variação denominativa reflete esse fluxo, a seguir, são apresentados trechos dos mesmos textos em seus parágrafos finais.

Artigo Científico

*A qualidade do **plantio de cana-de-açúcar** apresenta algumas variações em função das fazendas estudadas estarem em localidades distintas; sendo assim, o controle de qualidade se mostra eficiente para a gestão dos indicadores examinados. Nenhum indicador de qualidade mostrou, em suas análises, algum tipo de irregularidade no seu processo. Sendo assim, dos 360 dados coletados, nenhum ultrapassou os limites impostos. Logo, podemos certificar que, nas fazendas analisadas, o **processo de plantio** está sob controle. Como o objetivo desse trabalho foi realizar uma análise dos indicadores adotados pelos agricultores e demonstrar esses resultados, fica em aberto para novas discussões a busca pela solução dos impasses aqui apresentados.*

Apostila
*As **operações de plantio** são muito importantes para o êxito do ciclo da cana-de-açúcar. A **época de plantio** deve ser escolhida de acordo com necessidade da indústria e também a cana-de-açúcar deverá ser **plantada de maneira criteriosa**. A nutrição mineral visa atender a recuperação do solo e dar fertilidade a esse. **Envolve a adubação, calagem e gessagem**. **Os macronutrientes (como nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio) e os micronutrientes (cobre, ferro, manganês e zinco) são essenciais à cultura da cana-de-açúcar, em diferentes concentrações**. A cana-de-açúcar possui 70% de água (em massa) em sua composição. Por isso é uma cultura que deve ter a disponibilidade hídrica suprida, em momentos adequados, para uma boa produção e qualidade. **Há várias técnicas de irrigação e maquinários, cada qual com seu custo benefício**, e deverá ser escolhida pelo produtor para melhor lhe atender.*

Artigo de Divulgação
*Outro prejuízo é o **preparo do solo para o plantio da cana de ano**, uma vez que há pouco tempo para o preparo, **incorporação do calcário** e de outros problemas. Logo após a colheita anterior é necessário arrancar as soqueiras para um novo plantio. Com o início da estação chuvosa, ocorrem poucos dias úteis para operações agrícolas e, se a área de plantio for muito grande, **é necessária elevada quantidade de mão-de-obra nesse período.** E no inverno, e o plantio? Com o uso da torta de filtro que contém cerca de 70 a 80% de umidade, aplicada no sulco de plantio, é possível **plantar a cana-de-açúcar mesmo no período de estiagem.** A torta fornece a umidade necessária para a brotação. Se ainda for feita uma fertirrigação com vinhaça, ou mesmo irrigação, **o plantio da cana-de-açúcar pode ocorrer praticamente o ano todo**. Principalmente no inverno.*

A partir dos trechos finais desses textos, é possível fazer algumas observações, levando em consideração a quantidade de informações que são disponibilizadas e colocadas no final do texto, visto que, na parte da conclusão seria a parte em que algumas informações seriam rapidamente retomadas para algumas últimas considerações. É de se esperar que haja menor densidade terminológica na última parte do texto ou que não haja tanta variação nas denominações dos conceitos. No entanto, como é possível observar, os trechos finais nos mostram as diferentes formas que os diferentes gêneros especializados trabalham com esse fluxo de informações e variação denominativa. No quadro a seguir, são apresentadas algumas informações que podem ser novas ou acrescentadas no final dos textos por causas que são próprias de cada gênero.

Quadro 13: informações finais nos gêneros acadêmicos

Artigo Científico	Apostila	Artigo de Divulgação
Apresenta conclusões de uma pesquisa em diferentes plantios. Menciona mudanças na qualidade do plantio a partir de certas circunstâncias. Afirma que o plantio é um processo em que se deve considerar vários aspectos climáticos.	Revisa os tópicos apresentados ao longo do capítulo. Retoma elementos do conceito, como operação e os tipos de plantio a partir de uma classificação no tempo. Apresenta alguns elementos que não foram apresentados na introdução, como os conceitos calagem, adubação, gessagem, macronutrientes etc. Trata de técnicas de irrigação e os benefícios de cada uma das técnicas.	Acrescenta mais informações não observadas no início do texto. Afirma que é necessário um preparo especial para o plantio de cana ano. Menciona que o cálcio (calcário) é um elemento utilizado no plantio de cana. Expõe que é necessário mão de obra para um bom desenvolvimento da lavoura; Relata que há possibilidade de plantio em época de estiagem, por meio de técnicas de irrigação e hidratação da cultura.

Fonte: Própria

Como é possível observar no quadro 12, o fluxo informacional apresenta diferentes níveis no final dos textos. A informação nova ou a retomada de algum aspecto do conceito plantio pode ou não aparecer no final dos diferentes textos, e essa diferença pode estar atrelada a fatores que estão em um nível elevado do texto e que foge à forma, conforme coloca Ciapuscio (*idem cit.*). O artigo científico parece ser o que retomou menos informações no final do texto. Isso, talvez, aconteça pelo fato de que, no artigo científico, o público-alvo e as regras de formatação do artigo barrem o excesso de informações, e a descrição nesse momento do texto tem muito mais valor conclusivo do que a retomada de algumas discussões colocadas no início. No artigo, também há a predominância de um tipo textual muito mais descritiva do que dissertativa, sendo a descrição muito mais predominante do que os outros tipos. A introdução, como é possível observar nos trechos anteriores, é muito mais dissertativa do que a conclusão do texto.

Por outro lado, nos outros dois gêneros textuais, a apostila e o artigo de divulgação, o acréscimo e a retomada de informações e aspectos do conceito plantio é muito mais comum. A apostila, em um capítulo à parte, denominado resumo, são retomados vários conceitos que foram trabalhados ao longo do capítulo. Nesse momento, no texto são retomadas algumas informações sobre o conceito, mostrando sua complexidade e seus diferentes aspectos: informações que não foram acrescentadas no início do texto e que só seriam trabalhadas ao longo do capítulo são retomadas e resumidas em alguns períodos, uma característica do texto didático, que é a retomada dos assuntos a fim de que o aluno fixe o conteúdo apresentado. Não há, nessa parte do texto,

nenhum acréscimo de informações, visto que foi discutida, com abrangência, grande parte dos temas relacionados com o conceito. Isso fica muito claro visto que, ao final do capítulo, são apresentadas algumas perguntas sobre o conceito plantação para observar o quanto de informações e aprendizado o aluno adquiriu sobre o conceito com a leitura do texto. Tendo em vista que o principal objetivo do material é o aprendizado, é necessário que o conceito seja visto com bastante detalhe, sobretudo por conta de sua complexidade e importância na formação do agrônomo que vai atuar no meio rural e nas grandes empresas proprietárias de grandes hectares de terra. Conhecer o produto químico certo e a lâmina d´água que deve ser utilizada no plantio para regar a plantação da cana são alguns dos aspectos do plantio que o agrônomo deve saber. Isso implica que há um grande número de informações que devem ser repassadas e apreendidas por parte do aluno e a configuração do texto auxilia nesse sentido.

O artigo de divulgação científica, por sua vez, é um texto que apresenta novas informações ao longo de todo o seu texto. Tendo em vista que o objetivo é muito mais instruir do que ensinar ou reportar uma experiência, observa-se que o texto é todo construído a partir de apresentar modos e macetes para que o agricultor possa melhor administrar sua plantação. Os textos apresentam um tom mais instrucional, e o fluxo informacional tem uma organização menos previsível, no sentido de que as informações novas, como o uso de cálcio, o uso de elevada mão-de-obra para o plantio de cana-de-açúcar durante a estiagem são informações que são acrescentas apenas no final. Ao longo de todo o texto, são apresentadas opções de como o agricultor poderá fazer sua produção crescer sem que haja grandes prejuízos com a plantação. Nesse sentido, o texto não faz retomadas de informações ou de algum aspecto anteriormente explorado, ele segue apresentando informações novas. Os autores desses textos têm em mente que o público-alvo é um público interessado no universo agrícola da cana e que tem certa experiência, não necessitando apresentar muitos subsídios para que as informações sejam decodificadas. Quando se compara o início e o fim do texto, observa-se uma tendência sempre de acrescentar informações, novos aspectos dos conceitos, sem um aprofundamento ou esclarecimento, estratégia discursiva que faz parte do estilo desse tipo de texto, que é informativo e jornalístico.

Em síntese, a partir dessa análise e considerando os diferentes fluxos informacionais dos três textos, fica clara a diferença entre os três gêneros especializados desse universo: o artigo científico apresenta informações e apresenta novos termos no início do texto; no final, não se observa uma preocupação em esclarecer ou retomar

alguma informação anteriormente colocada. A apostila, por sua vez, apresenta isso de modo mais claro e evidente: por conta de seu caráter didático, os conceitos são mais explicados e retomados em diversas partes, com diferentes denominações, para que o conteúdo e sua complexidade possam ser conhecidos pelo aluno. Por outro lado, no artigo de divulgação científica, a apresentação de informações é prioridade, visto que há muito mais informações novas do que a retomada de informações, para que se possa aprofundar e conhecer melhor o conceito. As denominações e as expressões relativas ao conceito são quase sempre inéditas e trazem informações anteriormente não apresentadas, marcando bem o estilo jornalístico e expositivo do gênero. Como se observou, por meio dos quadros-sínteses apresentados, a informação nova ou a retomada são estratégias utilizadas nos textos especializados, mas com frequência menor em um ou em outro gênero, em outras palavras, as estratégias de descrição definida e de associação, que retomam e revelam as informações sobre os conceitos especializados, apresentam produtividades diferentes nos diferentes gêneros textuais.

Essas estratégias são possíveis graças à variação denominativa e às expressões relativas aos conceitos, que operam a coesão, a coerência e a estrutura conceitual dos textos especializados, bem como os processos de referenciação e de progressão textual, como preconizam Marcuschi e Koch (2015) e Ciapuscio (2003).

6.4. A coesão, a coerência e a referenciação no texto especializado: mais sobre o papel da variação denominativa no texto

Considerando as ideias de referenciação e de progressão textual (MARCUSCHI; KOCH, 2015), discutidos no início desta terceira parte do capítulo, serão apresentados alguns trechos dos textos dos *corpora* em que é possível ver como as estratégias de progressão e de referenciação acontecem nesses textos. A apresentação desses fenômenos mostra como a variação denominativa de um conceito colabora para as estratégias de referenciação e para a própria progressão textual, bem como para a coesão e para a coerência do texto.

Nos trechos a seguir, são apresentadas algumas estratégias de referenciação e de organização textual nos diferentes gêneros textuais dos *corpora* deste estudo. Os trechos são relativos ao conceito CL12 (*canavial*). As palavras negritadas são os elementos de uma rede de pontos conceituais que colabora para a coesão do texto. Processos de progressão e de referenciação são evidenciados por meio dessa rede.

Artigo Científico

*Evitar **áreas** infestadas por cupins subterrâneos, já que são de difícil controle e prejudicam seriamente a germinação, produção e longevidade do **canavial**, causando danos aos toletes utilizados no plantio e ao sistema radicular das plantas. Visando diminuir os gastos com mão-de-obra no transporte, o **canavial** deve ficar situado próximo ao local de fornecimento de forragem aos animais (curral), o que também facilita a coleta do esterco para adubação. A **área a ser cultivada** depende dentre outros fatores, da produtividade esperada, do número e consumo diário dos animais a serem suplementados, e do período de fornecimento. Como indicativo, considerando-se que o fornecimento de aproximadamente 25 kg de cana triturada/vaca/dia, supra adequadamente as necessidades nutricionais dos animais; um **canavial** bem manejado pode atingir cerca de 80 toneladas de matéria verde/ha/ano; o período de fornecimento seja de 120 dias, junho a setembro, meses de maior déficit hídrico em Rondônia, e consequentemente na disponibilidade de forragem das pastagens; espera-se que um **hectare de cana-de-açúcar** possa atender até 27 vacas. Prolongando-se o fornecimento para 150 dias, 21 vacas serão supridas. Com base nessas estimativas, é definida a **área a ser cultivada**, sempre mantendo uma margem de segurança, como precaução a períodos de maior adversidade à cultura.*

Como é possível observar no trecho apresentado, a rede de elementos colabora para que o texto se estruture de modo que a leitura possa ser fluida e clara, sem repetições recorrentes, que, geralmente, são condenadas no estilo de escrita acadêmica. Nesse sentido, o encadeamento desses itens se dá por um processo de associação, que é produzido a partir de uma rede conceitual que tem como núcleo o conceito CG7. Desse modo, a variação denominativa, que se evidencia por meio das denominações *área, área a ser cultivada e hectare de cana-de-açúcar*, permite a construção da coesão e da coerência do texto especializado. A partir dessa variação de denominações, mesmo quem não é um especialista, pode inferir que se está falando de uma área com grandes proporções e que serve para o cultivo de cana-de-açúcar, graças aos traços evidenciados nas expressões referenciais que designam o conceito nesse texto, embora pareça que essa não seja a preocupação principal dos especialistas assinantes do texto.

A estrutura conceitual do conceito CG7 também se revela por meio da organização do texto, visto que, no texto em tela, as diferentes denominações do conceito estão quase todas no início de cada período servindo de base para o acréscimo de informações, o que comprova que essa variação denominativa está sendo utilizada em prol de uma coesão do texto e para a progressão do tema. O estilo da escrita acadêmica, que condena o uso de repetições, colabora para o uso dessas expressões referenciais, o

que também aponta a importância da variação denominativa no uso de diferentes expressões referenciais.

No trecho a seguir, uma transcrição de uma das palestras do *corpus*, é possível observar como a progressão referencial é feita nos textos orais especializados de modo diferente do texto escrito, visto que a repetição, como afirmam Marcuschi e Koch (2015), é um recurso que pode ser explorado pelo especialista na produção do texto falado. É notória a ausência de expressões nominais que deem informações sobre o referente, como é possível constatar no trecho que segue.

> ***Palestra***
> *Mas tinha hora que a gente também não tinha condição de retirar, a* ***cana-soca*** *vinha e o fardo tava lá dentro, e isso impedia de a gente dar continuidade nos tratos da* ***cana-soca****. Uma adubação, um herbicida e isso daqui foi, nós tivemos um problema muito sério em Patá, de fitoticidade por conta dessa operação, a gente retardava a aplicação do herbicida na* ***cana-soca****, e todas as vezes que a gente entrava na área, a* ***cana*** *já estava brotada e mesmo assim a gente tinha que fazer a aplicação de herbicida. Então, dava uma fitoticidade muito grande de herbicida na* ***cana-soca****. Determinamos lá que, a partir de agora, o nosso recolhimento de palha vai ter que acontecer, no máximo, 10 dias após a colheita da cana. Então, a gente teve esse... tivemos que remodelar, nos planejar para que isso acontecesse. Depois de colhida, com 10 dias, esses fardos não poderiam estar mais ali dentro. Então, nós tínhamos a chance de fazer o trato na* ***cana-soca****, ainda com ela com pouca brotação, principalmente por conta do herbicida que era e a gente entendia como um retardador do incremento da produtividade.*

Nesse trecho, o especialista retoma o referente, mas utilizando-se de poucos recursos para se referir ao conceito. O uso recorrente de uma denominação é previsível por conta da baixa densidade de variação lexical do texto falado e pela necessidade de apresentar um texto mais formal para o público que lhe ouve, que é predominantemente formado por especialistas e cientistas da área. Isso é provado pela quase ausência de expressões referenciais definitórias para tratar do conceito cana-soca (CM13), o que dificultaria a compreensão de um leigo, que, geralmente, não é o público-alvo dos eventos acadêmicos ou de mercado do setor. Isso confirma a hipótese de que o especialista, em um ambiente tão formal e dialogando com indivíduos com o mesmo nível de conhecimento, não se preocupa em definir ou explicar o conceito de que trata. No trecho do texto da palestra, o especialista recorre à denominação mais recorrente no meio acadêmico-industrial, com apenas uma variação morfossintática comum (síncope de um dos elementos não-nucleares do termo), que não compromete a referência ao conceito.

O trecho a seguir, transcrição de uma das aulas que compõem o *corpus* oral, mostra como o recurso de repetição e de ausência de expressões denominativas são próprias do texto falado. No trecho, o professor explica uma das técnicas de eliminação de doenças sistêmicas na planta de cana-de-açúcar durante o plantio. Observe-se como o conceito CF6 (*cana-de-açúcar*) é referenciado ao longo do texto.

> ***Aula***
> *O roguing é feito dessa maneira. Entram as equipes e as pessoas vão andando e observando as* ***canas*** *de ambos os lados e encontrou uma diferente, vai lá, arranca a touceira, ou passa um glifosato. Essa é a maneira de fazer o roguing. Mistura Varietal e doenças. E quais são as doenças de importância para nós no momento em que for fazer o roguing, quais as doenças que devem ser eliminadas no momento do roguing? Bom, as doenças que devem ser eliminadas são as seguintes: as doenças que nós eliminamos no rouging são doenças sistêmicas, são doenças que ficam no interior da* ***planta****, no colmo da cana. Não são doenças que atacam as folhas, mas sim doenças que atacam o colmo da cana, são doenças que ficam alí, nos vasos condutores de seiva da* ***cana****, essa doença não tem produto, não tem nada para ser feito, no momento que ela entrou na* ***cana****, não tem como combatê-la. É só arrancando a* ***cana*** *e deixar* ***ela*** *morrer. é um modo de eliminação. Todas as doenças que são sistêmicas, nós eliminamos no momento do rouguing. Por quê? Porque é uma doença difícil reconhecer, é uma doença que é transmitida pela colheita mecanizada, a colheita mecanizada, com os discos de corte, quando ela vai apertando a* ***cana****, uma touceira infectada, quando cortada, ela passa para a próxima. Existem alguns trabalhos que falam que no momento que uma touceira é cortada, ela consegue infectar até nove metros de* ***cana****.*

Em termos de referenciação e de uso de expressões de descrição, o texto da palestra e da aula se assemelham por conta de ambos usarem pouco a variação denominativa, visto que a repetição de uma mesma denominação é muito mais recorrente do que o uso de outras denominações disponíveis no léxico desse universo. As denominações *planta* e *cana* é que formam a cadeia conceitual sobre esse conceito e fazem referência a esse conceito no texto didático. Também é utilizado o recurso do pronome (***ela***), para recuperar o termo ao longo de texto. Em outros trechos da mesma aula, em que o professor, agora, fala especificamente da planta, a estratégia de referenciação é a mesma.

> ***Aula***
> *Quando vocês forem trabalhar em algum lugar, alguém te perguntar, você já tem o conhecimento básico que eu vou passar para vocês e vocês têm condições plenas de correr atrás, de busca de informações, enfim, Então, vamos começar. O manejo e a utilização racional das* ***variedades da cultura de cana-de-açúcar*** *depende da interação entre a* ***planta*** *e o ambiente de produção versus o período de maturação da* ***variedade*** *com a determinação da época de colheita. Uma coisa muito*

> *simples. A **variedade**, ela vem com um conjunto de práticas nela, que são imensas. Eu vou mostrar para vocês nos próximos slides. Mas, saber só o básico não interessa. É a dificuldade de trabalhar com **variedade** e com o manejo varietal. Bom, os princípios do manejo varietal. Os princípios são você… o manejo varietal é saber trabalhar corretamente com a **variedade**.*

Em suma, o texto oral explora pouco a variação denominativa, em comparação com o texto escrito, em que a densidade lexical é muito maior e o especialista depende muito do texto para se fazer compreender pelos diferentes leitores que seu texto possa vir a alcançar.

A título de comparação, é importante observar como o texto escrito didático constrói a cadeia de referências nas apostilas, visto que os resultados aqui apresentados pertencem a duas esferas. Fica faltando, assim, um texto escrito didático, para que se observe que a tendência de uso recorrente de expressões e de sinônimos para a construção de uma estrutura referencial no texto não é exclusividade dos textos acadêmicos. Para ilustrar isso, foi utilizado o conceito CD4 (*perfilhamento*), que é um processo de surgimento de novos colmos da cana-de-açúcar após o corte.No trecho a seguir, retirado de uma apostila em que são tratados os processos de amadurecimento vegetativo da planta, observa-se como o conceito é referenciado ao longo do texto.

> ***Apostila***
> *Depois de determinado **estágio de desenvolvimento**, as gemas localizadas na base do colmo primário se intumescem. Aproximadamente 20 a 30 dias após a brotação inicial do colmo primário, observam-se **novos brotos emergidos**. Como essas **novas brotações** (duas ou mais) originaram-se do broto ou colmo primário, denominam-se colmos secundários. Nesse estádio inicia-se o **perfilhamento**. À medida que **os colmos secundários se desenvolvem**, novas raízes são formadas a partir de suas bases, e **o sistema radicular da touceira vai aumentando**. Novamente, em determinado **estádio de desenvolvimento**, **novas brotações** surgem das gemas da base dos perfilhos secundários, dando origem aos perfilhos terciários. Esses perfilhos também contribuirão para o incremento do sistema radicular da touceira, pois **novas raízes surgem dos primórdios radiculares localizados em suas bases**. Com o **surgimento dos colmos terciários**, a cana-de-açúcar não depende mais das substâncias de reserva do tolete. A touceira, em razão da quantidade de folhas existentes nos colmos secundários e primários, tem sua autossuficiência em alimento, através da fotossíntese.*

No trecho, observa-se que existem muitas expressões e denominações que retomam o conceito CD4 e que constroem uma estrutura conceitual que colabora para a

coesão e para a coerência do texto. Essas expressões revelam alguns aspectos do conceito que não são facilmente constatadas por meio da denominação do conceito unicamente, mostrando a complexidade da rede conceitual. Nesse trecho, fica evidente um uso maior de expressões nominais, que destacam os diferentes aspectos do conceito e expõem suas características. Nesse tipo de gênero, parece comum o maior uso de expressões do que de denominações e isso se dá por conta do estilo didático do texto que, em nome do aprendizado do leitor, precisa explorar o conceito. Nesse sentido, para que esse texto seja claro e amplo, ele recorre a muitas descrições. De qualquer modo, fica claro com isso que a variação denominativa e o uso de expressões são amplamente usados nos textos escritos especializados, o que não ocorre com tanta frequência nos textos orais, ao menos, nos que foram observados neste estudo.

Os resultados desta análise, embora produzidos a partir de textos muito específicos, escritos com diferentes objetivos, confirmam o que preconizam Marcuschi e Koch (2015) sobre o fato de o texto oral e o escrito apresentarem formas diferentes na estrutura de referenciação. Como se observa, a referenciação na oralidade é realizada por meio de outros recursos, como a repetição, e não pelo uso recorrente de variantes denominativas ou de expressões nominais. Isso mostra que, no processo de formulação dos textos, os especialistas recorrem a diferentes estratégias. No texto oral, a referenciação, que é muito mais contextual, é feita por meio de recursos próprios, como a repetição, os antecedentes não explícitos e o uso de elementos do contexto. O texto escrito que, por outro lado, precisa muito mais do texto verbal para completar o sentido, utiliza, com uma frequência considerável, a variação denominativa, algumas estratégias de associação (uso de hiperônimos e hipônimos para a referência do conceito) e de descrição.

Esses resultados colaboram para explicar por que, nos resultados quantitativos da variação denominativa, apresentados no início do capítulo anterior, os textos orais apresentavam menor variação denominativa do que os textos escritos.

As análises apresentadas aqui colaboram ainda para demonstrar como a variação denominativa é importante para a construção e as configurações do texto especializado. Os diferentes gêneros textuais organizam essa variação a partir de aspectos que são macrotextuais, ou seja, que estão além da estrutura do texto especializado. Fatores como contexto comunicativo, público-alvo e materialização colaboram para as configurações desses textos e mostram de que forma a variação terminológica é importante para a

comunicação no universo especializado. A análise mostrou que a variação denominativa é um elemento que pode revelar muitos dos aspectos da comunicação especializada.

6.5. Algumas considerações sobre a variação denominativa

Ao longo deste capítulo, foram apresentados os dados e as análises desta pesquisa sobre a variação denominativa no universo discursivo dos especialistas em cana-de-açúcar. A pesquisa buscou apresentar diferentes aspectos desse fenômeno nessa linguagem. Como foi explicado no início, este capítulo apresentou duas partes: uma com dados estatísticos sobre a variação, e outra em que foram apresentados alguns exemplos de como a variação denominativa atua na construção do texto especializado e como ela se apresenta nos diferentes gêneros textuais especializados selecionados para esta pesquisa.

Por meio da pesquisa, foi possível observar que a variação denominativa é uma realidade considerável nesse universo. Foi possível observar que o discurso do agrônomo traz vários conceitos que apresentam 4, 5 e até 12 denominações. A pesquisa quantitativa mostrou que o fator gênero textual não foi relevante para a variação denominativa, outros foram mais decisivos para os resultados, como público-alvo e contexto comunicativo foram mais relevantes para essa variação.

Na segunda parte do capitulo, foi feita uma abordagem textualista, a partir de parâmetros da Terminologia Textual e da Linguística Textual. Por meio da análise, foi possível observar que a variação denominativa colabora para a organização e a disposição das informações no texto. A análise mostrou que, nos diferentes textos, o fluxo informacional e a variação denominativa concentram-se em diferentes espaços da organização textual especializada. Foi feita também uma análise em que se observou o fenômeno da progressão textual e da referenciação nos textos especializado. Na análise, foi possível observar a diferença desses fenômenos nos diferentes textos e como a variação denominativa se demonstra no texto especializado oral e escrito.

Os resultados deste estudo mostram diferentes dimensões da variação denominativa, ou seja, a dimensão quantitativa – em que foi possível observar o peso dos diferentes fatores sobre a variação denominativa apresentada, por meio da relação entre os fatores e o peso de variação existente neles – e a dimensão textualista – em que foi possível observar como os diferentes especialistas, em diferentes contextos e níveis de especialização, lançam mão da variação denominativa no uso de gêneros textuais especializados – mostrando a importância do fenômeno da variação denominativa tanto

no léxico quanto nos textos especializados. A análise permitiu observar que a análise da variação denominativa que se ancora nas teorias descritivas desenvolvidas no âmbito da Terminologia precisa considerar aspectos funcionais, e não os puramente estruturais do discurso especializado. Por meio dos exemplos expostos ao longo deste capítulo, é possível concluir que fatores como o contexto comunicativo, o público-alvo e o canal nos diferentes contextos especializados são aspectos da comunicação especializada que ajudam a compreender os mecanismos do funcionamento desse discurso. A análise mostrou ainda que aspectos comunicativos do universo especializado têm a variação denominativa na sua base, o que comprova a importância desse fenômeno para a Terminologia como um todo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou observar a variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil em diferentes perspectivas e teve como objetivo abordar as causas da dessa variação denominativa nesse universo especializado. Tendo uma perspectiva teórica e metodológica que entende a variação denominativa e conceitual como aspectos naturais do discurso especializado, com função comunicativa, a pesquisa buscou averiguar o fenômeno da variação denominativa em diferentes instâncias da comunicação especializada no universo da cana-de-açúcar no Brasil. Por meio da pesquisa, foi possível observar a variação, suas características e funcionalidades nos diferentes gêneros textuais especializados na oralidade e na escrita.

Ao longo de sua formação como disciplina científica associada à Linguística, na Terminologia, foram criadas várias perspectivas de análise do termo como objeto dos estudos terminológicos. Há algum tempo, a Terminologia vem buscando modos de analisar seu objeto a partir de perspectivas linguísticas que dessem conta das unidades lexicais em diferentes perspectivas e isso tem sido feito por vários pesquisadores e grupos de pesquisa interessados nas reflexões sobre a linguagem em ambiente técnico e científico. No Brasil, a história da Terminologia na Linguística tem mostrado que muitos pesquisadores associados à disciplina têm tido um diálogo intenso com os de outros países, como o Canadá, a França e a Espanha, entre outros, construindo reflexões que têm colaborado com a Terminologia em nível mundial. Esses diálogos trouxeram para as pesquisas brasileiras abordagens linguísticas do signo terminológico, mostrando, com isso, as diferentes características das terminologias das diferentes áreas técnico-científicas em língua portuguesa do Brasil. Essas pesquisas têm dado interessantes contribuições e têm auxiliado o avançar da disciplina no País. A pesquisa relatada neste estudo buscou alinhar-se a essas pesquisas, analisando o uso e as funções da variação terminológica. na comunicação especializada. Mesmo com esse diálogo intenso entre países e pesquisadores, a Terminologia de cunho linguístico ainda tem muito a conquistar, sobretudo no que diz respeito à pesquisa linguística com interesse na realidade comunicativa dos diferentes universos especializados em sua complexidade. Embora se reconheça o texto como o ativador ou o caracterizador de uma unidade lexical especializada, os estudos terminológicos precisam considerar o texto especializado e seu uso além do habitat natural do termo, buscando uma ótica que dê conta de suas diferentes perspectivas e funções no universo especializado. Além disso, precisa considerar o texto

especializado oral e escrito e seus diferentes gêneros textuais utilizados nos diferentes universos profissionais e culturais. Só assim será possível ter dados reais do uso e da realidade linguística da terminologia.

As análises que foram apresentadas aqui buscaram oferecer exemplos de um fenômeno em uma complexa estrutura comunicativa, que são os diferentes textos orais e escritos no discurso especializado do universo da cana-de-açúcar no Brasil. Este trabalho parte da perspectiva de que conhecer a realidade linguística de um universo especializado é considerar as diferentes especificidades do texto, em diferentes contextos discursivos, e fazer análises que considerem os múltiplos sistemas de que a comunicação no universo especializado é composta; em outras palavras, a análise do léxico especializado precisa considerar tanto a face linguística quanto a face funcional dos universos especializados. As análises apresentadas aqui foram realizadas nessa perspectiva, buscaram, sobretudo, observar a face funcional da variação denominativa no universo especializado da cana-de-açúcar.

A pesquisa mostrou que as mudanças estruturais e tecnológicas ocorridas dentro do setor sucroalcooleiro têm trazido modificações em todas as esferas da indústria e da pesquisa na área da cana-de-açúcar, e isso tem acarretado novas formas de comunicação e um contato maior entre o público geral, interessado em saber mais sobre o principal produto da indústria no momento, o etanol, e as grandes indústrias sucroalcooleiras e os setores de pesquisa em cana-de-açúcar. Esse avanço e essa aproximação ocasionaram uma grande mudança na terminologia da cana e têm feito com que o setor se alinhe às grandes exigências do mercado: o uso de grandes tecnologias e o conhecimento científico aplicado ao desenvolvimento de novas variedades de cana e melhoramento das já existentes. Esses recentes acontecimentos explicam muitas características da terminologia da cana-de-açúcar, objeto deste estudo, uma vez que a diversidade denominativa também advém das mudanças no uso dos meios e dos gêneros disponíveis para divulgar esse saber.

Os resultados mostram que a variação denominativa nesse universo é uma realidade, e que o fenômeno está atrelado a diferentes causas, que estão relacionadas ao uso da linguagem especializada em diferentes âmbitos por meio da oralidade e da escrita. Fatores como gênero, público-alvo, nível de especialização e materialização do texto especializado foram vistos tanto como fatores que condicionam o fenômeno em ótica quanto como o próprio objeto analisado. As teorias e as perspectivas descritivas tanto da Linguística, de modo geral, quanto da Terminologia colaboraram para as análises e para

as discussões feitas ao longo de todo o trabalho. Nesse sentido, os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia, as ideias e os métodos apresentados por Ciapuscio (2003), no âmbito da Terminologia Textual, e as discussões e abordagens do texto feitas pela Linguística Textual e pela Linguística de *Corpus* colaboraram para que o fenômeno da variação denominativa fosse entendido em sua complexidade. Dentre as variáveis observadas, a pesquisa mostrou que as diferentes materializações do texto (oralidade e a escrita) foram variáveis importantes para a variação denominativa no *corpus*. Os textos escritos foram os que apresentaram mais variantes linguísticas para denominar os conceitos que foram analisados. Esses resultados dialogaram com a análise que foi feita na segunda parte do estudo, em que se observou maior variação no texto escrito ou maior uso de variantes lexicais para tratar do mesmo conceito. Uma prova de que o canal comunicativo foi relevante para os resultados é que, conforme foi observado, mesmo com a redução do número de palavras do *corpus* escrito, este continuou apresentando um índice de variação maior que o *corpus* oral.

Os diferentes aspectos comunicativos investigados também mostraram diferentes níveis de relevância para os fatores da variação encontrados, tendo em vista que os diferentes contextos comunicativos, ou seja, o gênero textual utilizado, suas condições de produção e o público-alvo, que é composto por especialistas, semiespecialistas e público geral, não apresentaram as mesmas condições de variação: textos da mesma esfera discursiva apresentaram níveis de variação diferentes. Isso mostra que outros fatores, como a natureza do discurso e características pragmáticas da produção do discurso especializado são mais relevantes para a variação do que a instância discursiva (mais ou menos especializada) em si. Nesse sentido, deve-se entender que nenhuma instância discursiva é homogênea, ao contrário, essas instâncias são atravessadas por um sem número de situações específicas e que balizam o uso ou não de variantes terminológicas. Nesse sentido, é possível concluir que fatores situacionais e próprios de um gênero mostram-se mais importantes do que alguns parâmetros já estabelecidos, como dizer que um texto mais especializado varia menos do que um texto menos especializado.

É importante ressaltar que a variação denominativa nesse discurso apresentou um nível discreto. Observou-se que o grupo de conceitos com menor número de variação representa mais de 56% (conceitos monodenominativos e conceitos polidenominativos com apenas duas denominações) dos dados, embora haja conceitos que apresentam um número elevado de denominações. A pesquisa também apresentou uma análise de

diferentes gêneros textuais especializados e dos modos de organização de informações e referenciação nesses gêneros. Mostrou que as diferentes estratégias de coesão, coerência e de referenciação são realizadas de modos diferentes, principalmente quando se considera a materialização do texto. Foi observado que, quando o texto é oralizado, este é mais repetitivo do que o texto escrito. Neste último, as referenciações são feitas por meio da variação denominativa dos conceitos e por meio de expressões que apresentam as diferentes características dos conceitos. Esses diferentes modos de produzir a coerência e a coesão no texto especializado mostram um traço importante e diferenciador entre os diversos gêneros especializados, visto que cada gênero, por conta do estilo, dos objetivos pretendidos e do público-alvo, utiliza-se de diferentes recursos de coesão, coerência e referenciação.

Como foi afirmado anteriormente, a oralidade especializada do português brasileiro precisa ser mais explorada pela Terminologia, visto que ainda são poucos os trabalhos que observam o fenômeno da variação denominativa ou qualquer outro fenômeno terminológico em *corpora* orais do português. São necessários novos trabalhos que busquem analisar os diferentes fenômenos de interesse da Terminologia nesse mar de material que existe em português brasileiro e que ainda espera análise por parte dos estudos linguísticos e terminológicos no Brasil. Com o advento da internet e com o grande acesso aos vídeos e palestras que circulam nas redes sociais, torna-se mais acessível ter um retrato das terminologias em uso real.

Espera-se que, com esta pesquisa, outras possam surgir para analisar outras áreas, com um número maior de dados. É notória, no que diz respeito à cana-de-açúcar, a dificuldade de acesso a material aberto, tendo em vista os interesses econômicos que controlam o setor: grandes empresas privadas do setor são responsáveis e organizam cursos e eventos, obtendo a propriedade de todo o material produzido. Os materiais e as informações disponíveis sobre a cana-de-açúcar se referem majoritariamente ao setor de negócios, que se utiliza muito da rede para divulgação.

O universo da cana-de-açúcar tem uma terminologia muito complexa e que precisa ser analisada, dadas as diferentes demandas do setor e a necessidade de comunicação com outros setores e com a sociedade no geral, relações que ainda são muito importantes para a sociedade e para o setor em si. É flagrante que há pouco material disponível para consulta e para a referência, o que pesquisas terminográficas futuras podem resolver com a construção de um dicionário ou um thesaurus da terminologia do setor. Há algumas iniciativas particulares, no próprio setor ou nos cursos de graduação da

área de engenharia agronômica ou até de algumas usinas, mas se observam, nessas obras, alguns equívocos que uma pesquisa acadêmica da área da Terminologia e da Terminografia poderia resolver sem grandes dificuldades.

Por fim, espera-se que os estudos sobre a variação terminológica possam avançar e trazer dados interessantes para as diferentes discussões, e cada vez mais esse possa ser um fenômeno visto não como um empecilho ou um problema na comunicação especializada, mas como algo necessário e que faz parte de toda e qualquer comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcelos. *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)*: uma aplicação. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). 290f. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, 2000.

_____. A Teoria Comunicativa da Terminologia e sua prática. *Alfa*, n.50, v.2, p. 85-101, 2006.

_____. A problemática epistemológica em terminologia: relação entre conceitos. *Alfa*, n. 42, p.223-233, 1998.

ALMEIDA, Maria da Graça Marinho de. *O texto didático escrito para educação a distância: um estudo acerca dos fundamentos e estratégias de elaboração*. 296 fls. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

_____. Importância da mediação pedagógica nos textos didáticos escritos para a educação a distância. In. MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). *Fundamentos e Práticas na Educação a Distância*. Maceió: EDUFAL, 2009, p.93-107.

ALVES, Ieda Maria. O léxico no texto falado. In. PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 157-167.

_____. Polissemia e Homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, n. 44, p.261-271, 2000.

_____. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

ARAÚJO, Mariângela de. *A elaboração de um dicionário terminológico da economia*: aspectos da sinonímia no discurso especializado. 136f. Tese (Doutoramento em Letras), Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2007.

_____. Terminologia e Linguística: novas tendências dos estudos terminológicos. In. MURAKAWA, Clotilde de Almeida; NADIN, Luiz Odair. *Terminologia*: uma ciência interdisciplinar. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2013, p.43-60.

ARNTZ, R. PICHT, H. *Introducción a la terminología*. Madrid: Fundación Germán Sáchez Ruipérez / Pirámide, 1995.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

AUSTIN, John. *How to do things with the words.* Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BAGNO, Marcos. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2015.

BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de Terminologia.* São Paulo: EDUSP, 2004.

BERBER-SARDINHA, Tony. Tamanho de *Corpus*. Revista *The Especialist*, v. 23, n. 02, 2002, p. 103-122.

_____. Linguística de *Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BAKHTIN, Mikail. *A estética da criação verbal*. 2 ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University press, 1991.

BOWKER, Lynne; PERSON, Jennifer. *Working with specialized language*: a practical guide to using *corpora*. London: Routledge, 2002.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología*: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

_____. La Terminología, una disciplina en evolución: passado, presente y algunos elementos de futuro. *Debate Terminológico*, v. 1, n.1, p. 1-14, 2005.

_____. La Teoría Comunicativa de la Terminología, una aproximación lingüística a los términos, *Revue française de linguistique appliquée*, n. 2, v. 14, p. 9-15, 2009.

_____. Theories of terminology: their descriptions, prescriptions and explanation. *Terminology*, n. 9, v. 2, 163-199, 2003.

_____. Elements for a theory of terminology: towards an alternative paradigm. *Terminology*, v. 6, n. 1, 35-57, 2000.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da Linguística Formal à Linguística Social*. São Paulo: Parábola: 2013.

_____. Norma Culta e Variedades Linguísticas. In. CECCANTINI, RONI Farto Pereira; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Pedagogia Cidadã, cadernos de formação:* língua portuguesa. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004, v.1, p.47-60.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto prión. *Quark*, n. 12, p. 56-66, 1998.

CIAPUSCIO. La Terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento y variación. *Organon*, n 26, v.12, p. 1-15, 1998.

_____.; KUGUEL, Inés. Hacia una tipología del discurso especializado: aspecto teóricos y aplicados. In. J. García Palacios; Maria Teresa Fuentes (orgs.). *Entre la terminología, el texto y la traducción.* Salamanca: Almar. 2002, p. 37-73.

_____. *Textos Especializado y Terminología*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2003.

_____. (org). *Da palabra al texto*: estudios lingüísticos del español. Buenos Aires: EDuDEBA, 2010.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, p. 1-14, 1995.

_____. Aspectos da Terminologia Geral e da Terminologia Variacionista. *Tradterm*: Revista do Departamento Interdisciplinar em Tradução e Terminologia. V.7, p. 11-40, 2001.

FELBER, Helmut. *Terminology Manual*. Paris: International Information Centre for Terminology, 1984.

FINATTO, Maria José Bocorny; ZILIO, Leonardo (orgs.). *Textos e Termo por Lothar Hoffmann*: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas. Porto Alegre: Paloti, 2015.

_____. Termos, textos e textos com termo: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia, v. II. Campo Grande: EDUFMS, 2004, p. 341-357.

_____. Do termo ao texto: novas tendências dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. XL SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 50 São Paulo. *Anais*... São Paulo: GEL, p. 1-4, 2002a.

_____. O papel da definição de Termos Técnico-Científicos. *Revista da ARALIN*.v.1, n.1, p.73-97, 2002b.

FREIXA, Judith. *La variació terminològica. Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. 397f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto di Lingüística Aplicatta, 2002.

_____. Causes of denominative variation in terminology: a typology proposal. *Terminology* international journal and applied issues in specialized communication. v 12, n. 1, 2006, p 51-78.

_____.Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Revista Debate Terminológico*. n. 09, v.1, p.11-37, 2013

FERNÁNDEZ-SILVA, Sabela; FREIXA, Judith. Camiños denominativos para un mesmo concepto. *Viceversa*: Revista Galega de Traducción, n. 12, v.1, p. 95-110, 2006.

FREITAG, Raquel Maister Ko.; MARTINS, Marcos Antonio; TAVARES, Maria Alice. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*. v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GAUDIN, François. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia e terminologia. v. 7, Campo Grande: EDUFMS, 2014, p. 293-309.

FETTER, Giselle Liana. *Divulgação Tecnológica para Agricultores: análise de terminologia sob a ótica da linguística-funcional.* 534fls. Tese (Doutoramento em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie:* des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Université de Rouen, 1993.

GOES, Tarcizio; MARRA, Renner; SOUZA E SILVA, Geraldo. Setor Sucroalcooeiro no Brasil: situação atual e perspectiva. *Revista Política Agrícola*, v. 17, n. 2, p. 39-51, 2008.

GREEN, Geórgia. *Pragmatics and a natural language understanding*. New Jerseyy. Lawrence Erlbaun association publish, 1992.

HALLIDAY, Michael. *Spoken and written language*. 3ª ed. Oxford: Oxford University press, 1990.

_____; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. New York: Routledge, 2014

KOCOURECK, Rostilav. Textes et termes. *Meta:* journal des tracteurs, v 36, n. 1, p. 71-76, 1991.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual*: trajetória e grandes temas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Linguística Textual: retrospectivas e perspectivas. *Alfa*, n. 41, v. 1, p.67-78, 1997.

KOSTINA, Irina. *La variación conceptual de los términos em discurso especializado.* 500f. Tese (Doutoramento em Linguística Aplicada). Programa de Doctorat em Lingüística Aplicada, Universidat Pompeu Fabra, 2009.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia Revisitada. *D.E.L.T.A.* n. 2, v. 16, p. 209-228, 2000.

_____. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. *ReVEL:* Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 9, n. 17, p. 443-452, 2011.

_____. Divulgação científica e terminologia. In. V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROSTEXTUAIS, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2009. *Anais*...Caxias do Sul: EDUCS, 2009, p. 1-11.

_____. SANTIAGO, Márcio Sales; CABRÉ, Maria Teresa. Terminologia em foco: uma entrevista com Maria Teresa Cabré. *Calidoscópio*, v.11, n. 3, 328-332, 2013.

_____; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia:* teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KUGUEL, Inés. Variación terminológica y correferencialid textual. *Organon*, n.26, p. 1-12, 1998.

_____. Géneros Académicos y grado de especialización. In. CIAPUSCHIO, Diomar Elena. *De la palabra al texto:* estudios lingüísticos del español. Buenos Aires, EduEBA, 2010, p. 86-121.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Alcides Fernandes de. *A Socioterminologia da Indústria Madeireira*. Tese (doutoramento em Linguística), 339f. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2010.

MACIEL, Anna Maria Becker. Terminologia e *corpus*. In. TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013, p. 29-46.

_____. Quais são os rumos da Terminologia no século XXI? In. ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia, v.7. Campo Grande/São Paulo: EDUFMS/ HUMANITAS, 2007, p. 371-383.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Oralidade e escrita. *Signótica*, n. 9, v.1, p.119-145, 1997.

_____; DIONÍSIO; DIONÍSIO, Ângela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In. MARCHUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paíva (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 13-30

MARCUSHI, Luiz Antonio; KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação. JUBRAN, Clécia Spinardi (org). *A construção do texto falado:* gramática do português culto falado no português. São Paulo: Contexto, 2015, p. 351-367)

MARTELLOTTA, Mário Eduardo; KENNEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In. CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELLOTTA, Mário Eduardo Toscano (orgs.). *Linguística Funcional:* teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/ FAPERJ, 2003, p. 17-28.

_____. *Mudança linguística*: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MIRANDA, Alessandra Alves Pereira Braga de. *Palestra TED:* um novo gênero do discurso? 197fls. (Dissertação) Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem Pontífice Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2016.

MOTTA-ROTH, Désirée. Escritura, gênero acadêmico e construção de conhecimento. *Letras*, v.17, n.1, p.93-110, 1998.

_____. Popularização da ciência como prática social e discursiva. In. _____; GIERING, Maria Eduarda (orgs.). *Discurso de popularização da ciência*. Santa Maria: EdUFSM, 2009, p. 130-195. E-book disponível em: http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/ acesso em 28/02/2017.

_____.; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção Textual na universidade.* São Paulo: Parábola, 2010.

_____.; SIQUEIRA, Fernanda Oliveira; MARCUZZO, Patrícia; REIS, Susana Cristina dos; KURTZ, Fabiana Diniz. Uma análise de periódicos acadêmicos eletrônicos brasileiros nas áreas das ciências humanas, biológicas e naturais. *Revista de Letras*, n. 25, v.2, 2003, p. 103-111.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *A Gramática Funcional*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MELLO, Heliana; RASSO, Tommaso. Frames e fala espontânea. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 55, v. 1, p. 99-108, 2013.

OLIVEIRA, Maria do Carmo L. de; PEREIRA, Maria da Graça D. A Sociolinguística e os estudos da Interação. In. MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Sociolinguística, Sociolinguísticas*. São Paulo. São Paulo: Contexto, 2016, p. 110-122.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em Linguística. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística*: fundamentos epistemológicos. v.3, São Paulo: Cortez, 2004.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical:* noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

PRETI, Dino (org). *Análise de textos orais*. São Paulo: humanitas, 1999.

REY, ALAIN. A Terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs). *As ciências do léxico:* Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: Campo Grande/ São Paulo: EDUFMS/ HUMANITAS, 2007, p. 323-340.

SANTIAGO, Márcio Sales; ARAÚJO, Júlio. Projeto *Termiredes*: terminologia das redes sociais no Brasil. In. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D´Orange. *Léxico em cena:* contribuições para os estudos lexicais. São Paulo: cultura acadêmica, 2016, p. 207-221.

SARAIVA, José Américo Bezerra. O plurissignificativo termo função. *Revista de Letras, n 2, v. 18,* p. 9-13, 1996.

SEGHEZZI, N. El papel de la oralidad en Terminología. *Interlingüística*, n. 18, pp. 1-18, 2007.

_____. *Variación terminológica y canal de comunicación: estudios contrastivos de textos especializados escritos y orales sobre lingüística*. 342f. Tese (Doutorado em Lingüística), Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2011.

_____. Variación terminológica: de la escritura a la oralidad. *Debate Terminológico*. n. 9, v. 1, pp. 62-80, 2013.

_____.; FREIXA, J. Una aproximación a la variación terminológica en textos orales y escritos. In. Rede Uruterm. X SIMPÓSIO IBOAMERICANO DE TERMINOLOGÍA: terminología, conocimientos, sociedad y poder. *Actas…* Montevideo, Rede Iboamericana de Terminologia, Noviembro de 2006. p 1-12.

SERRA, Luís Henrique. *Um glossário eletrônico da cana-de-açúcar do Maranhão*. 100f. Monografia (Licenciatura em Letras), Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão, 2011.

SHIKIDA, Pery Francisco Assis; AZEVEDO, Paulo Furquim de; VIAN, Carlos Eduardo de Freitas. Desafios da agroindústria canavieira no Brasil: uma análise das capacidades tecnológicas. *RESR*, v. 49, n. 3, 599-628, 2011.

TAGLIAMONTE, S. A. Comparative sociolinguistics. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2003. p. 729-763.

TEMMERMAN, Rita. *Towards new ways of terminology description*: the sociocognitive approach. Amsterdam: John Benjamin Publish, 2000.

URBANO, Hudinilson. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. In. PRETI, Dino (org). *Estudos de Língua Falada:* variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 131-152.

ZILIO, Leonardo. Terminologia Textual e a Linguística de *corpus*: estudos em parceria. In.PERNA, Cristina Becker Lopes; DELGADO, Heloísa Orsi Koch; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs.). *Linguagens Especializadas em corpora:* modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010, p.128-151.

APÊNDICE A

TABELAS DE COMPARAÇAO ENTRE OS CONCEITOS QUE ESTÃO EM TODO O CORPUS

TEXTO ESPECIALIZADO ESCRITO

Código	Termo	Variante	Quant de variante
CA1	Colmo	Colmo da cana-de-açúcar	1
CB2	Cultivar	Variedade, clone	2
CC3	Perfilho	Broto, perfilho da cana-de-açúcar	1
CD4	Perfilhamento	Perfilhamento da cana-de-açúcar	2
CE5	Soqueira		0
CF6	Cana-de-açúcar	Cana, planta, variedade, variedade de cana, variedade de cana-de-açúcar	5
CG7	canavial	Terreno, terra, área com cana, área cultivada, área de cana-de-açúcar, área de cultivo, área de plantio, área plantada,	8
CI8	Entrelinha	Entrelinhas de plantio, espaçamento, espaçamento entre sulcos, espaçamento no plantio, entre fileiras, distância entre fileiras, espaçamento entre sulcos	7
CJ10	Brotação	Brotação das soqueiras, emergência da cana-de-açúcar	2
CJ9	Linha	Linhas da cultura de cana-de-açúcar, linha de planta, linha de cana, linha de plantio, Fileiras, fileiras de planta	6
CK11	Cultura	Cultura da cana, cultura da cana-de-açúcar	2
CL12	Plantio		0
CM13	Cana-soca	Cana soca, soca, rebrota da soqueira, rebrota	4
CN14	Preparo do solo	Preparo, preparação do solo, manejo do solo	3
CO15	Cana-ano	Cultura de doze meses	1
CP16	Biomassa	Fitomassa	1
CQ17	Palha	Palha de cana-de-açúcar	1
CR18	Manejo Varietal	Manejo da cultura, manejo de variedades, manejo,	3
CS19	Sulco	Sulco de plantio, fileira	2
CT20	Broca	Broca da cana-de-açúcar	1

Conceitos: 20 / Denominações: 72 / índice de variação denominativa: 3.6

Número de denominações: 1 denominação (3) / 2 denominações (5) / 3 denominações (6)/ 4 denominações (2) / 5 denominações (1)/ 6 denominações (1)/ 7 denominações (2) 9 denominações (2)

TEXTOS ESPECIALIZADOS ORAIS

	Termo	Variante	Número de variantes
CA1	Colmo		0
CB2	Cultivar	Cultivar de cana-de-açúcar, variedade	2
CC3	Perfilho		0
CD4	Perfilhamento		0
CE5	Soqueira		0
CF6	Cana-de-açúcar	Cana, planta	2
CG7	canavial	Área colhida, área, plantação, terra, área de cana, áreas de cana-de-açúcar,	6
CI8	Entrelinha	Espaçamento	1
CJ10	Brota		0
CJ9	Linha	leira	1
CK11	Cultura	Cultura Agrícola da cana, cultura da cana	2
CL12	Plantio	Plantio da cana	1
CM13	Cana-soca		0
CN14	Preparo do solo	Preparo	1
CO15	Cana-ano		0
CP16	Biomassa	Fitomassa	1
CQ17	Palha	Palha da cana, palha de cana-de-açúcar, folha seca, palhada	4
CR18	Manejo Varietal	Manejo	1
CS19	Sulco		0
CT20	Broca		0

Conceitos: 20 / denominações:42/ índice de denominação: 2.1

Número de Denominações: 1 denominação (9) / 2 denominações (6)/ 3 denominações (3)/ 5 denominações (1) / 7 denominações (1)

TEXTO DIDÁTICO ESCRITO

Código	Termo	Variante	Número de Denominação
CA1	Colmo	Colmo da cana, caule	2
CB2	Cultivar	Clone, variedade	2
CC3	Perfilho	Perfilhos de cana, colmo secundário, broto	3
CD4	Perfilhamento		0
CE5	Soqueira		0
CF6	Cana-de-açúcar	Cana, planta, planta de cana-de-açúcar, planta de cana	4
CG7	canavial	Área, área de plantio, talhão, área plantada, área de cana-de-açúcar, terreno.	6
CI8	Entrelinha	Entrelinha da cultura, espaçamento entre os sulcos, espaçamento da cana-de-açúcar, espaçamento entre canais, espaçamento, rua	6
CJ10	Brotação	Emergência da cana, brotação das soqueiras, brotação da soca, brotação da socaria	4
CJ9	Linha	Linha de cana, linha da cana, linha de plantio, fileiras de planta	4
CK11	Cultura	Cultura da cana-de-açúcar, cultura de cana	2
CL12	Plantio	Plantio da cana, plantio da cana-de-açúcar, plantio de cana, plantio do canavial, cultivo da cana, cultivo da cana-de-açúcar, cultivo	7
CM13	Cana-soca	Soca, soqueira	2
CN14	Preparo do solo	Preparo de solo, preparo do terreno	2
CO15	Cana-ano	Cana de ano, cana-de-ano	2
CP16	Biomassa	Fitomassa	1
CQ17	Palha	Palha da cana-de-açúcar, palha da cana	2
CR18	Manejo Varietal	Manejo das variedades, manejo varietal da cana, manejo	3
CS19	Sulco	Sulco de plantio	1
CT20	Broca de cana		0

Conceitos: 20, Denominações: 73, índice de variação denominativa: 3.65

Número de denominações por conceito: 1 denominação (3) / 2 denominações (2) / 3 denominação (7) / 4 denominação (2) / 5 denominações (3) / 7 denominações (2)/ 8 denominações (1)

TEXTOS DIDÁTICOS ORAIS

	Termo	Variante	Número de Variantes
CA1	Cultivar	Variedade da cultura da cana-de-açúcar, variedade de cana-de-açúcar, variedade	3
CB2	Brotação	Brota	1
CC3	Cultura	Cultura de cana-de-açúcar	1
CD4	Plantio		0
CE5	Preparo do solo		0
CF6	Colmo	Colmo da cana	1
CG7	Broto		0
CI8	Perfilhamento		0
CJ10	Cana-de-açúcar	Cana, planta, variedade,	3
CJ9	Soqueira		0
CK11	Linha	Linha de cana	1
CL12	Canavial	Área de plantio, terra, terra para o plantio	3
CM13	Entrelinha		0
CN14	Soca		0
CO15	Cana-ano		0
CP16	Palha		0
CQ17	Manejo Varietal	Manejo das variedades, manejo de variedades, manejo	3
CR18	Sulco		0
CS19	Broca	Broca da cana	1
CT20	Biomassa		0

Conceitos**:** 20/ Denominações: 37 / índice de variação: 1,9

Número de conceitos por denominação: 1 denominação (11)/ 2 denominações (5)/ 4 denominações (4)

TEXTOS DE DIVULGAÇÃO ESCRITOS

Código	Termo	Variante	Número de variantes
CA1	Cultivar	Cultivar de cana-de-açúcar, variedade de cana	2
CB2	Brotação	Brotação das gemas, brotação das socas	2
CC3	Cultura	Cultura canavieira, cultura de cana-de-açúcar, cultura da cana-de-açúcar, cultivo de cana, cultivar da cana-de-açúcar	5
CD4	Plantio	Plantio da cana-de-açúcar, plantio da cana, plantio de canavial, plantio de muda	4
CE5	Preparo do solo	Preparo de solo, preparo, ajuste do solo	3
CF6	Colmo	Caule, colmo da planta, haste, caules da cana-de-açúcar, talo	5
CG7	Perfilho		0
CI8	Perfilhamento		0
CJ10	Cana-de-açúcar	Cana, planta, planta da cana-de-açúcar, planta de cana, cultura	5
CJ9	Soqueira	Soqueira da cana	1
CK11	Linha	Linha de cana,	1
CL12	Canavial	Terreno cultivado, área cultivada, área de cana, área de cultivo, área de plantio, área plantada com cana, área canavieira, área de cultivo de cana-de-açúcar, Plantação de cana, plantação	11
CM13	Entrelinha	Espaçamento da entrelinha, faixa de espaçamento, espaçamento da cultura	3
CN14	Cana-soca	Soca, soqueira	2
CO15	Cana-ano	Plantio-de-ano, cana-de-ano, plantio de ano, cana de 12 meses	4
CP16	Palha	Palha da cana	1
CQ17	Manejo Varietal	Manejo cultural	1
CR18	Sulco	Sulco de plantio	1
CS19	Broca	Broca da cana	1
CT20	Biomassa	Biomassa da cana	1

Conceitos: 20 / Denominações: 73 /índice de variação denominativa: 3,7

Número de conceitos por denominação: 1 denominação (2) / 2 denominações (7) / 3 denominações (3) / 4 denominações (2) / 5 denominações (2) / 6 denominações (3) / 12 denominações (1)

TEXTOS DE DIVULGAÇÃO ORAL

Código	Termo	Variante	Número de variantes
CA1	Cultivar	Cana que foi geneticamente modificada	1
CB2	Brotação		0
CC3	Cultura	Cultura da cana, cultura de cana, cultivo da cana, cultivo de cana	4
CD4	Plantio	Plantio da cana-de-açúcar, plantio de cana	2
CE5	Preparo de solo	preparo	1
CF6	Colmo	Colmo de cana, haste	2
CG7	Perfilho		0
CI8	Perfilhamento	Desenvolvimento do colmo	1
CJ10	Cana-de-açúcar	Cana, planta, pé de cana	3
CJ9	Soqueira		0
CK11	Linha	Fileira	1
CL12	canavial	Área, terreno, terra, área de cana	4
CM13	Entrelinha		0
CN14	Soca	Soca da cana	1
CO15	Cana-ano		0
CP16	Palha		0
CQ17	Manejo Varietal	Manejo	1
CR18	Sulco		0
CS19	Broca		0
CT20	Biomassa		0

Conceitos: 20 / Denominações: 41/ índice de denominações: 2,0

Conceitos por número denominações: 1 denominação (9)/ 2 denominações (6)/ 3 denominações (2)/ 4 denominações (1)/ 5 denominações (2)

APÊNDICE B

TABELA DO CORPUS DO ESTUDO

TEXTO	FONTE	TÍTULO
TEXTOS CIENTÍFICOS		
PALESTRA 1	https://www.youtube.com/watch?v=WqJ2c9b1BBc	Conclima - Newton La Scala Jr - Programa Fapesp de Mudanças Climáticas
PALESTRA 2	https://www.youtube.com/watch?v=hhESpuTIHhk&t=1754s	Seminário Coopercitrus sobre palha de cana-de-açúcar 2014
PALESTRA 3	https://www.youtube.com/watch?v=c7hulnSB54M&t=1s	WRSUCRE: Visão do Grupo Zilor sobre remoção de palha (Parte 2-8)
Artigo 1	RT/21, EMBRAPA-CPAF Rondônia, nov./10, p.2-5	Recomendações técnicas para o cultivo da cana-de-açúcar forrageira em Rondônia
Artigo 2	Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental v.12, n.6, p.576–583, 2008	A cana-de-açúcar em sistema de plantio direto comparado ao sistema convencional com e sem adubação
Artigo 3	Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental v.13, n.4, p.389–396, 2009	Crescimento e produtividade agrícola de cana-de-açúcar em diferentes fontes de fósforo
Artigo 4	Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental. v.18, n.8, p.798–804, 2014	Cana-de-açúcar com irrigação por gotejamento em dois espaçamentos entrelinhas de plantio
Artigo 5	Revista Tecnol. & Ciência. Agropecuária, João Pessoa, v.11, n.2, p.1-6, jun. 2017 1	Aplicação da cama de frango no sulco de plantio sobre o desenvolvimento inicial da cana-de-açúcar
Artigo 6	Revista Semina: Ciências Agrárias, Londrina, v. 36, n. 1, p. 151-164, jan./fev. 2015	Atributos microbiológicos de um latossolo sob cultivo de cana-de-açúcar com e sem queima da palhada
Artigo 7	Revista Brasileira de Energias Renováveis, v. 1, p. 122 - 147, 2012	Mapeamento da produção da cana-de-açúcar no Brasil, com ênfase no Estado do Paraná e na sua Região Noroeste
Artigo 8	Revista Brasileira de Energias Renováveis, v. 1, p. 122 - 147, 2012	Mapeamento da produção da cana-de-açúcar no Brasil, com ênfase no Estado do Paraná e na sua Região Noroeste
TOTAL		
DIDÁTICO		

AULA 1	https://www.youtube.com/watch?v=uJlmo2ZAw20	Técnico agrícola cultura da cana de açúcar 2014 04 22
AULA 2	https://www.youtube.com/watch?v=0kwK1YW4jJI&t=2s	Técnico Agrícola Cana de Açúcar 2014 04 29
AULA 3	https://www.youtube.com/watch?v=uJlmo2ZAw20&t=807s	Técnico agrícola cultura da cana de açúcar
APOSTILA 1	http://estudio01.proj.ufsm.br/cadernos/ifgo/tecnico_acucar_alcool/tecnologia_fabricacao_acucar.pdf	Tecnologia de Fabricação do açúcar
APOSTILA 2	http://estudio01.proj.ufsm.br/cadernos/ifgo/tecnico_acucar_alcool/nocoes_cultura_cana_acucar.pdf	Noções sobre a cultura de cana-de-açúcar
APOSTILA 3	*www.infobibos.com/cursocana/*	Curso a Distância: tópicos da colheita da cultura da cana-de-açúcar
DIVULGAÇÃO		
ENTREVISTA 1	https://www.youtube.com/watch?v=trmi-Fb5S0I	Viver Ciência - Cultivo orgânico da cana-de-açúcar em Goiás - Completo
ENTREVISTA 2	https://www.youtube.com/watch?v=oGXVnWR7v6A&t=133s	Plantio de cana-de-açucar é feito em valas; confira
ENTREVISTA 3	https://www.youtube.com/watch?v=trmi-Fb5S0I	Viver Ciência - Cultivo orgânico da cana-de-açúcar em Goiás - Completo
ENTREVISTA 4	https://www.youtube.com/watch?time_continue=35&v=d-fg5YgWco0	Entrevista com Marcelo Menossi sobre a Pesquisa visa aumentar colmo da cana
ENTREVISTA 5	https://www.youtube.com/watch?v=38_KymTL_xc	Como controlar a cigarrinha em cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 1	https://rehagro.com.br/blog/plantio-da-cana-de-acucar/	Qual a melhor época para o plantio?
ARTIGO DIVULGAÇÃO 2	http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONTAG01_33_711200516717.html	Plantio de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 3	https://blog.olugar.org/como-as-plantas-sabem-que-%C3%A9-outono-a7fcfae31b3d	Como as plantas sabem que é outono
ARTIGO DIVULGAÇÃO 4	http://www.inova.jor.br/2017/01/11/tecnologia-agricultura-mudas-cana/	Como as novas tecnologias transformam o plantio?
ARTIGO DIVULGAÇÃO 5	http://www.canalbioenergia.com.br/qual-o-melhor-espacamento-no-plantio-da-cana-de-acucar/	Plantio de cana-de-açúcar exige planejamento detalhado
ARTIGO DIVULGAÇÃO 6	https://blog.ruralvende.com.br/cana-de-acucar-conheca-as-temporadas-de-plantio/	Cana-de-açúcar: conheça as temporadas de plantio
ARTIGO DIVULGAÇÃO 7	https://www.yarabrasil.com.br/nutricao-de-plantas/cana-de-acucar/manejo-do-solo-e-agua-em-cana-de-acucar/	Manejo do solo e água em cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 8	https://www.ecycle.com.br/component/content/article/63/6096-areas-	Áreas de expansão de cultivo da cana podem sofrer

	de-expansao-de-cultivo-da-cana-podem-sofrer-impactos-das-mudanasas-climaticas.html	impactos das mudanças climáticas
ARTIGO DIVULGAÇÃO 9	https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/21274426/preparo-do-solo-e-plantio-da-cana-de-acucar-em-debate	Preparo do solo e plantio de cana-de-açúcar em debate
ARTIGO DIVULGAÇÃO 10	http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONTAG01_2_22122006154840.html	Plantio Manual
ARTIGO DIVULGAÇÃO 11	https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/24429856/precisao-para-a-cana-de-acucar	Precisão para a cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 12	https://www.cpt.com.br/cursos-agroindustria/artigos/cana-de-acucar-principais-exigencias-da-cultura	Cana-de-açúcar: principais exigência da cultura
ARTIGO DIVULGAÇÃO 13	http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/04/19/fronteiras-do-etanol-de-cana-de-acucar/	Fronteiras do Etanol de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 14	http://www.canaonline.com.br/conteudo/pros-e-contras-do-plantio-de-cana-de-ano-confira-mais-informacoes-na-edicao-de-julho-da-revista-canaonline.html#.XAqer9tKjIU	Prós e contras o plantio de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 15	http://www.coopercitrus.com.br/?pag=revista&p=materia&codigo=6526	manejo correto e atenção no plantio refletem em boa colheita e longevidade do canavial
ARTIGO DIVULGAÇÃO 16	http://pessoal.aptaregional.sp.gov.br/noticias/iac-desenvolve-rgua-que-rene-informaes-para-orientar-o-plantio-de-cana-de-acar	iac desenvolve régua que reúne informações para orientar o plantio de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 17	http://www.brasil.gov.br/noticias/economia-e-financas/2018/06/nordeste-comemora-aumento-na-producao-de-cana-de-acucar	Nordeste comemora o aumento de colheita de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 18	https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/estudo-da-embrapa-conclui-que-cultivo-de-cana-de-acucar-e-mais-limpo-que-se-pensa/	Cultivo de cana-de-açúcar é mais limpo do que se pensa
ARTIGO DIVULGAÇÃO 19	https://www.campograndenews.com.br/rural/embrapa-orienta-produtores-a-evitar-cultivo-da-cana-de-acucar-no-inverno	Embrapa orienta plantadores de cana-de-açúcar

ARTIGO DIVULGAÇÃO 20	https://www.investe.sp.gov.br/setores-de-negocios/agronegocios/cana-de-acucar/	Cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 21	http://livrozilla.com/doc/689958/classifica%C3%A7%C3%A3o-brasileira-de-ocupa%C3%A7%C3%B5es-%E2%80%93-cbo	Cana-de-açúcar: apresentação
ARTIGO DIVULGAÇÃO 22	https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-agrarias/praga-canavieira-cigarrinha-da-raiz-produz-espuma-para-reduzir-calor/	Praga canavieira: cigarrinha da raiz
ARTIGO DIVULGAÇÃO 23	http://agencia.fapesp.br/gene-chave-para-acelerar-o-crescimento-da-cana-e-identificado/28215/	Gene-chave para acelerar o crescimento da cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 24	http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/04/19/fronteiras-do-etanol-de-cana-de-acucar/	Fronteiras do Etanol de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 25	http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/02/15/lavoura-mais-produtiva-2/	Lavoura mais produtiva
ARTIGO DIVULGAÇÃO 26	http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/01/16/papel-de-bagaco-e-palha/	Papel do bagaço e palha
ARTIGO DIVULGAÇÃO 27	http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/08/18/canaviais-mais-resistentes/	Canaviais mais resistentes
ARTIGO DIVULGAÇÃO 28	https://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKBN1KZ1PI-OBRBS	Agricultores do Brasil trocam cana por soja
ARTIGO DIVULGAÇÃO 29	http://www.iac.sp.gov.br/noticiasdetalhes.php?id=836	Plantio de cana-de-açúcar
ARTIGO DIVULGAÇÃO 30	https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0912200332.htm	Pesquisa descobre cana para plantar no semiárido
ARTIGO DIVULGAÇÃO 31	https://digital.agrishow.com.br/entenda-os-desafios-no-processo-de-automatizacao-do-plantio-de-cana-de-acucar-2/	Desafios da automatização do plantio de cana
ARTIGO DIVULGAÇÃO 32	https://www.novacana.com/cana-de-acucar	Cana-de-açúcar: tudo sobre a versátil planta